



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS  
CURSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS**

**Sociabilidade, Medo e Estigma no contexto urbano  
contemporâneo: o bairro do Roger na cidade de João  
Pessoa - PB.**

Ricardo Bruno Cunha Campos  
Aluno

Mauro Guilherme Pinheiro Koury  
Orientador

João Pessoa, PB  
2008

RICARDO BRUNO CUNHA CAMPOS

SOCIABILIDADE, MEDO E ESTIGMA NO CONTEXTO URBANO  
CONTEMPORÂNEO: O BAIRRO DO ROGER NA CIDADE DE JOÃO PESSOA – PB

Monografia apresentada ao Curso de Ciências Sociais da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Ciências Sociais, com habilitação em Sociologia.

Orientador:  
Prof. Mauro Guilherme Pinheiro Koury

João Pessoa, PB  
2008

**RICARDO BRUNO CUNHA CAMPOS**

**SOCIABILIDADE, MEDO E ESTIGMA NO CONTEXTO URBANO  
CONTEMPORÂNEO: O BAIRRO DO ROGER NA CIDADE DE JOÃO PESSOA – PB**

Aprovado em \_\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Mauro Guilherme Pinheiro Koury  
Orientador

---

Profª. Tereza Correia da Nóbrega Queiroz  
Examinadora

---

Profª. Maria Sandra Rodrigues dos Santos (UNIPÊ)  
Examinadora

## **RESUMO**

O presente trabalho aborda as temáticas da sociabilidade, da cultura urbana e da sociedade brasileira no mundo contemporâneo, tendo como base o medo e os indivíduos em relação no seu cotidiano. Discutimos a sociabilidade no bairro do Roger, na cidade de João Pessoa, Paraíba, tomando como ponto principal as relações entre seus moradores. Através de suas memórias e de sua constituição no processo histórico, fazemos um diálogo com os dados estruturais e sócio-econômicos que os impelem nestas vivências. Visamos investigar o medo em sua construção no social e no imaginário dos habitantes das cidades brasileiras contemporâneas, além dos processos que conformam, estabelecem e re-configuram as sociabilidades de locais específicos dentro da cidade. Por meio de nossa pesquisa etnográfica, apontamos o processo de desenvolvimento urbano local, situando a especificidade de um bairro popular e pobre, bem como as estratégias simbólicas e materiais que possibilitam a vida e o viver, em uma sociedade onde a desigualdade social é refletida em elementos como: o estigma, o uso e apropriação do espaço, e o pertencimento a grupos e a locais dentro da mesma.

**PALAVRAS CHAVES:** Sociabilidade; Medos Corriqueiros; Cultura Urbana.

## **ABSTRACT**

The present paper approaches the themes of sociability, urban culture, and Brazilian society in contemporary world, having basis on the fear and the individuals in everyday life background. We discuss the sociability in Roger's neighborhood, in the city of João Pessoa, Paraíba, considering the relationship between the residents with our principal basis. Through their memories and during its constitution in historic process, we dialogue with the structural, social, and economic dates that push them in everyday life. We intend to investigate the construction of fear, in the social and in the imaginary of contemporary Brazilian cities, even the process of specific reconfigurations in specific city places. With our ethnographic research, we show the local process of urban development, pointing a poor district on its specificity, even the material and symbolic strategies like the stigmas, used to permit the life in the context of a poor and inequality country.

**KEYWORDS:** Sociability; Ordinary Fears; Urban Culture.

## **DEDICATÓRIA**

Dedico este trabalho a meus pais, Martinho Leal Campos e Maria do Socorro Cunha Campos, também a minha esposa Janaina Dantas Campos e meu recém-chegado filho Bruno Campos, e por fim a meu orientador Mauro Koury. Todos eles me deram possibilidades, impulsionaram e instigaram o surgimento e existência desse trabalho.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a tudo e a todos que fazem parte de mim e de minha vida; a família, os amigos, parceiros, etc. São eles: estudantes, artistas, economistas, punks, intelectuais, professores, insurretos, irmãos; tantos rótulos, nomes e identificações, que não dá para colocar só algumas, sem dizer o mais importante, que todos nós realmente sabemos quem quer o nosso bem, torce por nós e nos apóia quando realmente precisamos.

Em especial agradeço a meu orientador Mauro Koury, a professora Maria Sandra Santos, e aos membros do GREM, por todo incentivo acadêmico e parceria. Aos amigos Mayk, Camila, Galego, Assis, Romani, Nego, Zeka, Camarão, Manolo, Glória, Isadora, Tarcísio, Cleiton, Neném, Rafael, Fernanda, George, Ivana, Inocêncio, Cantalice, todos da “UF”, dentre tantos que estiveram mais próximos no desenrolar da produção desta monografia.

Os estresses, angústias e alegrias não foram só compartilhados com estas pessoas, foram também e principalmente, compartilhados com minha amada Janaína e meus pais. Obrigado por tudo.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

### **MAPAS:**

Mapa 01 – Áreas e ruas de aplicação das entrevistas nas residências do bairro.....	25
Mapa 02 – Área urbana ocupada de João Pessoa em 1963.....	74
Mapa 03 – Área urbana ocupada de João Pessoa em 1993.....	76
Mapa 04 – Área urbana ocupada de João Pessoa atualmente.....	80
Mapa 05 – João Pessoa, seus bairros e em destaque o Roger.....	81
Mapa 06 – João Pessoa e o Roger: áreas periféricas e áreas elitizadas.....	82
Mapa 07 – O Roger e alguns de seus logradouros a partir de imagem do Google Erath.....	109
Mapa 08 – Mapa do Roger a partir do Google Earth adaptado por mim.....	110
Mapa 09 – Mapa do Roger com seus marcos e conglomerados sub-normais em destaque...111	
Mapa 10 – Divisões hierárquicas a partir de imagem de satélite do Google earth.....	124

### **FIGURAS:**

Figura 1 – Panfleto/cartaz da Prefeitura Municipal falando sobre o Lixão.....	98
Figura 2 – Logotipo do Evento “O Roger Mostra a sua Cara”.....	131

### **FOTOS:**

Foto 01 – A cidade ao lado do Sanhauá.....	67
Foto 02 – Parque Solon de Lucena e centro da cidade em 1940.....	72
Foto 03 – João Pessoa na década de 1950. A Longa reta da Av. Epitácio Pessoa.....	72
Foto 04 – João Pessoa na década de 1950. A Longa reta da Av. Epitácio Pessoa.....	72
Foto 05 – Do “alto Roger” vê-se o rio Sanhauá e onascedouro da cidade.....	84
Foto 06 – Vista a partir de uma praça no vizinho bairro de Tambiá.....	86
Foto 07 – Rua e casas no “baixo Roger”.....	89
Foto 08 – Rua e casas no “baixo Roger”.....	89



Foto 09 – Rua no “alto Roger”.....	89
Foto 10 – Casa no “alto Roger”.....	89
Foto 11 – Casas com diferentes fachadas no “alto Roger”.....	93
Foto 12 – Rua comercial no “alto Roger” .....	93
Foto 13 – Lixão em atividade, visto ao lado da Basílica da cidade.....	96
Foto 14 – Foto aérea do bairro e do antigo Lixão.....	97
Foto 15 – Foto do antigo Lixão tirada da parte alta do bairro.....	97
Foto 16 – Foto da entrada do Presído do Roger.....	100
Foto 17 – Foto da entrada do Presído do Roger.....	100
Foto 18 – Foto de presos amontoados dentro do presídio .....	101
Foto 19 – Foto de ação policial dentro do presídio.....	101
Foto 20 – Foto da guarita e entrada principal da “Bica” .....	102
Foto 21 – Foto da guarita da “Bica” que está sendo construída.....	102
Foto 22 – Foto de placa proibitiva no lago da “Bica”.....	103
Foto 23 – Foto do lago da “Bica” com visão pro bairro.....	103
Foto 24 – Foto da Fonte Inspiradora do nome popular do parque .....	103
Foto 25 – Foto da área destinada aos macacos .....	103
Foto 26 – Interior da Escola Piollin.....	104
Foto 27 - Fronteira com o Padre Zé e entrada para a “Bica”.....	106
Foto 28 – Placa de proibição de pesca na “Bica”.....	106
Foto 29 – Ruas e calçadas no “baixo Roger”, vivência do espaço público.....	125
Foto 30 – Ruas e calçadas no “baixo Roger”, vivência do espaço público.....	125
Foto 31 – Tipo de acesso e beco comum no “baixo Roger”.....	135
Foto 32 – Crianças brincando no espaço público do bairro.....	135
Foto 33 – Crianças brincando no espaço público do bairro.....	135

Foto 34 – Crianças brincando no espaço público do bairro.....	136
Foto 35 – Crianças brincando no espaço público do bairro.....	136
Foto 36 – Foto de estabelecimento comercial do bairro.....	137
Foto 37 – Foto de estabelecimento comercial do bairro.....	137
Foto 38 – Foto de estabelecimento comercial do bairro.....	137
Foto 39 – Foto de ponto nodal no “baixo Roger”.....	140
Foto 40 – Foto do Episódio da busca pelo corpo no lamaçal do “baixo Roger”.....	141
Foto 41 – Foto do Episódio da busca pelo corpo no lamaçal do “baixo Roger”.....	141
Foto 42 – Foto do Episódio da busca pelo corpo no lamaçal do “baixo Roger”.....	141
Foto 43 – Foto do Adesivo de campanha do Vereador Tavinho.....	142

# ÍNDICE

<b>Introdução</b> .....	<b>11</b>
<b>Capítulo 1 – Medo e Sociabilidade: A cultura urbana e sua construção no cotidiano</b> .....	<b>26</b>
<b>Capítulo 2 – A Cidade: história e evolução urbana</b> .....	<b>66</b>
<b>Capítulo 3 – O Bairro e a Cidade</b> .....	<b>84</b>
<b>Capítulo 4 – O Roger e seus moradores: Sociabilidade, Cotidiano e Estigma</b> .....	<b>112</b>
<b>Conclusão</b> .....	<b>151</b>
<b>Referências Bibliográficas</b> .....	<b>153</b>
<b>Anexos</b> .....	<b>162</b>

Anexo 1: Matérias jornalísticas sobre o Lixão.

Anexo 2: Matéria jornalística sobre o presídio.

Anexo 3: Matéria jornalística sobre roubo no bairro.

Anexo 4: Matéria jornalística sobre homicídio no bairro.

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho é uma monografia confeccionada para a obtenção do Grau de Bacharel em Ciências Sociais da Universidade Federal da Paraíba. O trabalho aborda as temáticas da sociabilidade, da cultura urbana e da sociedade brasileira no mundo contemporâneo, tendo como base o medo e os indivíduos em relação no seu cotidiano.

O conteúdo aqui apresentado é proveniente de minha atuação<sup>1</sup> no GREM – Grupo de Estudos em Antropologia e Sociologia das Emoções –, vinculado ao CCHLA da UFPB, no qual desenvolvo desde o ano de 2005 um sub-projeto de pesquisa contido na pesquisa maior: *“Medos Corriqueiros: a construção social da semelhança e da dessemelhança entre os habitantes urbanos das cidades brasileiras na contemporaneidade”* (2000), coordenada por meu orientador.

Procuro discutir a sociabilidade no bairro do Roger, na cidade de João Pessoa, Paraíba, tomando como base a pesquisa Medos Corriqueiros e seus conceitos norteadores. A pesquisa Medos Corriqueiros visa investigar o medo em sua construção no social e no imaginário dos habitantes das cidades brasileiras contemporâneas. Os processos que conformam, estabelecem e re-configuram as sociabilidades de locais específicos dentro da cidade são observados, tendo o medo como foco. O medo é considerado na pesquisa como *“(...) uma das principais forças organizadoras do social”*. É um sentimento que provoca e comanda o comportamento humano, e *“(...) em toda e qualquer forma de sociabilidade o medo encontra-se presente”* (KOURY, 2002, p.121). Essa pesquisa já produziu monografias e estudos em vários outros bairros desta capital<sup>2</sup>, apontando características da sociabilidade e

---

<sup>1</sup> Ingressei no GREM na segunda metade do ano de 2005, iniciando a pesquisa no bairro do Roger no final do mesmo ano atuando como estagiário voluntário. Nos seis meses que compõem a segunda metade do ano de 2006 atuei enquanto bolsista do PROBEX, Programa Institucional de Bolsas de Extensão vinculado a PRAC, Pró-Reitoria de Assuntos Comunitários. Atualmente sigo enquanto estagiário voluntário do grupo desde o início de 2007.

<sup>2</sup> Foram realizadas monografias sobre bairros periféricos como Mangabeira (CAVALCANTE FILHO, 2005), Valentina (ALMEIDA, 2005), Porto do Capim (VILAR, 2001) e Cruz das Armas (SOUZA, 2003); como também em bairros de classe média e alta, como Tambaú (SOUSA, 2004), Tambiá (SILVA, 2003), Bairro dos

dos bairros investigados a partir da ótica do medo, e em sua relação com a cidade em geral na sua construção física e social cotidiana.

O bairro do Roger é um bairro popular que possui, atualmente, padrões de baixa renda na maioria de seus domínios. É um bairro que fica próximo ao grande centro comercial da cidade e também do seu nascedouro. O bairro que inicialmente se configurava como áreas de sítios e de terrenos pertencentes à igreja, hoje tem características demasiadamente urbanas e periféricas. O bairro, inclusive, adquire essa classificação ao longo do desenvolvimento urbano da cidade e de sua expansão, mesmo não estando situado geograficamente distante e isolado da cidade. É considerado como um bairro popular próximo e “colado” ao centro da cidade. O desenvolvimento urbano da cidade, que tem seu *boom* a partir da década de 70 do século passado, traz consigo um movimento de migração interna por parte das classes e grupos mais abastados, que se deslocam dos bairros centrais rumo às regiões das praias no sentido leste, como também um movimento migratório externo por parte de indivíduos na maioria vindo de cidades do interior em busca de melhorias, como um emprego, por exemplo. Isto afeta profundamente a composição da população do Roger e todo processo de existência e de configuração do bairro. Outras questões e fenômenos surgem nesse bojo de crescimento, como, por exemplo, a agitação das ruas, assaltos, e a violência em geral que se agrava com a extrema desigualdade nas cidades do Brasil. Uma moradora do Roger ilustra bem essa característica central do bairro e o processo de transformação da cidade que afeta o lugar em que mora. O imaginário do medo e da violência do presente é muitas vezes contraposto a uma lembrança do passado “melhor”:

*“É um bairro próximo ao centro, não é isolado e já foi bem melhor. Hoje tem de tudo, arrombamento, assalto. O mês passado entraram*

---

Estados (SILVA, 2004). Também se produziu sobre áreas públicas como o Parque Solon de Lucena (Lagoa) (SILVA, 2006), Sobre a noite da cidade (SOUZA, 2005), e em instituições como a Polícia Militar da Paraíba (COELHO, 2006). Além disso vários artigos sobre a pesquisa tem sido publicados periodicamente em revistas nacionais e internacionais.

*em uma casa ali na outra rua.*” (Professora, 48 anos, nascida e criada no bairro.)

A escolha do bairro do Roger como *locus* de pesquisa e estudo se deu pela importância e visibilidade que o bairro tem para a cidade, bem como por sua singularidade em relação aos outros bairros, que é o seu aspecto de comunidade dual, existindo a divisão imaginária entre os moradores do bairro em “alto Roger” e “baixo Roger” (SANTOS, 2001). Por suas características bem marcadas, por ser um dos mais antigos bairros, e por possuir marcos da cidade como: o Parque Arruda Câmara (Bica), o antigo Lixão da cidade e o maior presídio da cidade (Penitenciária Dês. Flósculo da Nóbrega), o bairro atrai o olhar constante da cidade e dos seus cidadãos, que elaboram um imaginário sobre a vida e sociabilidade deste. A mídia divulga o bairro, na maior parte de suas matérias, através de seus aspectos negativos, como sendo um bairro perigoso, violento e de más condições de vida.

Este imaginário da cidade sobre o bairro reflete-se nos moradores, que em suas inter-relações, expressam sua identidade social e a dos outros, a partir das qualidades e características do local em que moram ou provém. Identidades que estimulam as práticas sociais e de intervenção na construção diária do bairro e também da cidade, portanto aplicando-se à questão do desenvolvimento urbano em sua faceta social (DE CERTEAU, 1998a e 1998).

Enquanto sub-projeto que está incluído nas linhas de pesquisa *Medos Urbanos, violência, ruínas e construção das cidades*, e, *Memória e Imaginário Social* do GREM, faz-se preciso apresentar de maneira geral nesta introdução alguns conceitos e teorias norteadoras de nossas atividades, para que fiquem claras nossas hipóteses e problemática de trabalho.

Descortinando as formas de sociabilidade e, portanto, das inter-relações que emergem no cotidiano dos habitantes do bairro, sob a ótica do medo, buscamos decifrar e interpretar a cultura cada vez mais fragmentária cara às cidades ocidentais contemporâneas e

o desenrolar da vida emocional dos sujeitos na vida citadina moderna, como outrora foi discutida pelos autores clássicos da Sociologia e com especial destaque Georg Simmel (1979, 1998, 1999).

Durkheim (1983) via o homem como indivíduo essencialmente incompleto, e que busca no seu semelhante sua completude, é isso que faz do homem um ser eminentemente social, ou melhor, um ser relacional. Nas sociedades tradicionais com pouca ou nenhuma divisão do trabalho, onde a consciência coletiva é maior ou não deixa espaço para a individual, ocorreria a *Solidariedade Mecânica*, através do princípio de semelhança; já nas sociedades modernas ocorreria a *Solidariedade Orgânica*, através da diferenciação e da dessemelhança entre os indivíduos, com a existência de uma divisão do trabalho desenvolvida, consciência individual ampliada e existência de personalidade. Com essa análise o autor acenava para a complexificação dos papéis dos indivíduos e o afloramento do individualismo.

Max Weber (1974), com sua visão do real enquanto caótico e complexo, e Karl Marx (1980, 1983) com sua teoria dedicada aos conflitos e as rupturas, negaram a visão científica a partir da harmonia social durkheiminiana e, também, detectaram o rompimento gradual das sociedades em que viviam com os laços tradicionais. Weber (2003) viu na ética protestante o impulso para o indivíduo emergir diante do todo social favorecendo o modo de produção capitalista, e percebeu, ainda, a ligação entre a formação das cidades e a expansão dos mercados. Marx, por sua vez, viu o econômico e a produção como determinantes dos sujeitos e da vida social, a especialização da indústria diferenciaria os trabalhadores, apesar do mesmo enfatizar os sujeitos, enquanto sujeitos coletivos ou classe.

Como afirmado anteriormente, Simmel chama atenção em nosso estudo e se destaca por suas análises da vida e cultura moderna que se centraram nos indivíduos e suas ações.

Encarando os indivíduos em seus aspectos psico-sociais<sup>3</sup> aponta para uma cultura citadina que conforma novos valores e comportamentos. Uma nova forma de viver e construir a cidade, na cidade e pela cidade.

Simmel analisou a vida na cidade e as relações entre seus indivíduos, observando a divisão do trabalho como fenômeno histórico que contribuiu e acarretou o processo de crescimento das relações objetivas e impessoais, em detrimento da personalidade da cultura subjetiva tradicional e sua configuração. Simmel afirma que na modernidade as relações entre os homens não só se ampliam, como as múltiplas e complexas relações de projetos individuais ou coletivos e tensões entre os mesmos começam a surgir. Uma cultura de objetivação das inter-relações entre os indivíduos e grupos surge na modernidade de forma especializada e fragmentada. O individualismo na cultura moderna traz indiferença e impessoalidade nas inter-relações. O homem moderno não está preso a nada, ou quase nada; os grilhões tradicionais fragmentam-se e o dinheiro aparece como o mecanismo de mediação mais eficaz, de maior abstração e objetivação para essa liberdade das impessoalidades e indiferenças que geram novas formas de organização social e de seu ordenamento. Diz o autor:

*“As correntes da cultura moderna deságuam em duas direções aparentemente opostas: por um lado, na nivelação e compensação, no estabelecimento de círculos sociais cada vez mais abrangentes por meio de ligações com o mais remoto sob condições iguais; por outro lado, no destaque do mais individual, na independência da pessoa, na autonomia da formação dela.” (SIMMEL, 1998, p. 28)*

*“Nessa função o dinheiro confere, por um lado, um caráter impessoal, anteriormente desconhecido, a toda atividade econômica, por outro lado, aumenta proporcionalmente, a autonomia e a independência da pessoa”. (SIMMEL, 1998, p. 25)*

---

<sup>3</sup> Ver também KUMAMOTO, (2005), para aprofundar a noção da cidade como uma realidade psíquica. Ele aponta o sofrimento e a angústia na cidade contemporânea na relação homem – cidade vendo nos momentos de individuação a capacidade e o papel da construção social.



Simmel percebe, então, a cultura como construção humana, formada por arranjos simbólicos, através das ações sociais dos indivíduos em interação. Indivíduos estes que na época que ele estuda se apresentam através de um ethos e visão de mundo de cunho individualista e de relações culturais múltiplas e complexas.

Partindo da hipótese central de que o medo é uma emoção inerente a todo contexto social, e que não só paralisa, mas também estimula novas formas de agir (KOURY, 2000 e 2002), visamos através da observância do medo no cotidiano e imaginário dos moradores, descobrir em que nível de objetivação acontecem as relações sociais no Roger, e a dinâmica social da cidade de João Pessoa. Também investigamos como se configura o sentimento de pertença nos moradores, em relação ao bairro e seus lugares, e, também, em relação à cidade, visando clarear mais ainda os horizontes da construção das identidades individuais e coletivas, e da cultura no mundo complexo de hoje.

Entendemos a pertença como sentimento e construção subjetiva que se relaciona e se liga com o local de origem ou de morada (KOURY, 2005 e 2005b). É a escolha, a construção de raízes, onde o indivíduo se coloca como construto e construtor, cria projetos e reflete sobre os mesmos, numa dinâmica de mudanças constantes. É a possibilidade de construir as diversas identidades (individuais-coletivas) através da memória e do processo de lembrança simbólica; projetando, posicionando e re-orientando ações e idéias. Koury (2003), ressalta, ainda, que enraizar-se é também tornar-se autônomo, dar e adquirir existência.

Como os sentimentos de viver e de pertencer a um bairro popular marcado por elementos tão significativos e estigmas depreciativos, configuram a emoção medo, a partir dos exercícios de semelhança e dessemelhança? Qual a lógica identitária que surge na sociabilidade de um bairro pobre apontado como perigoso, violento e carente? São problemas sobre os quais nos debruçamos.

Koury (1988) e Ferreira (2002) mostraram anteriormente, a violência e a exclusão social como elementos de ordem estrutural e que afetam o imaginário das populações pobres, alterando códigos de justiça e cidadania oficiais.

No caso do bairro do Roger, o medo e o estranhamento para com os outros, estão diretamente ligados a sua característica de comunidade dual. O Estigma (GOFFMAN, 1988) surge sobre o bairro imputado pela cidade enquanto imaginário coletivo, e se re-significa confluindo-se nas relações e no imaginário dos habitantes das duas partes do bairro, o “alto” e o “baixo”.

Goffman afirma a identidade dos indivíduos como produto do social, ou seja, a identidade não pode ser concebida através de atributos e características intrínsecas, mas sim pelas trocas e pela interação em determinadas ocasiões. O outro relacional é fundamental na constituição da identidade, já que a observação das marcas distintivas e a percepção da combinação única dos fatos que compõe a vida é realizada pelo, e no meio social.

Ele ainda diz que *“a diferença, em si, deriva da sociedade antes que uma diferença seja importante ela deve ser coletivamente conceptualizada pela sociedade como um todo”* (1988, p. 134), mostrando novamente o caráter coletivo da diferença. Isso remete em nossa atividade, a investigar o coletivo bairro e cidade a respeito do estigma, ou melhor, estigmas possíveis, e como estes atuam e influenciam as vidas e ações sociais dos indivíduos.

Seguindo essa discussão trabalhamos ainda com autores como: Honorato (1999), Ecléa Bosi (1979), Pollak (1992), Thompson (2002), Eckert (2000), Velho (1978, 1986, 1987), DaMatta (1978, 1985), Elias (1994, 1998, 2000), Gioacomazzi (1997), dentre outros, que vêm no processo de memória a possibilidade de reflexão sobre a fragmentação, o individualismo, e sobre o medo e violência do hoje, apontando uma tomada de consciência das lógicas que engendraram essas transformações.

Reflete-se sobre o discurso unívoco proferido pela mídia que noticia em suas matérias um aumento da violência, o estado de insegurança, e o crescimento do poder paralelo da criminalidade que, segundo Eckert (2000, pp 4-5) parece se delinear:

*“(...) um mapa de inseguranças no estado em que a violência seria a epidemia de uma desordem que situa o indivíduo e a coletividade num processo de aceleração de transformações históricas geradoras de inquietações e angústias coletivas”*

Acreditamos que a ação social opera a partir de uma lógica de um jogo relacional sempre perigoso, porém vivenciado de diferentes formas a partir do segmento ou grupo social que se estuda. Como esse medo é pensado por habitantes que vivem a exclusão social, a precariedade e o risco? Até que ponto elementos de uma sociabilidade tradicional como a solidariedade e a ajuda mútua persistem nesse espaço social (MENEZES 2000, AUGÉ 1994) enquanto estratégias na “arte de viver o cotidiano inseguro” (DE CERTEAU, 1998a e 1998)? As sociedades com passado histórico de colonização que por consequência produziram um tipo de modernização e urbanização específico (SOUZA, 2001 e 2005) produzem sentimentos ambíguos entre lógicas tradicionais e outras mais “racionalistas”? São perguntas que pretendemos responder dando voz a um segmento pobre de nossa sociedade, no caso, os moradores do Roger.

A primeira parte de nossas atividades se deu com uma intensa revisão bibliográfica sobre as temáticas em estudo. Realizamos, concomitantemente, pesquisas em órgãos públicos, como a Secretaria Municipal de Planejamento, institutos de pesquisa, como o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), intercalando-os com as primeiras visitas ao bairro e também com o levantamento de matérias em jornais escritos e televisionados, inclusive e principalmente os de divulgação virtual na rede mundial de computadores.

Adotamos também uma postura que segue as bases de uma Antropologia interpretativa, aos moldes de Clifford Geertz (1978), Roberto DaMatta (1978, 1985), Gilberto

Velho (1978, 1986, 1987), entre outros. Clifford Geertz, em sua obra *A Interpretação das Culturas* (1978) traz uma enorme contribuição metodológica para pensarmos as culturas relativizando-as e generalizando seus aspectos, enquanto construções simbólicas do *homo racionale*. Geertz nos mostra como a cultura é composta pelo *ethos* e *visão de mundo*, que enquanto valores, construções e práticas se sobrepõem sucessivamente na organização da vida social. Diz ele:

*“Na discussão antropológica recente, os aspectos morais (e estéticos) de uma dada cultura, os elementos valorativos, foram resumidos sob o termo ‘ethos’, enquanto os aspectos cognitivos, existenciais foram designados pelo termo ‘visão de mundo’. O ethos de um povo é o tom, o caráter e a qualidade de sua vida, seu estilo moral e estético e sua disposição, é a atitude subjacente em relação a ele mesmo e ao seu mundo que a vida reflete. A visão de mundo que esse povo tem é o quadro que elabora das coisas como elas são na simples realidade, seu conceito da natureza, de si mesmo, da sociedade.” (GEERTZ, 1978: 143-144)*

A entrada em campo e as primeiras incursões pelo bairro foram de imediato difíceis. Além de morar toda a minha vida em João Pessoa e compartilhar de um imaginário majoritariamente negativo que a cidade tem sobre o Bairro, não sou morador do mesmo, e poucas vezes antes da pesquisa tinha tido a oportunidade de experimentar os lugares e a vida do bairro. Passava muito raramente pelo bairro, em um dos trajetos possíveis que fazia quando ia ao centro; tinha apenas um amigo que reside lá e que me fez inicialmente aproximar de alguns moradores.

A partir da utilização da técnica da observação participante, e das constantes idas ao bairro, aos poucos adquiri o *habitus* do local. Os contatos com a ACMBR (Associação de Moradores do Bairro do Roger), e as idas no Centro de Referência Cidadã Maria Borges, foram de muita utilidade no proceder dos primeiros contatos com os moradores do bairro.

A técnica fotográfica foi um instrumento muito útil nesta primeira aproximação com o campo de estudo, como ao longo da pesquisa possibilitou uma constante reflexão sobre o nosso objeto de pesquisa, e a construção de imagens sobre o bairro, já que por traz da câmera há a ação do pesquisador que seleciona elementos para a sua anotação. Vários autores embasaram nosso trabalho com a fotografia como: Zamboni (2006), Koury (1998, 1998a), Guran (1998), Collier Jr (1973) Edwards (1996), Barthes (1984), dentre outros. Diria que a partir das fotos tiradas se constituiu um diário imagético de campo, ao lado do diário de campo tradicional onde foram feitas nossas *descrições densas*, possibilitando a confrontação e reflexão que imbrica teoria e prática.

Uma metodologia qualitativa foi adotada em nosso trabalho, não significa que desprezamos os dados estatísticos, mas sim que demos ênfase na observação dos fatores e categorias subjetivas. Elias (2000) já assim procedia quando afirmou em seu trabalho *Os Estabelecidos e os Outsiders* que:

*“... naquele contexto social, as inferências feitas unicamente a partir da análise estatística das entrevistas seriam de valor limitado, sem o conhecimento adquirido por meio de uma investigação sistemática, feita por um observador participante devidamente preparado.”*  
(ELIAS, 2000, p. 55)

Nessa difícil tarefa, as leituras de Gilberto Velho (1978, 1986 e 1987) e DaMatta (1978), foram de fundamental importância para o desenvolvimento da sensibilidade necessária ao pesquisador ao estudar o urbano complexo contemporâneo. O movimento de relativização constante proposto por eles, de tornar familiar o exótico e de estranhar o familiar, com vistas ao alcance do chamado *Anthropological Blues*, ajudou-me no sentido de uma reflexão sempre crítica.

Para que esta reflexão e relativização sistemática acontecessem com maior propriedade, tivemos que nos dar conta de nossa capacidade de multipertencimento, viajando por diversos mundos sem ser englobado por nenhum. Notamos que no decorrer da pesquisa,

com o acúmulo de idas a campo, acumulou-se também a devida experiência que nos treina o olhar, mas, também, necessárias às leituras e a uma bagagem intelectual que nos preparava de antemão nossas idas e vindas, a cada movimento ou momento de pesquisa.

O fato de estarmos aqui inter-relacionando a metodologia utilizada com a perspectiva teórica deve-se a ação etnográfica que afirma que estes dois aspectos devem se fundir em um só, para que o texto alcance um nível de inteligibilidade ao leitor, bem como alcance legitimação objetiva. Mariza Peirano abordando essa questão diz:

*“[...] o lugar da pesquisa de campo no fazer da antropologia não se limita a uma técnica de coleta de dados, mas é um procedimento com implicações teóricas específicas. Se é verdade que técnica e teoria não podem ser desvinculadas, no caso da antropologia a pesquisa etnográfica é o meio pelo qual a teoria antropológica se desenvolve e se sofisticada, quando desafia os conceitos estabelecidos pelo confronto que se dá i) a teoria e o senso comum que o pesquisador leva para campo e ii) a observação entre os nativos que estuda”.* (PEIRANO, 1992, p.7)

A pesquisa de campo se torna fundamental, pois, *“Sem o impacto existencial e psíquico da pesquisa de campo, parece que os dados, embora presentes, se tornaram frios, distantes e mudos.”* (PEIRANO, 1992, p. 12).

Podemos caracterizar as técnicas de pesquisa utilizadas como parte do arcabouço da pesquisa qualitativa e empírica como sugerida, ainda na primeira metade do século XX pela Escola de Chicago. Esta Escola americana que, com efeito, existiu de 1915 a 1945, deu centralidade à cidade como objeto de pesquisa, buscando compreender e dar sugestões aos problemas que emergem em seu cotidiano. Teve por objetivo a análise microssociológica e qualitativa, preocupada com a resolução de problemas urbanos. Alain Coulon afirma que:

*“Acima de tudo, essas tendências reformadoras deram um impulso decisivo à sociologia: o de se voltar para o trabalho de campo, para o conhecimento da cidade e a resolução de seus problemas sociais, não para uma sociologia especulativa, mas, ao contrário para uma sociologia da ação.”* (COULON, 1995, p.23)

Park (1979), Wirth (1979), Foote-White (1990), foram alguns dos sociólogos de Chicago que nos embasamos. Taylor e Bogdan (1984), em seu livro *Introducción a los métodos cualitativos de Investigación*, caminham no mesmo sentido metodológico das demais obras. Apesar de ser um livro de cunho mais técnico, os autores discutem a relação entre pesquisador e pesquisado, e ainda apontam situações, preparações e táticas no campo de estudo. Abordam a entrevista, o diário de campo, a escolha de informantes e diversos outros pontos para que uma bem sucedida pesquisa possa ser realizada. Deixo aqui uma citação que conceitua muito bem o que é a observação participante:

*“La expresión observación participante es empleada aquí para designar la investigación que involucra la interacción social entre el investigador y los informantes en el milieu de los últimos, y durante la cual se recogen datos de modo sistemático y no intrusivo.”*  
(TAYLOR E BOGDAN, 1984, p.31)

Além da coleta de dados através do diário de campo, de anotações diversas, documentos pesquisados, dentre outros, a parte principal que compõe nossos dados é constituída por um conjunto de 40 entrevistas formais, aplicadas em residências do bairro nos meses de abril a junho de 2007, onde obtivemos os dados por meio das perguntas estruturadas.

Decidimos entrevistar indivíduos com no mínimo idade maior ou igual a 15 anos, com um equilíbrio em relação à idade, ao gênero e aos locais de aplicação. Aplicamos, portanto, 15 entrevistas estruturadas no “alto Roger” e 25 no “baixo Roger” de maior dimensão geográfica que o primeiro.

A partir dos limites do “alto” e do “baixo”, selecionamos três áreas no “alto” e quatro no “baixo”, aplicando cinco entrevistas formais por área. Selecionamos as áreas tentando atingir toda a dimensão geográfica e espacial do bairro incorporando regiões de fronteiras com outros bairros, fronteiras internas, e regiões próximas aos marcos já

referenciados. As áreas foram: **“Alto Roger”** → 1ª- Quarteirão da Av. Dom vital com Rua Professor Batista Leite. 2ª- Quarteirão composto pelas ruas Ivo Soares, Carlos Pessoa e Pedro Ulisses. 3ª- Quarteirão composto pelas ruas Borges da Fonseca e Ladeira Dom Vital. **“Baixo Roger”** → 1ª- Quarteirão composto pelas ruas Pereira Pacheco, Murilo Lemos e Prof. Sizenando Costa. 2ª- Quarteirão composto pelas ruas Leonardo Pereira da Silva e Rosendo Narciso dos Santos. 3ª- Cruzamento em forma de “X” entre as ruas Dezenove de Março e Monsenhor José Coutinho. 4ª- Ligação entre as ruas Mestre Azevedo e Salvador Albuquerque. No mapa da página 25, Mapa 01, pode-se ter uma melhor visualização das áreas.

Ao fim das entrevistas tabulamos os dados. Fizemos primeiro uma listagem das perguntas e respostas, e em seguida criamos as categorias diacríticas, das quais algumas foram modificadas em uma nova planilha, incluindo novas categorias no lugar das antigas. Utilizamos como um recurso a mais de análise qualitativa a apresentação de várias fotografias minhas e de outros autores, figuras e mapas, que serão apresentadas no decorrer dos capítulos.

A monografia divide-se em quatro capítulos e uma conclusão.

No primeiro capítulo, apresentamos de maneira detalhada os conceitos e teorias norteadoras de nossas atividades, bem como seus autores, visando explicar a base teórico-metodológica que propiciou as nossas análises em campo e colocou os pressupostos com os quais discutimos as temáticas do medo, da sociabilidade e do cotidiano na cidade em nossa cultura contemporânea. Discutiremos também a nossa base de trabalho com a fotografia.

O segundo capítulo é destinado a uma apresentação da cidade de João Pessoa e de seu desenvolvimento urbano, versando sobre sua história e seus aspectos relevantes mostrando o processo social de sua expansão e modificação de suas áreas e bairros.



No terceiro capítulo, apresentamos o bairro do Roger em sua caracterização geral e sua história, apontando seus componentes e dados colhidos sobre o mesmo. A relação entre bairro e cidade é exposta a partir dos seus elementos em comum e do processo cultural que as envolve. Fazemos nossa explanação com alguns mapas e fotografias que corroboram em uma melhor visualização do discutido.

No quarto e último capítulo, abordamos o bairro a partir dos seus moradores, trabalhando em cima das temáticas de identidade, do imaginário sobre o medo, do estigma, e das inter-relações, configuradas no cotidiano e na sociabilidade entre os moradores. Aqui nossa discussão ganha importância e se faz principal, já que as categorias lógicas que criamos, aliadas as falas pronunciadas pelos moradores, serão explanadas para situar a dinâmica do bairro enquanto parte da vida contemporânea moderna. As construções sócio-espaciais e simbólicas surgidas das relações no bairro são apresentadas.

Na conclusão fazemos as considerações finais sobre o bairro e as temáticas desenvolvidas a partir dele, voltando ao que foi exposto por nós em todo o trabalho. Visamos assim colocar nossas derradeiras impressões sobre o Roger, tentando apontar indagações futuras e caminhos para que a pesquisa continue, apresentando-se em um conhecimento em constante vida e atualização.



## Capítulo 1

### **MEDO E SOCIABILIDADE: A CULTURA URBANA E SUA CONSTRUÇÃO NO COTIDIANO**

Neste capítulo apresento as bases teórico-metodológicas do nosso trabalho, colocando de maneira mais detalhada os pressupostos que orientaram a problemática geral. Primeiramente discutiremos aspectos relacionados à cultura do medo, ao medo enquanto emoção social e sobre a sociabilidade no mundo contemporâneo. Em seguida discutiremos sobre o cotidiano e as possibilidades de criação social ou de sua negação a partir dos fenômenos corriqueiros. Por último abordaremos a fotografia e suas significâncias em nosso trabalho.

De início faz-se importante relembrar que ao aderirmos à perspectiva da etnografia urbana, trazemos uma abordagem antes caracterizada por Peirano (1990 e 1992), e também por Magnani (2007) como uma perspectiva de análise “de perto e de dentro” que versa sobre uma totalidade que é apreendida a partir de padrões que emergem dos próprios sujeitos em pesquisa. Uma pesquisa na cidade que descobre aspectos da cidade em específico e que pode traduzir-se em realidades da mesma como um todo maior e genérico. Magnani diz que “*se não se pode delimitar uma única ordem, isso não significa que não há nenhuma; há ordenamentos particularizados, setorizados, há ordenamentos, regularidades.*” (MAGNANI, 2007, p.8)

Buscamos uma totalidade que não é dada *a priori*, mas sim construída a partir da experiência dos atores – entendidos como protagonistas – no seu cruzamento com o arcabouço teórico-metodológico do pesquisador (FERRAÇO, 2006). Por isso, teoria e metodologia se intercambiam na nossa discussão que se segue para que se possa dar inteligibilidade à totalidade construída no trabalho.

Acreditamos que os habitantes e moradores das cidades contemporâneas vivenciam e vivenciaram o cotidiano acompanhando seu processo de desenvolvimento urbano e crescimento, trazendo com suas trajetórias de vida e projetos, elementos importantes para o entendimento da sociabilidade e da vida contemporânea ocidental que cada vez mais se pautam em uma cultura do medo, onde a violência e a vitimização pessoal aparecem marcadamente como algo inevitável à vida social.

Autores como Velho (1986 e 1987), Giacomazzi (1997) e Eckert (2000) corroboram nessa discussão apontando a perspectiva da análise biográfica e a vivência individual da heterogeneidade como um instrumento de extrema eficácia para a compreensão das sociedades complexas. Afinal como Velho (1986) diz:

*“Mas, para a nossa discussão, importa mais perceber a sua contribuição, para um melhor entendimento da coexistência problemática das diferenças. Privilegia, nesse nível as diferenças de origem, background, trajetória, experiência social, em geral. Enfatiza, por conseguinte, a individualidade dos fenômenos. Neste sentido todos os processos internos de diferenciação de uma sociedade são relevantes” (VELHO, 1986, p. 51)*

Nesse contexto urbano das sociedades atuais, a prudência e a eterna desconfiança em relação ao outro passa a ser regra do cotidiano, segundo a autora: *“As estratégias para preservar um estado de segurança é indicativo, pois, de um ato considerado cada vez mais civilizador nas cidades” (ECKERT, 2000, p. 13)*. Assim surge não só uma cultura do medo, como também uma estética do medo, que se apresenta a partir da busca pela moradia em prédios ou condomínios fechados, marcados por muros altos, grades, cercas elétricas (constatação material); além de uma série de novos serviços como o de segurança privada que são criados a partir dessa nova demanda.

Outros autores como Ferraz (2006), Moura (2003) e Caldeira (1997), discorrem sobre essa estética da violência que gera uma arquitetura para o espaço urbano mediante um desenvolvimento que opera via uma segregação cada vez mais acentuada.

O individualismo e as relações de vizinhança, são afetadas por essa nova configuração contemporânea. Elementos como assaltos em prédios, se tornam comuns nas metrópoles, e antecipam movimentos que tendem a se projetar para as cidades de médio porte como é o caso de João Pessoa.

Consideramos, portanto, como KOURY (2002), o medo como um sentimento presente em qualquer sociabilidade, e um importante instrumento analítico para se compreender a sociabilidade urbana contemporânea.

O conceito de medo, enquanto incentivador e definidor de possíveis ações sociais nos e entre os indivíduos, revela-se de fundamental importância para o entendimento das conformações e dos processos de configuração e reconfiguração das cidades, e da vida social do indivíduo urbano no Brasil. Desvendo aqui como o medo aparece no imaginário dos moradores do Roger e é transposto no real vivido pelos mesmos, enquanto conhecimento de si próprios e dos outros, individuais ou em grupo, com os quais se defrontam cotidianamente no processo de inter-relação societária.

Ao relacionar o estranhamento e o medo com as relações cotidianas da vivência dos habitantes do bairro, visamos encontrar ligações com a pertença ao bairro e seus lugares, como também com a cidade. Encaramos o medo como elemento que pode provocar paralisia de certas ações sociais, mas também como um elemento que ao provocar estas coações está, por outro lado, impulsionando novas ações, novas formas de se comportar e novos hábitos culturais. O medo está presente em todo tipo de sociabilidade. (KOURY, 2002, 2005).

Partimos, portanto, de uma visão dinâmica de sociedade, que se constrói e é construída através do jogo relacional e dos conflitos que dele emanam. Indivíduo e sociedade seriam antes partes de um mesmo ente, do que unidades abstratas e separadas. Pensamos a mudança social em termos de processo, sempre conflitual, onde o conflito aparece não como um desvio anômico ao equilíbrio dos sistemas sociais, como aos olhos dos funcionalistas, mas

sim como elemento fundante da mudança social e do desenvolvimento histórico. O medo e sua análise implicam que se tenha em vista essa base epistemológica, assim diz Koury:

*“A análise social do medo, assim, compreende um jogo permanente de manutenção, conformação e transformação de projetos sociais e individuais realizados sempre enquanto redes de conflito que informam e formulam um social em um tempo e em um espaço determinado.”* (KOURY, 2005c, p.2)

As emoções e a subjetividade se constituem enquanto esfera digna de atenção das Ciências Sociais desde autores clássicos como já afirmamos, inclusive percebida por autores muitas vezes esquecidos como Gabriel Tarde. Koury (2004) e (2005d) coloca a importância de Tarde para a compreensão da relação indivíduo-sociedade. Para Tarde os indivíduos formam-se através de relações inter-psíquicas, que geram as ações sociais. A faculdade da comunicação permite que a mudança social se opere por meio da conservação de elementos e ao mesmo tempo na inovação de outros. Tarde entende que a sociedade é constituída a partir das interações simples, e porque não, cotidianas, entre os indivíduos no jogo relacional.

Seguindo nessa perspectiva surge o nome de Georg Simmel e sua abordagem. Simmel debruçando-se sobre a cidade moderna detecta um crescimento da capacidade das comunicações e relações entre os homens, abrangendo maiores e mais complexas esferas sociais. Uma cultura de objetivação das inter-relações entre os indivíduos e grupos surge na modernidade de forma especializada e fragmentada. O individualismo na cultura moderna traz indiferença e impessoalidade nas inter-relações. A atitude *blasé* aparece, e os laços sociais se alargam cada vez mais à medida que a cultura e a mentalidade moderna abstraem-se e objetivam-se. Falando sobre essas questões ele diz:

*“Somente a economia do dinheiro chegou a encher os dias de tantas pessoas com pesar, calcular, com determinações numéricas, com uma redução de valores qualitativos a quantitativos”.* (SIMMEL, 1979, p.14)

E caracterizando a atitude *blasé* afirma que:

*“Através da mera intensificação quantitativa dos mesmos fatores condicionantes, essa realização é transformada em seu contrário e aparece sob a adaptação peculiar da atitude blasé. Nesse fenômeno, os nervos encontram na recusa a reagir a seus estímulos a última possibilidade de acomodar-se ao conteúdo e a forma metropolitana.” (SIMMEL, 1979 p.17)*

Já em *O Segredo*, Georg Simmel (1999) partindo das mesmas bases que veem o processo de interação como fundante do social, analisa o elemento segredo, colocando-o como uma categoria social essencial para a vida societária. O autor parte para o entendimento da relação entre as esferas públicas e privadas da vida, da informação e dos símbolos em seu controle/divulgação, bem como, dos códigos de pensamento que permitem e estimulam a ação social, as alianças sociais e as objetificações que dela surgem, não obstante a sua quebra. Simmel pensa a contradição – inclusive como movimento histórico –, a partir das relações sociais permeadas pelo movimento de ocultar e de expressar.

Para Simmel o segredo “*é uma das maiores realizações humanas*” (SIMMEL, 1999, p.221), tendo um papel decisivo na existência da esfera privada da vida e da sua expansão. Expansão esta entendida como resultado da mudança ou desenvolvimento histórico (principalmente), e também como desenvolvimento do indivíduo em sua cronologia etária. Elemento de grande significação na estrutura da interação social, ele oferece a possibilidade de um *mundo oculto* que se opõe ao *mundo manifesto*, que se auto-influenciam mutuamente. Nas sociedades em determinados momentos e configurações históricas há coisas que são sublocadas em um desses dois mundo, dentro de uma dinâmica cultural que enaltece uns elementos em detrimento de outros, que por sua vez possam surgir e serem resgatados futuramente por meio dos arranjos e associações sociais e suas objetificações.

Essa importância do segredo, principalmente em nossa sociedade ocidental e moderna, não pode ser omitida pelo fato de no âmbito ético o mesmo ser visto como elemento unicamente negativo. Assim diz o autor:

*“Tal significação não pode ser omitida, em vista do fato do segredo ser muitas vezes eticamente visto como negativo. Pois o segredo é uma forma sociológica geral em situação de neutralidade, acima do valor e das funções de seus conteúdos.” (SIMMEL, 199, p.222).*

Vemos que o esquema da *diáde* simmeliana (SIMMEL, 1964) enquanto fundamento do social, se repete aqui no tocante ao segredo como *“expressão sociológica da ruindade moral”* (SIMMEL, 1999, p. 222). Simmel afirmava que a menor estrutura da interação social acontecia numericamente entre dois elementos, mas ressaltava que: *“O isolamento é interação entre dois partidos, um dos quais abandona a cena real após haver exercido certas influências, sobrevivendo e agindo em forma ideal no espírito do remanescente solitário.”* (SIMMEL, 1964, p.129).

O que é imoral sempre se esconde no mundo oculto do segredo, e o indivíduos diante da liberdade oferecida pela economia monetária, valem-se do segredo para que possam circular pelas mais diversas esferas do mundo cada vez mais fragmentado, e também de sua revelação por meio da traição, como um meio de diferenciação, de requisição de identidade ou até de iniciativa política.

O segredo é fascinante, e seu fascínio consiste no poder que a seu possuidor confere. Ele estabelece, portanto, limites e fronteiras entre grupos e indivíduos. Os nossos sentimentos e emoções são configuradas a partir de nossa essência relacional. Simmel diz:

*“Para muitos indivíduos, a propriedade não adquire significado com a mera posse, mas só com a consciência de que outros não a detêm. A base para tal, evidentemente, é a impressionabilidade dos nossos sentimentos através das diferenças. (...) A partir do segredo que sombreia tudo que o há de significativo e profundo, se origina a falácia de que tudo o que for misterioso será importante e essencial. Diante do desconhecido, o impulso natural do homem em idealizar e o seu temor natural cooperam para como o mesmo objetivo: intensificar o desconhecido através da imaginação e dar-lhe uma ênfase que nem sempre corresponde à realidade patente.” (SIMMEL, 1999, pp.222-223)*



Assim como o dinheiro, o segredo vive seu apogeu de fascínio e de poder na sua divulgação ou na traição. No caso do dinheiro isto acontecesse quando ele é gasto, seu poder de abstração impessoal só se dá quando ele efetiva o consumo. O mesmo acontece com o segredo já que para Simmel “(...) *toda relação humana é caracterizada, entre outras coisas, pela quantidade de segredo que nela se encontra e que a envolve.*” (SIMMEL, 1999, p.223)

Como colocado antes, Simmel enfatiza o segredo como base de grande importância para o individualismo e a individualização do social. A atitude blasé é permitida através do direito de calar-se e reservar-se em sua privacidade em relação aos outros. Aos indivíduos na configuração moderna de sociedade ocidental a escolha é “livre” e de acordo com suas conveniências, assim, suas possibilidades se ampliam de forma inigualável. O autor em outras obras como *A Ponte e a Porta* (1996) e *A Filosofia da paisagem* (1996a) versa sobre os mesmos processos dando ênfase no tratamento das questões de espaço. Simmel, a partir das noções de associação/dissociação constrói através das metáforas explicativas as formas que regem o processo de cultura, e mais especificamente de cultura subjetiva. Ele aborda também o conceito de *Stimmung*, que segundo Maldonado (1996, p.8), “*trata-se de um processo afetivo essencialmente humano*”. Esta seria mais uma definição para a subjetividade criadora dos seres humanos, e para o entendimento de cultura subjetiva que parte do autor.

Outros autores mais contemporâneos também atentaram para a emoção enquanto subjetividade e sua importância, inclusive consolidando essa esfera como essencial dentre as temáticas contemporâneas de pesquisa.

Norbert Elias é nome certo nesse feixe. Em *O processo Civilizador* (1994, 1993) trazendo o conceito de *configuração*, percorre a história da sociedade ocidental mostrando os caminhos que levaram a mudanças nos valores, na cultura e na forma de comportamento dos homens neste caminho, relacionando-as as estruturas da sociedade. Colocando o que seria a *configuração* enquanto conceito sociológico ele diz:

*“O conceito de configuração foi introduzido porque expressa mais clara e inequivocamente o que chamamos de ‘sociedade’ que os atuais instrumentos conceituais da sociologia, não sendo nem uma abstração de atributos de indivíduos que existem sem uma sociedade, nem um ‘sistema’ ou ‘totalidade’ para além dos indivíduos, mas a rede de interdependências por eles formada.” (ELIAS, 1994, p.249)*

A partir da formação do Estado moderno e do fenômeno da divisão do trabalho Elias percebe o fortalecimento da individuação, que tem bases alicerçadas em um gradativo aumento e pressão para o controle das emoções, como também novas formas de se realizar estes controles. O comportamento civilizado geraria um nível maior de integração, mas pautado em uma diferenciação exacerbada.

O medo do outro para nós não é entendido apenas como fato advindo da cultura violência difundida – com boa ajuda da mídia e dos novos meios de comunicação e interação – atualmente. Mas também, são pequenos medos que emergem de uma configuração social ocidental, que impele o indivíduo a ter cada vez mais *vergonhas*, e receios de exposição para o social de seus reais sentimentos e condições. Esse medo de exposição e da traição, que gera individualismo, propõe também novas formas de sociabilidade onde emergem novas maneiras de agir e sentimentos como a *lealdade* e *confiança*, fazendo surgir uma socialização e laços sociais integrados de outra forma.

Partindo-se para explicitar a noção do tempo no contemporâneo individualista, ressaltamos que em *Sobre o Tempo* (1998) o autor disserta sobre a categoria *tempo*, mostrando seu caráter orientador das ações sociais e das criações simbólicas. Para ele as noções de pessoa e de tempo evoluem e evoluíram em conjunto. Evolução aqui entendida enquanto um projeto de humanidade, ou de embates e tensões de projetos individuais e coletivos ao longo da história.

Dentro do já referido *processo civilizador* que progressivamente instaura a auto-domesticação dos indivíduos, o tempo segundo Elias chega a um nível de síntese enorme. As relações cada vez mais objetivas só são possíveis através deste *tempo* característico da época

atual. Todo tempo implica um espaço, onde se cria simbolicamente através da repetição, posicionando-se e movimentando-se em uma escala temporal (construída nas tensões) para se pensar o espaço. Sobre isso e as configurações modernas Elias diz:

*“Ora, o tempo faz parte dos símbolos que os homens são capazes de aprender e com os quais, em certa etapa da evolução da sociedade, são obrigados a se familiarizar, como meios de orientação. Também nesse caso podemos falar da individualização de um fato social. Mas, se a auto-regulação dos falantes individuais em relação à língua do grupo é própria de toda espécie humana – resultado, ao que parece, de um longo processo evolutivo nos hominídeos -, a auto-regulação em relação a uma cronologia só se instaurou muito progressivamente ao longo da evolução humana. E foi num estágio relativamente tardio que o ‘tempo’ se tornou símbolo de uma coerção universal e inelutável.” (ELIAS, 1998, p. 20-21)*

Ainda comentando o fenômeno do individualismo que afeta as relações dos indivíduos com o *tempo*, tornando a sua regulação a um nível cada vez mais individual Elias afirma:

*“Em numerosas sociedades da era moderna, surgiu no indivíduo, ligado ao impulso coletivo para uma diferenciação e uma integração crescentes, um fenômeno complexo de auto-regulação e de sensibilização em relação ao tempo. Nessas sociedades o tempo exerce de fora para dentro sob a formas de relógios, calendários, e outras tabelas de horários uma coerção que se presta eminentemente para suscitar o desenvolvimento de uma auto-disciplina nos indivíduos. [...] Essa individualização da regulação social do tempo apresenta, em caráter quase paradigmático, os traços de um processo civilizador.” (ELIAS, 1998, p. 22)*

Em busca de uma aproximação interpretativa investigamos o bairro do Roger e suas configurações tendo como base os conceitos de *ethos* e *visão de mundo* como proposto por Clifford Geertz em *A Interpretação das Culturas* (1978).

Geertz afirma em, *O Saber Local* (2001), que os “*indivíduos de uma cultura são capazes de penetrar no pensamento de indivíduos que pertencem a uma outra cultura*” (GEERTZ, 2001, p.223), colocando diretrizes para a maturação metodológica de uma etnografia contemporânea, que em vez de simplesmente mapear as diferenças, parta delas

como parâmetros para, justamente, decifrar e entender como se processa a atual realidade complexa e plural. Para isso Geertz propõe que consideremos o pensamento ou ideologia como *chose sociale* e que observemos que sempre por trás das manifestações culturais, sejam elas artísticas, cotidianas, narrativas e discurso, há sempre um lugar de fala. (GEERTZ, 2001, p.228).

O autor traz uma enorme contribuição metodológica para pensarmos as culturas relativizando-as e generalizando seus aspectos, enquanto construções simbólicas do *homo rationale*. Geertz nos mostra como a cultura é composta pelo *ethos* e *visão de mundo*, que enquanto valores, construções e práticas se sobrepõem sucessivamente na organização da vida social. Diz ele:

*“Na discussão antropológica recente, os aspectos morais (e estéticos) de uma dada cultura, os elementos valorativos, foram resumidos sob o termo ‘ethos’, enquanto os aspectos cognitivos, existenciais foram designados pelo termo ‘visão de mundo’. O ethos de um povo é o tom, o caráter e a qualidade de sua vida, seu estilo moral e estético e sua disposição, é a atitude subjacente em relação a ele mesmo e ao seu mundo que a vida reflete. A visão de mundo que esse povo tem é o quadro que elabora das coisas como elas são na simples realidade, seu conceito da natureza, de si mesmo, da sociedade.”* (GEERTZ, 1978, p.143-144)

Adotamos as diretrizes metodológicas de Geertz, Weber, Simmel e Elias, que percebem as instâncias objetivas e subjetivas da vida estando em constante interpenetração, investigando, assim, as estruturas de significado dispostas em forma de teia, as quais os próprios homens criam e nela estão imersos, procurando saber o que são valores e como eles atuam. Geertz expressa bem esse olhar:

*“A abordagem de uma teoria de valor que olhe o comportamento de pessoas reais em sociedades reais, vivendo em termos de culturas reais procurando tanto o seu estímulo como a sua validade, irá afastar-nos dos argumentos abstratos e muito escolásticos nos quais um número limitado de posições clássicas é repetido sempre e sempre, com muito pouca novidade a recomendá-los, voltando-se*

*para um processo de introspecção cada vez maior tanto para o que são valores como para como eles atuam.” (GEERTZ, 1978, p.159)*

Buscamos observar, como dito acima por Geertz, o comportamento de pessoas reais em sociedades reais, e para isso nos detemos no estudo do cotidiano, o que vamos explorar agora.

Tentamos apontar o estudo do cotidiano como elemento de fundamental importância para a percepção dos processos de mudança e manutenção do social, bem como uma instância de análise que reflete sobre o papel dos indivíduos – política e culturalmente falando - no mundo contemporâneo.

Normalmente quando falamos dos estudos do marxismo e de suas perspectivas, seja no âmbito acadêmico ou no de senso comum, muitas vezes esquecemos de lembrar e discutir a perspectiva de alguns autores que fizeram a releitura da obra de Marx tentando fugir da ênfase excessiva no determinismo estrutural (infra-estrutura) e da vertente economicista. Muitos autores e escolas se debruçaram e deram ênfase aos aspectos da super-estrutura, ou da cultura, atentando para outra dimensão de entendimento do capitalismo sem perder de vista os conceitos e categorias da obra de Marx. Nesta primeira etapa de nossa discussão traremos à tona este tipo de posicionamento teórico-metodológico de viés marxista.

A húngara Agnes Heller é um nome dentre esses estudiosos que se dedicaram à compreensão de como funcionava e atuava o capitalismo e a sociedade ocidental a partir de sua dimensão cultural. Influenciada por Georg Lukács, de quem foi aluna, Heller participou e é um dos principais nomes da Escola de Budapeste.

Heller, durante sua vida acadêmica e principalmente em seu livro “*O cotidiano e a História*” (1985), se dedicou a decifrar e apontar os elementos constituintes da vida cotidiana, versando como essa esfera da vida é importante e influenciadora na formação dos indivíduos e nas suas ações. Segundo a autora a vida cotidiana abarca a vida de todos os

homens, sejam os do período de sociedade tradicional ou moderna, porém no capitalismo (sociedade moderna de meados do século XX) esta esfera da vida se alastra e se expande nos indivíduos e na atividade social. Há uma fragmentação e uma gradação nos níveis de consciência e reflexão criativa como antes abordou Lukács. Falando sobre o que seria a vida cotidiana diz Heller:

*“A vida cotidiana é a vida de todo homem.(...) A vida cotidiana é a vida do homem inteiro; ou seja, o homem que participa na vida cotidiana com todos os aspectos de sua individualidade, de sua personalidade. Nela, colocam-se ‘em funcionamento’ todos os seus sentidos, todas as suas capacidades intelectuais, suas habilidades manipulativas, seus sentimentos, paixões, idéias, ideologias.”* (HELLER, 1985, p. 17).

Para a autora *“O homem já nasce inserido em sua cotidianidade.”* (HELLER, 1985 p. 18). A partir do nascimento, e por toda a vida, o homem se insere no universo cultural. Ele adquire a capacidade de comunicação – uma língua -, conhece os instrumentos, objetos, costumes e vai se apropriando deles ao longo do tempo de vida. Um indivíduo adulto, por exemplo, seria aquele que vive a sua cotidianidade de maneira independente, por si mesmo. Sem esses elementos da vida cotidiana que são dados *a priori*, seria impossível a vida humana e a vida em sociedade. Este mesmo processo seria parte da própria capacidade de razão, a qual permite que os homens se apropriem e dominem a natureza como Marx anteriormente assinalou, independentemente assim de que etapa de evolução histórica estejam. Assim:

*“Mas, embora a manipulação das coisas seja idêntica à assimilação das relações sociais, continua contendo inevitavelmente, de modo ‘imanente’, o domínio espontâneo das leis da natureza”* (HELLER, 1985, p.19)

Parece-me que para a autora a vida cotidiana satisfaz as necessidades básicas e existenciais dos indivíduos através de suas atividades mais elementares. Comer, beber, etc., reproduzem a existência do seres humanos, porém em diferentes estágios de desenvolvimento essa vida cotidiana é configurada de diferentes formas. Segundo Heller mesmo a vida e as ações não-cotidianas, partiriam e surgiriam no bojo do cotidiano. Assim, as atividades, fatos e ações que possibilitam a mudança na estrutura e atuam na reprodução da sociedade – não mais a do ser humano em específico – surgem da base cultural e a ela retorna depois de objetificadas. Heller diz:

“A vida cotidiana não está ‘fora’ da história, mas no ‘centro’ do acontecer histórico: é a verdadeira ‘essência’ da substância social. (...) As grandes ações não cotidianas que são adotadas no livro de história partem da vida cotidiana e a ela retornam.” (HELLER, 1985, p.20)

O motor da história não seria fruto apenas das relações de classe, ou das relações de produção, e seria um erro pensá-las isoladamente da dinâmica cultural. Se pensarmos na influência dos escritos de Lukács, diríamos que a vida cotidiana seria o espaço de ações que remetem a uma *consciência em si*, onde reina a alienação; já as ações não-cotidianas seriam o espaço de existência da *consciência para si*.

Na verdade, para Heller nos indivíduos coexistem duas essências e duas facetas da atividade social que comporiam o *homem inteiro*. A primeira seria a do *ser humano particular*, e a segunda a do *ser humano genérico*. Na vida cotidiana moderna, o *ser humano particular* é colocado como faceta primordial nas atividades e no próprio pensamento, o que remete a uma ideologia e impulso individualistas. A ultrageneralização, por meio de juízos provisórios (preconceitos), os estereótipos, são elementos ligados a essa primeiras faceta que promovem a coesão e estabilidade do sistema social através de uma valoração superficial. A

própria separação dessas duas esferas é fruto do estágio de desenvolvimento social que o capitalismo traz.

Como vemos a autora aponta uma espécie de dialética interna entre o particular e o universal-genérico, mas a mesma ressalta que as contradições inerentes ao processo de atividade social promovem vários níveis onde as ações se aproximam ou afastam-se destes dois pólos.

Temos então uma proposição que aponta que dentro desse meio cotidiano heterogêneo, fragmentado, carregado de diversos papéis e hierarquias, só alguns indivíduos podem alcançar com mais proximidade atitudes e pensamentos condizentes com o *ser humano genérico*, baseados na ética, ou melhor, em uma moral que possibilita a homogeneização e a ação coletiva transformadora do social. Só uma vanguarda – artistas, cientistas, estadistas, políticos – é que poderia superar essa dialética particular na transformação da cultura objetivada e da estrutura (infraestrutura) da sociedade. Estes podem mais facilmente recusar papéis, questionar estereótipos, por exemplo.

Percebe-se que Heller pensa em um projeto de partido, guiado por uma vanguarda, como única possibilidade de transformação e criação da realidade social. A história seria movida pela construção de valores que derrocam outros, portanto as atitudes valorativas, morais e éticas é que promovem atos do ser humano em sua genericidade e, portanto, de escolha consciente e transformadora.

Falando sobre ética ela diz:

*“A ética como motivação (o que chamamos de moral) é algo individual, mas não uma motivação particular: é individual no sentido de atitude livremente adotada (com liberdade relativa) por nós diante da vida, a sociedade e dos homens. (...) Uma das funções da moral é a inibição, o veto. A outra é a transformação, a culturalização das aspirações da particularidade individual. (HELLER, 1985, p.23)*



Já dando a idéia de vanguarda ela coloca que:

*“Mas não se deve esquecer que o artista, o cientista, o estadista não vivem constantemente nessa tensão. Possuem também, como todos os outros homens, uma vida cotidiana. (...) Tão somente durante as fases produtivas essa particularidade é suspensa, e, quando isso ocorre, tais indivíduos se convertem, através da mediação de suas individualidades em representantes do gênero humano, aparecendo como protagonistas do processo histórico global. (HELLER, 1985, p.29)*

Podemos fazer uma comparação com a Escola de Frankfurt, ou pelo menos com a maioria de seus membros, que não viam muita possibilidade de transformação social, percebendo a vida e os indivíduos como totalmente administrados e alienados, como por exemplo colocou Adorno. Heller, diferentemente, percebe nos indivíduos e na sua essência (particular/genérico) uma capacidade de criação e transformação social, ainda que esta esteja vinculado a uma visão onde o processo social básico de criação do social não seja a interação e a ação social ao nível individual, mas sim a ação de grupos que em determinado momento histórico conseguem superar a dialética particular, a alienação e reificação. Uma citação que explicita a negação da autora em relação a uma alienação completa e a um mundo totalmente administrado se segue:

*“Baseia-se igualmente na mimese a assimilação de papéis, pois sem a imitação ativa da totalidade de um comportamento não haveria essa assimilação de papéis. Mas nessa afirmação, deve-se acentuar a idéia de atividade. Pois mesmo a imitação humana mais mecânica é assimilação ativa. O homem não pode alienar-se de sua natureza de um modo absoluto, nem sequer nesse terreno.” (HELLER, 1985, p.88)*

Ainda dentro da vertente marxista, trazemos as contribuições de Henri Lefebvre ao debate sobre o cotidiano. Uma das principais obras desse autor sobre o tema é, *A Vida Cotidiana do Mundo Moderno* (1991). Este pensador francês é conhecido pelos estudos com

ênfase no mundo urbano e das cidades. Lefebvre vivenciou todos os acontecimentos históricos do século XX, como as guerras mundiais, a disputa entre o socialismo e capitalismo, além das insurgências contra este último, do qual o autor sempre foi contestador e crítico.

Lefebvre, portanto, vivenciou a construção, a reconstrução, a expansão e todo o processo de consolidação das cidades e do mundo urbano como locus essencial de estabelecimento e reconfiguração permanente do capitalismo, bem como das alternativas que se colocaram ao mesmo.

Diante de ampla experiência de vida, aliada a sua produção teórica, o autor se dedicou a uma análise da sociedade ocidental e do capitalismo.

Lefebvre dedicou-se a análise de como o capitalismo e a sociedade ocidental funcionava em suas bases superestruturais ou culturais, buscando nessa dimensão a explicação dos fenômenos sociais e da existência do sistema social em voga. Assim, o autor dedicou-se ao estudo do cotidiano buscando encontrar aí a mais sutil e eficaz forma pela qual a repressão, a opressão, e as próprias contradições do sistema se manifestariam. Diz Lefebvre:

*“Portanto, é inexato e falso limitar a crítica da repressão seja às condições econômicas (é um dos erros do economicismo), seja à análise das instituições ou das ideologias. Esses preconceitos mascaram o estudo da cotidianidade, isto é, das pressões e repressões que se exercem em todos os níveis, a todos os instantes, sobre todos os planos, até mesmo a vida sexual e afetiva, a vida privada e familiar, a infância, a adolescência, a juventude, em resumo, o que aparentemente escapa à repressão social, porque está próximo da espontaneidade.” (LEFEBVRE, 1991, pp. 156-157)*

A repressão de nossa sociedade não está, para Lefebvre somente na exploração econômica nem nas ações policiais, mas no próprio cerne da dinâmica cultural e na forma como se organiza e sem mantém a sociedade através das práticas e ações corriqueiras.

Por isso, Lefebvre chama a sociedade ocidental e capitalista da segunda metade do século XX de *Sociedade Terrorista*.

Na verdade, o autor aponta que mesmo as sociedades tradicionais, ou até todo tipo de sociedade necessita do aparato da coerção para a existência, cita a questão da proibição do incesto e do controle de natalidade como um exemplo. Segundo Lefebvre, “*o fundamento da repressão situa-se, pois, na junção controlada da sexualidade com a fecundidade.*” (LEFEBVRE, 1991, p.156).

O autor vai beber em Weber ao colocar que o capitalismo e a ética protestante é quem inaugura o período de *sociedade super-repressiva*. O ascetismo promove a repressão aos níveis individuais com a ideologia individualista e com a idéia do contato direto com Deus. Inaugura-se a época da auto-repressão, onde a violência só é usada em última instância como meio de repressão e coerção sobre as práticas sociais. Assim “*é chegado ao reino da Liberdade, as opressões parecem espontaneidade*” (LEFEBVRE, 1991, p.158). Lembremos que Heller já chamava a atenção para o elemento espontâneo da vida cotidiana.

No tocante à Liberdade, enquanto ideologia individualista, podemos relacionar as assertivas de Lefebvre não só às análises de Marx em *O Capital* (1983), que definiu a lógica do sistema que privilegia o valor de troca, possibilitando a liberdade como livre iniciativa, como também aos estudos de Simmel em *O dinheiro na cultura moderna* (1998) e *O indivíduo e a Liberdade* (1998), e Dumont em *Do Indivíduo-no-mundo ao Indivíduo fora-do-mundo*”, constante no livro, *O Individualismo – Uma perspectiva antropológica da ideologia moderna* (1985). Porém, não nos interessa discorrer mais profundamente sobre as bases da liberdade moderna. O que nos interessa é colocar que para Lefebvre essa liberdade existe por meio da auto-regulação como diria Norbert Elias, ou como o próprio autor coloca por meio da auto-repressão e do medo de ir ao encontro do que está objetivado.

Para Lefebvre a *Sociedade Terrorista* seria a expressão máxima da *Sociedade super-repressiva*. Esta seria a *Sociedade burocrática de consumo dirigido* que teria como principal produto a cotidianidade que existe sob a forma de cultura alienada, espaço onde os desejos são pseudo-desejos objetivados e a satisfação é efêmera. Nas sociedades antigas não existia cotidiano, mas sim dia-dia, uma rotina de práticas, ações e afazeres onde a criatividade ainda existia e o conteúdo das coisas era mais importante de que suas formas. Percebe-se que mesmo antes dos Frankfurtianos a noção de sociedade de consumo que inspirou a noção de *Indústria cultural*, já era trabalhada por Lefebvre. Cunha, comentando a obra do autor, coloca bem como funcionaria esse sistema:

*“O Estado, via propagação dos valores a serem consumidos pela publicidade como ponte de conexão, tenta ‘satisfazer’ os desejos dos homens. Como uma reação em cadeia, o que de novo deve ser consumido é colocado em contraponto ao que deve ser abandonado. Um desejo que é satisfeito abre espaço para uma nova necessidade. Sendo assim, esse novo vazio é prontamente preenchido por um novo produto, e o cotidiano se coloca como o território onde estas trocas serão consumadas. É constituído dessa forma, um círculo vicioso cujo fim é desconhecidamente necessário, pois essa insatisfação permanente constitui em certa medida o motor da vida cotidiana.”* (CUNHA, 2003, p.12)

Diferente de Marx, Lefebvre não coloca essa totalidade com um único sistema, mas sim um conjunto de subsistemas. Talvez o sistema capitalista e sua reprodução sejam os elementos que levaram à *Sociedade Terrorista* e à subdivisão de um sistema e sua lógica em subsistemas com lógicas próprias e complementares sustentados por um discurso (palavra) e uma base prática a cotidianidade. Lefebvre, porém, acreditava na possibilidade de transformação através das pequenas aberturas, ou da abertura que surgiria no meio urbano.

*“Resta agora a saída mostrada, onde se deve engajar o pensamento. E a abertura? Ela já tem o seu nome: a vida urbana (ou a Sociedade Urbana).”* (LEFEBVRE, 1991, p.200).

Lefebvre, como colocado por Cunha (2003), diferencia terror de violência. Sociedades

totalitárias como a do Fascismo e Nazismo não seriam sociedades terroristas, mas sim, aterrorizadas. A violência seria, aliada a festa, uma das possibilidades de contraterrorismo como ele coloca:

*“No urbano existe vida cotidiana, contudo a cotidianidade se supera. Mais sensível que noutros lugares, o terror é combatido aí mais eficazmente, ora pela violência (sempre latente), ora pela não-violência e pela persuasão. A vida urbana é, por essência, contestadora do terrorismo e pode opor-lhe um contraterrorismo.”*  
(LEFEBVRE, 1991, p.2001)

Essa postura do autor é notadamente uma mostra de como teoria e prática são indissociáveis. Por esse ponto de vista, Lefebvre teve uma grande aproximação com movimentos subversivos de ação direta ligados, à violência (contraterrorismo anarquista x terrorismo de estado), e mais ainda, esteve próximo dos Situacionistas e de seu movimento da Internacional Situacionista, que contava com membros como Guy Debord de *A Sociedade do Espetáculo* (2003), e que via no espaço urbano e em seus usos, a possibilidade de criação de situações inesperadas que rompessem com o cotidiano, como podemos observar em uma entrevista do autor concedida a Kristen Ross em 1983, e traduzida para o português por Cláudio Roberto Duarte.

Comparando-se à perspectiva de Heller percebe-se que Lefebvre traz a possibilidade de transformação e mudança social a partir do próprio cotidiano, diferentemente de Heller que aponta a sua negação como possibilidade transformadora. Apesar de pensarem na transformação com uma perspectiva teleológica, Heller coloca essa possibilidade para alguns indivíduos apenas, estimulando a idéia de partido de vanguarda e de representatividade que foi cara ao surgimento da social-democracia como um rumo a ser seguido por parte dos marxistas. Já Lefebvre coloca essa possibilidade para todos os indivíduos, mesmo que a partir

de coletividades, o que estimula a idéia de movimento sociais, e movimentos culturais urbanos. A perspectiva teleológica se mostra bem mais forte em Heller do que em Lefebvre.

Depois de vistas as abordagens de cunho marxista sobre o cotidiano, passaremos agora a discutir a visão de Michel de Certeau (1998a) sobre o cotidiano, sua essência e suas possibilidades.

O historiador francês Michel de Certeau tem na sua obra, *A invenção do Cotidiano* (1998a), uma bela pesquisa e arguição sobre as práticas comuns, dos indivíduos comuns em suas vidas ordinárias, suas experiências, suas narrativas, e principalmente, suas práticas, as quais Certeau chama de “*maneiras de fazer*”.

De Certeau parte da visão de que os indivíduos, ou melhor, as práticas e ações cotidianas, por muito tempo e em grande parte, foram vistas e estudadas sob uma perspectiva que as coloca como passivas dentro do processo de atividade socio-cultural. Por isso as práticas cotidianas sempre figurariam enquanto aspectos “de segunda mão” e menor importância nas análises sociais.

O autor deixa claro que foge de uma perspectiva de um “atomismo social” que vê no indivíduo fonte primordial para a redução dos fenômenos sociais a um subjetivismo ingênuo. O que ele tem por objeto é investigar os modos de ação e esquemas de operação, e suas combinações que são pensadas e vividas pelos indivíduos em relação e que compõem uma parte fundamental do que é a cultura. De Certeau diz:

*“Este trabalho tem portanto por objetivo explicitar as combinatórias de operações que compõe também (sem ser exclusivamente) uma ‘cultura’ e exumar os modelos de ação característicos dos usuários, dos quais se esconde, sob o pudico nome de consumidores, o estatuto de dominados (o que não quer dizer passivos ou dóceis). **O cotidiano se inventa com mil maneiras de caça não autorizada.**” (DE CERTEAU, 1998a, p.38)<sup>4</sup>*

---

<sup>4</sup> Grifo meu.

Atendo-se a última frase em destaque, percebemos que o autor vê nos indivíduos e na sua capacidade de organização um lado ativo, que possibilita a reinvenção das práticas, objetos e espaços objetivados que são colocados aos mesmos. De Certeau, diferentemente de Lefebvre não vê só em determinados grupos, de “contracultura”, o lado criativo e a poética da vida. Para ele, nas simples operações cotidianas, mesmo enquanto consumidores no sistema capitalista os indivíduos estão sempre inventando e recriando através do aparato simbólico e da poética o mundo que se objetiva à frente dos mesmos. O próprio ato do consumo, do como se consume, do como se usa, denota essa atividade dos sujeitos em relação, que modificam constantemente, mesmo que de maneira dispersa e silenciosa, os objetos (físicos ou não) culturais que lhe são impostos. Os consumidores são também produtores na visão do autor.

Fazendo uma contraposição e correspondência entre produção no sentido econômico e do trabalho, e produção no sentido cultural e simbólico, o autor diz:

*“A uma produção racionalizada, expansionista além de centralizada, barulhenta e espetacular, corresponde outra produção, qualificada de ‘consumo’: esta é astuciosa, é dispersa, mas ao mesmo tempo ela se insinua ubiquamente, silenciosa e quase invisível, pois não se faz notar com produtos impostos por uma ordem econômica dominante.” (DE CERTEAU, 1998a, p.39)*

A subversão das coisas, dos fatos, dos símbolos é parte elementar da ação humana que produz cultura no cotidiano. O autor supõe que *“os usuários ‘façam uma bricolagem’ com e na economia cultural dominante(...) segundo interesses próprios,* (DE CERTEAU, 1998a, p.40). O cotidiano seria o lugar por excelência da criação social, e de sua própria reinvenção. O autor afirma que em vez de se preocupar, como fez Foucault – e na minha acertativa os teóricos marxistas que abordamos anteriormente – com o funcionamento da

dominação, dos mecanismos de coerção, repressão, etc., ele está preocupado em entender os mecanismos, as formas, e a lógica de operação que vão no sentido inverso desse processo.

De Certeau, de pronto, reconhece que há formas, regras e padrões que compõem essa lógica, e diante da complexidade que envolve essas práticas o autor selecionou algumas maneiras de fazer bem diferenciadas, encontrando variações que surgissem a partir da pesquisa de campo. Também utilizou hipóteses e teorias científicas antes trabalhadas passando por Goffman, Bourdieu, Mauss, das ciências sociais, como também autores da linguística e filosofia como Chomsky, Garfinkel, dentre outros.

Voltando novamente ao ponto da subversão, o autor aponta que a arte de criar e de fazer contracultura não se restringe mais a grupos. O que ocorre atualmente é uma “marginalidade de massa” , onde a vida cotidiana e as práticas que a compõe são necessariamente políticas, heterogêneas, mas políticas. Ele diz:

*“A figura atual de uma marginalidade não é mais de uma marginalidade de grupos, mas uma marginalidade de massa, atividade cultural dos não produtores de cultura, uma atividade não assinada, não legível, mas simbolizada,(...) essa marginalidade se tornou maioria silenciosa. (...) As táticas do consumo, engenhosidades do fraco para tirar partido do forte, vão desembocar então em uma politização das práticas cotidianas.” (DE CERTEAU, 1998a, pp. 44-45)*

As práticas cotidianas seriam para o autor as que “*produzem sem capitalizar, isto é, sem dominar o tempo*” (DE CERTEAU, 1998a, p.48). O imaginário se coloca como lado ativo nos processos da vida cotidiana em embates constantes com o racional, em uma dialética racional apropriada e reorganizada pelo irracional humano, o espetáculo de imagens e palavras não introduz apenas contingência ao lado irracional, mas sim, o estimula, por isso De Certeau diz que “*a leitura – seja das palavras ou das imagens – introduz portanto uma ‘arte’ que não é passividade.*” (DE CERTEAU, 1998a, p.50) . A reflexão que permite o



confronto do real com o imaginário, do objetivado com o subjetivo jaz em meio a nossa sociedade. Lefebvre já apontava a ambivalência da palavra e do cotidiano, sendo que para De Certeau essa ambivalência não é composta por uma dicotomia estanque, mas sim por instâncias interpenetráveis. O Cotidiano está para ele mais como um palco onde reina a reflexão e a eterna apropriação do que um palco onde se apresenta sempre a mesma peça, onde os indivíduos raramente refletem sobre as possibilidades de novas cenas.<sup>5</sup>

Para ilustrar a discussão e trazer a questão do cotidiano sob a luz de autores brasileiros, vamos abordar as perspectivas de Roberto DaMatta em *A Casa e a Rua* (1985) e em seguida a partir de Jessé de Souza (2001) discutiremos a relevância das proposições da obra de DaMatta e do próprio autor.

DaMatta aborda o conceito de espaço, sua especificidade, e sua importância no trabalho de campo antropológico. Nesta obra traça um perfil da sociedade brasileira apontando-a como uma “sociedade relacional”, comparando-nos a sociedades com sistemas de orientação espaço/temporal mais racionais e universais, como no caso dos E.U.A. e da Europa, a sistemas mais pessoalizados, como no caso do Brasil ou até de Tóquio e seu sistema postal. Assim já passa a apontar o espaço enquanto construto e construtor do social.

O autor especifica a noção de espaço da sociedade brasileira, configurando-a por possuir diversos espaços e muitas temporalidades. O autor afirma que o tempo e o espaço são “invenções sociais”, e que estas categorias estão presentes em qualquer sistema social, mesmo que configurados ou pensados de diferentes modos. DaMatta faz uma comparação entre a sociedade Nuer (estudada por Evans-Pritchard) e seus modos de viver e pensar o tempo e espaço, à nossa noção contemporânea individualizada. O autor tece esses comentários para mostrar que todo espaço implica em um tempo, e seu contrário também

---

<sup>5</sup> Para ver mais sobre a relação entre o imaginário e o real, e entre a cena e os espaço da subjetividade, ver as seguintes obras de Vincent Capranzano, *A Cena: Lançando sombra sobre o real*, (2005) e *Horizontes imaginativos e o aquém e além*, (2005a).

ocorre. Segundo ele: “(...) *não se pode, de fato, falar de espaço sem falar de tempo*” (DaMATTA, 1985, p.39).

Ele aponta que na Sociedade brasileira existe, ou melhor, coexistem, formas paralelas de tempo e espaço mesmo que estejamos imersos no bojo de um capitalismo e de uma lógica abstrata e oficializada de tempo e espaço. Ele vai mostrar por meio de situações e práticas cotidianas que estuda desde obras anteriores como *Carnavais, Malandros e Heróis* (1990), que em meio à configuração capitalista contemporânea cada sociedade se organiza e ordena seus espaços e tempos em um todo articulado de diferentes maneiras. Aponta que nas sociedades tradicionais ou semi-tradicionais, os eventos quando existem em níveis individuais quebram o ordenamento (tempo/espaço) comum. E nas sociedades modernas e contemporâneas ocorre o contrário.

A partir desse esboço, o autor passa a especificar as formas e configurações caras a nós brasileiros. Mostra que apesar de existirem “espaços eternos”, existem também “espaços transitórios” e que essa dinâmica ambígua e complementar organiza nossa sociedade. DaMatta diz:

*“Assim, qualquer evento pode ser sempre ‘lido’(ou interpretado) por meio do código da casa e da família (que é avesso à mudança e à história, à economia, ao individualismo e ao progresso), pelo código da rua ( que está aberto ao legalismo jurídico, ao mercado, à história linear e ao progresso individualista) e por um código do outro mundo (que focaliza a idéia de renúncia do mundo com suas dores e ilusões e, assimfazendo, tenta sintetizar os outros dois) Os tres códigos são diferenciados, mas nenhum deles é exclusivo ou hegemônico, em teoria. Na prática, porém um desses códigos pode ter hegemonia sobre os outros, de acordo com o segmento ou categoria social a que a pessoa pertença.”* (DaMATTA, 1985, pp. 41-42)

A casa seria o espaço da personalidade, da pessoa, onde um resquício de hierarquia e holismo permanece. A rua seria o espaço do indivíduo, da abstração, onde o tempo linear e o inesperado se oporia ao tempo cíclico e a certeza existente na casa. Porém, há ainda o espaço

do “outro mundo”, o da transitoriedade, que representa a liminaridade e complementa todo o ritual organizador do social brasileiro, já que não há uma hegemonia dos espaços antes citados. Estes espaços tem uma relação complexa entre si e convivem juntos. Este seria o mecanismo de organização de uma sociedade ambígua e com uma história em particular.

O ponto principal e conclusivo é que estudando-se o espaço de uma sociedade, encontra-se toda uma dinâmica simbólica existente. Assim ele diz:

*“Mas o ponto básico permanece, pois é estudando o espaço de uma sociedade que se pode lançar luz sobre questões tão importantes como o seu sistema ritual e o modo pelo qual se faz sua dinâmica.”*  
(DaMATTA, 1985, p. 54)

DaMatta usa essa metáfora dual da “casa” e da “rua” estendendo-a para a questão da cidadania, da mulher e da morte em nossa sociedade. Como a morte, o genero e a cidadania, são vividos e pensados em uma ”sociedade relacional” como a nossa, onde a esfera da personalidade e das relações particulares se afirma com mais força em nossa *Teia de Significados* (GEERTZ, 1978) do que a regra universal do Estado Moderno? Para essa pergunta o autor utiliza os exemplos da vida cotidiana como exemplos do dualismo estrutural que propõe.

Assim, DaMatta diz que no caso da cidadania, por exemplo, o indivíduo consegue se sair melhor e ter mais sucesso em suas metas, quando justamente renega seu status de indivíduo e assume o de pessoa. Numa batida policial, jamais se deve dizer que é um cidadão, isto ferirá o sistema de pensamento hierárquico e holístico relacional, sendo entendido como uma afronta pessoal aos policiais. Nas situações de Luto e morte, a sociedade privilegia os mortos “revivendo” os mesmos já que precisam deles para trazer o “outro mundo” como espaço intermediário que liga a casa e a rua, e permite que a vida social se reorganize a partir da desindividualização pessoalizada pela intimidade.

Notamos que o autor tem clara postura estruturalista, buscando entender o pensamento brasileiro a partir das situações cotidianas, mas dando ênfase a uma abstração e generalização a partir de sua metáfora. É por isso que DaMatta diz que visa interpretar e apontar os elementos de nossa profunda “gramática”. O autor não teoriza sobre uma possível essência do cotidiano, ou sobre as desigualdades e heterogeneidades nele contida, mas utiliza os exemplos advindos dele para caracterizar nossa sociedade, pensando fenômenos como a formação do indivíduo, do individualismo, do Estado moderno e do capitalismo, porém sem ter pretensões telológicas ou históricas no sentido marxista como vimos antes com Heller e Lefebvre.

A partir das últimas considerações que fizemos sobre DaMatta é que podemos trazer as críticas e contribuições de Jessé de Souza (2001).

Para Souza, além de não ter pretensões teleológicas, o mais importante é salientar que DaMatta ao perder de vista a dimensão das estratificações sociais termina por cair num “subjetivismo” ao qual o próprio autor diz fugir em sua obra. Cairia-se em um “auto-engano”, ou em uma “dualidade indeterminada” que é simples aporia ilustrativa. Essa crítica é apontada duramente em *A Sociologia Dual de Roberto DaMatta: Descobrimos nossos mistérios ou sistematizando nossos auto-enganos?* (SOUZA, 2001). Souza diz:

*“Nós não encontramos classes e grupos sociais na obra de Roberto DaMatta. O tema da estratificação social e a relação desta com valores desempenha um papel, na melhor das hipóteses, marginal no seu esquema explicativo.(...) Ele tem clara postura estruturalista, buscando entender o pensamento brasileiro a partir das situações cotidianas, mas dando ênfase a uma abstração e generalização a partir de sua metáfora. (SOUZA, 2001, p.51)*

Neste artigo Souza destrincha primeiramente a obra de DaMatta e suas proposições – as quais colocamos acima – explanando didaticamente os pontos para em seguida colocar algumas questões, que segundo o autor não são respondidas.

O autor parte do pressuposto de que ao se estudar uma cultura e ou sociedade, não se pode separar o estudo dos valores das diretrizes políticas e de poder, estas últimas entendidas como diferenças de acesso, participação e condução dos valores por parte de determinados grupos sociais. Ao colocar questões como: “*Afinal, como se combinam indivíduo e pessoa ou casa e rua? Qual é o elemento dominante e qual o subordinado?*” (SOUZA, 2001, p.49), “*Qual é o conjunto de regras ou normas que explica e constitui a articulação entre esses dois mundos?*” (SOUZA, 2001, p. 51), “*(...) o que faz com que precisamente nesses casos tal ou qual princípio seja mais ou menos eficiente?*” (SOUZA, 2001, p.51); Souza afirma que DaMatta não responde, nem entende que há uma imbricação entre domínio ideológico e o acesso a bens ideais ou materiais.

Souza então traz autores como Weber, Simmel e Elias, para mostrar que não se pode isolar num bloco monolítico as relações sociais pessoalizadas, das racionais burocráticas regidas pelo Estado e mercado. Estas últimas instâncias estão atuando profundamente com seus elementos psico-sociais nos contatos cotidianos, face a face, mesmo em sociedades “relacionais” como seria a nossa. Então, para Souza, nossa Sociedade não seria tradicional ou semi-tradicional, ou com resquícios dessas, mas sim uma sociedade moderna em que houve na verdade uma modernização seletiva (SOUZA, 2005), onde grupos e classes durante a história e em seus embates construíram uma organização social diferenciada.

Para o autor as desigualdades sociais são mascaradas com esse tipo de estudo “personalista” que vem desde Sérgio Buarque de Holanda e *O Homem Cordial*, e é atualizado por DaMatta em *A Casa e a Rua*. Falta à perspectiva desses autores mostrar como individualismo e holismo se institucionalizaram e continuam a se institucionalizar – já que a cultura não é estanque – através da dinâmica cultural onde os grupos sociais, e ou, classes devem ser pensados enquanto categorias atuantes. Para Souza:

*“Constrói-se uma concepção de sociedade, sem nenhuma determinação objetiva e estrutural, onde redes de relações pessoais*

*são percebidas como **único** fator estruturante e fundamental. Folcloriza-se também o capital de relações pessoais, fundamental em qualquer sociedade moderna para as chances de ascensão social de qualquer indivíduo, em característica particular de sociedades supostamente tradicionais como a brasileira.” (SOUZA, 2005, p. 90)<sup>6</sup>*

A partir do discutido, vemos que Souza contribuiu enormemente para que o cotidiano fosse analisado de forma mais eficaz e importante na construção e organização do mundo social contemporâneo e brasileiro.

Diante de toda discussão colocada acima, implicou para nós que o estudo do cotidiano do bairro do Roger não era e nem foi um tarefa fácil, apresentando enormes armadilhas. Não poderíamos sair de um objetivismo determinante das estruturas (marxismo dogmático e estruturalismo), para cair num subjetivismo ingênuo. No estudo do cotidiano tivemos que estar sempre relacionando a perspectiva estrutural e cultural e suas imbricações e choques a partir das práticas, pensamentos e ações que se apresentaram no nosso campo e espaço de estudo previamente delimitado.

Falando sobre espaço, trazemos as contribuições de Menezes (2000) que pensa os espaços enquanto necessariamente sociais. A autora aborda a peculiaridade da produção do conhecimento científico dentro do contexto de globalização. Aponta que esta deve ser encarada como “perspectiva” assim como propôs Otávio Velho (1996), e que produzir perante tal perspectiva é um trabalho difícil e árduo, principalmente quando se trata de assuntos urbanos e da cidade.

Deve-se atentar que mesmo diante do contexto de massificação as diferenças permanecem, e mais ainda, elas se complexificam a partir da articulação das lógicas locais e globais que se interpenetram na prática cotidiana.

Menezes, a partir de contribuições de autores como Casal (1986) e Milton Santos (1995), coloca que para se compreender as dinâmicas sócio-espaciais devemos levar em

---

<sup>6</sup> Grifo meu.

conta que: 1º- As referências sócio-espaciais atualmente se encontram baseadas em justaposições e combinações de vários elementos, possuindo assim significações múltiplas. 2º- Existe um movimento dialético entre a lógica/razão global e a local nas quais sub-existem escalas intermediárias a serem observadas.

Além disso, a autora deixa claro que pensa o “lugar” não a partir de um lugar antropológico como pontuou Marc Augé (1994), mas sim próximo e correlato à noção proposta por Norberg Schulz (1992) onde *“a objetividade e a respectiva visibilidade do espaço são possíveis porque o lugar se expressa por propriedades concretas e é uma componente da própria noção de espaço.”* (MENEZES, 2000, p.157). Aliada a essa noção, o lugar também deve ser entendido como um “mundo habitado”, organizado e construído por grupos sociais dados através de suas práticas relacionais.

Ainda versando sobre os espaços sociais e mais precisamente sobre os espaços sociais da cidade, Raymond Ledrut (1971) mostra como o espaço, ou melhor, os espaços urbanos devem ser encarados como palco das interações sociais. Tomando como exemplo as cidades francesas e comparando-as às vezes ao caso americano aponta para uma vida coletiva moderna que apesar de estar submetida à fragmentação cara a configuração atual, emana em situações como as festas e outras reuniões onde muitos indivíduos se mobilizam e participam despojando-se dos seus receios e medos. Ledrut afirma:

*“A vida coletiva é a que congrega os indivíduos e suas relações de amizade numa unidade que possui vida própria. É possível observar essa vida nas manifestações, cerimônias e reuniões diversas que dizem respeito aos membros da coletividade. A vida coletiva urbana é mais intensa na medida em que essas manifestações são mais numerosas, reúnem maior número de pessoas e afetam mais profundamente a vida dos indivíduos e de outros grupos a que, por ventura, pertençam.”* (LEDRUT, 1971, p.74)

Ledrut aponta ainda que ao encarar os espaços urbanos, não podemos esquecer que os limites geográficos oficiais, ou não, não podem ser pensados como entidades autônomas de

coletividade, já que os diferentes espaços no bairro ou na cidade não geram desagregação ou separação sempre, mas sim tem propensão à integração, e melhor, à organização coletiva. Ele diz:

*“[...] a coletividade, em verdade, compreende partes que não se reduzem nem a setores geográficos (aos segmentos da extensão ocupada e modificada) nem a grupos e classes, que formam o que se chama sociedade local. Essas partes se definem, sociologicamente, como lares, vizinhanças, bairros, etc. [...] A divisão interna não é, necessariamente, fenômeno de desestruturação; muito ao contrário. Em verdade, a diferenciação é um aspecto da organização interna.”*  
(LEDRUT, 1971, p.99)

A Escola de Chicago é marco fundamental quando se pensa em pesquisas empíricas urbanas e nas metodologias qualitativas que dela surgiram. A escola surge no início do século XX e é influenciada pela postura filosófica do pragmatismo. Simmel e a filosofia alemã exerceram grande influência na postura da escola, já que desde seus contatos com Small que viajara em finais do século XIX para Europa, se firma uma troca de saberes entre o velho e o novo continente.

Os membros da Escola de Chicago viveram no início do século XX na sociedade americana, conviviam com o fenômeno da imigração e do encontro de diferentes culturas, além dos vários problemas sociais como a criminalidade, greves, miséria, que assolavam as maiores cidades americanas. Voltaram-se então em suas pesquisas para o sujeito pesquisado, tendo a percepção de que a subjetividade era fundamental nas pesquisas. A noção do eu, do indivíduo começa a aparecer com a escola de Chicago. A ênfase na importância da ação social e no comportamento dos agentes surge como fator preponderante nessa escola.

Eles foram pioneiros e desenvolveram os primeiros métodos qualitativos, como observação participante, leituras de cartas, história de vida, e tinham a ida a campo como fundamental. Devemos lembrar novamente o caráter da multidisciplinaridade da Escola, que caminhava junto aos métodos empíricos antropológicos legitimados que surgiam como, por



exemplo, com Malinowski em *Argonautas do Pacífico Ocidental* (1976) e outros antropólogos que saíam dos gabinetes. Alain Coulon (1995) ressalta:

*“[...] devemos insistir na orientação deliberadamente multidisciplinar da sociologia de Chicago. Os laços entre a sociologia e outras disciplinas são múltiplos e sistemáticos: em primeiro lugar com a antropologia [...] com a qual formará um único departamento até 1929; com as ciências políticas; com a psicologia [...]; e em especial, como vimos com a filosofia.” (COULON, 1995, P. )*

E sobre a relação com a Antropologia diz:

*“Com efeito, não se deve perder de vista, além dos encorajamentos constantes de Park e Burgess à prática dessa sociologia qualitativa, que o departamento de Antropologia e sociologia estiveram unidos até 1929, e que as técnicas etnográficas utilizadas na ‘pesquisa de campo’ não tinham necessidade de outra legitimação, aos olhos dos sociólogos, que a que já fora adquirida pelas pesquisas etnológicas realizadas.” (COULON, 1995, p.114)*

Este enfoque metodológico dominou a sociologia americana até meados de 1940 quando o aspecto quantitativo emergiu de outros pesquisadores do instituto, gerando inclusive disputas internas. Apesar de não existir uma reflexão sistemática de seus pesquisadores sobre sua metodologia – Thomas e Znanieck fizeram algumas – reconhecemos o pioneirismo e criatividade destes, e a sua importância para o desenvolvimento de uma metodologia tão utilizada na Antropologia e na Sociologia Contemporâneas.

Adotamos postura metodológica semelhante à dessa Escola já acreditamos que: *“O pesquisador só pode ter acesso a esses fenômenos particulares que são as produções sociais significantes dos agentes quando participa, também como agente, do mundo que se propõe estudar.” (COULON, 1995, p.19 e 20).*

Ao tentar reconstruir a história do bairro vivenciando o contexto de hoje junto a seus moradores, abordamos os processos sociais no decorrer do tempo, interpretando informações com base na história oral e numa memória coletiva (BOSI, 1979; THOMPSON, 2002).

Encaramos as memórias e lembranças, de tempos mais remotos ou até recentes, com algo que pode informar sobre a identidade dos indivíduos elaborada a partir do local em que vivenciaram ou vivenciam os fatos narrados. O bairro e a cidade surgem como elementos de persuasão ou orientação na pertença e no pertencer a tal unidade de vida social, direcionando os agires.

A memória parece ser um instrumento na construção da realidade, já que integra as porções temporais do passado e do presente visando a um futuro possível. Segundo Michael Pollak (1992) a memória é construída socialmente e individualmente. Quando pensamos a memória e sua ligação com as identidades, percebemos que ambas fazem parte de um mesmo processo e se encontram interligadas. A identidade só se constrói a partir de referências exteriores, ou melhor, de um outro, e a memória só se forma a partir de alguma identificação.

O processo de contribuição da identidade na construção da memória, e seu inverso, são algo de fundamental em nosso estudo. Quando um habitante do bairro narra um fato ou se expressa, ele está reconstruindo determinadas identidades usando a memória social de algum espaço e tempo. As representações do que é relatado são feitas a partir da construção de lembranças e também de esquecimentos, gerando muitas vezes identidades cristalizadas.

Pollak comentando e enfatizando este aspecto social da memória relembra Maurice Halbwachs:

*“A priori, a memória parece ser um fenômeno individual, algo relativamente íntimo, próprio da pessoa. Mas Maurice Halbwachs, nos anos 20-30, já havia sublinhado que a memória deve ser entendida também, ou sobretudo, como um fenômeno coletivo e social, ou seja, como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes.”*  
(POLLAK, 1992, p.2)

Falando ainda sobre o que de fato constituiria essas bases da memória o autor coloca tais elementos:

*“Em primeiro lugar, são os acontecimentos vividos pessoalmente. Em segundo lugar, são os acontecimentos que eu chamaria de ‘vividos por tabela’, ou seja, acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa se sente pertencer. São acontecimentos dos quais a pessoa nem sempre participou mas que, no imaginário, tomaram tamanho relevo que, no fim das contas, é quase impossível que ela consiga saber se participou ou não. Se formos mais longe, a esses acontecimentos vividos por tabela vêm se juntar todos os eventos que não se situam dentro do espaço-tempo de uma pessoa ou de um grupo. É perfeitamente possível que, por meio da socialização política, ou da socialização histórica, ocorra um fenômeno de projeção ou de identificação com determinado passado, tão forte que podemos falar numa memória quase que herdada.”* (POLLAK, 1992, p.2)

A análise da memória está diretamente ligada a questão da História Oral. Esta última tem como seu maior nome Paul Thompson que escreveu: *A voz do Passado, História Oral* (2002). Thompson discorre sobre a oralidade como um instrumento novo e eficaz na análise histórica e social na busca por uma história e dados que informem através da polifonia de atores e circunstâncias. Essa postura da História Oral tende a uma postura mais democrática que abarca o real mais fielmente. Como o próprio autor diz:

*“Pois a natureza cooperativa da história oral tem levado a um questionamento radical da relação básica entre história e comunidade. A informação não precisa ser levada para fora da comunidade para ser interpretada e apresentada pelo historiador profissional. Por meio da história oral, a comunidade pode, e deve, merecer confiança para escrever a própria história.”* (THOMPSON, 2002, pp. 37-38).

Ao adentrar na comunidade em busca de sua “história” e de suas histórias, a leitura de *A miséria do mundo* (1989) de Pierre Bourdieu, e mais especificamente do capítulo *Compreender*, nos forneceu um grande embasamento para o contato com os pesquisados.

Bourdieu falando sobre a questão da *violência simbólica* que envolve a relação entre pesquisador/pesquisado, afirma que a mesma consiste numa certa imposição por parte do pesquisador, de seus objetivos, seu universo simbólico, seu modo de enxergar o fenômeno e a

própria pesquisa, ao pesquisado. Estando em universos distintos, mesmo imersos numa cultura comum, o pesquisador e pesquisado, em relação e interação, vivem uma dessimetria; que pode ser social, ou posicional, no simples fato de que é o pesquisador que dá o pontapé inicial, ele quem comanda a entrevista e a pesquisa, estabelecendo a regra do jogo. Há uma relação objetiva entre pesquisador e o pesquisado, que na situação de pesquisa faz surgir uma violência simbólica, mesmo que inconsciente por parte do pesquisador que conduz a entrevista. Para resumir, a violência simbólica consiste e é um fenômeno que surge no choque de universos simbólicos do pesquisador-pesquisado. Numa simples pergunta, por mais que o pesquisador, através de uma constante reflexão tente evitar, estarão significados do mesmo que podem agredir o pesquisado, no sentido de impor-lhe e imputar-lhe uma resposta e posição. A violência simbólica pode comprometer por completo, as informações e dados colhidos na pesquisa, alcançando pouca proximidade com a(s) verdade(s) do fenômeno ou assunto a que se quer conhecer.

Bourdieu fala que devemos tentar dominar os efeitos de violência simbólica, sem pretender anulá-los. O autor afirma que devemos tentar nos situar num meio termo, entre uma posição de direção total da entrevista, e o não-intervencionismo puro. Devemos fazer uma escolha dos pesquisados, procurando uma maior proximidade e familiaridade a nós, o que facilitaria um compartilhamento e uma melhor compreensão do universo da pesquisa, porém deve-se tomar cuidado para que não percamos o controle da situação, instaurando-se uma reflexão a dois, tornando a pesquisa uma discussão *senso-comum*.

Tenta-se estabelecer uma compreensão simpática e de mão dupla, pois os próprios pesquisados durante as pesquisas muitas vezes começam a ter uma compreensão do seu si, colocando pra fora suas verdades que estavam guardadas no inconsciente, e foram jogadas pra fora na situação de entrevista, com o acompanhamento-ajuda e até certo direcionamento do pesquisador. A disposição a compreender o universo do pesquisado, como estar aberto à

derrubada de suas visões e hipóteses, numa busca pela verdade inusitada fazem-se muito necessárias.

O autor diz que “*é preciso ser dito que compreender e explicar são a mesma coisa*” (BOURDIEU, 1989, p.700), considerando a entrevista um exercício espiritual, já que para uma compreensão-explicação, é necessário um deslocamento do si do pesquisador para o do pesquisado, fazer uma viagem temporal/espacial, tentando colocar-se no lugar dele em pensamento, pensar-enxergar-conceptualizar o mundo e o fenômeno-situação a ser abordado na pesquisa, da maneira que o pesquisado observa a partir de seu universo. Uma imersão, quase transcendental, no universo simbólico e pensamento do outro.

O elemento fotográfico ajudou-me muito nessa imersão, já que vivemos em um mundo onde as imagens compõem e sustentam cada vez mais a dinâmica social, o que aponta para um mundo onde o espetáculo parece servir como metáfora perfeita (DEBORD, 2003; AUGÉ, 1994). Indiscutivelmente, as imagens, e principalmente a imagem fotográfica, fazem parte do nosso cotidiano e influenciam diretamente nossas práticas e a construção social.

A fotografia tem seu nascimento e auge na época da modernidade e do capitalismo nascente, como colocado por Koury (1998), Benjamin (1985), (1985a) e Barthes (1984). Sabemos que as Ciências Sociais e particularmente a Antropologia surgem nesse mesmo período. Então, desde seu nascimento as Ciências Sociais e a Antropologia se serviram de fotografias como uma documentação possível de análise.

No início, os antropólogos ainda presos nas cadeiras de seu gabinete, utilizavam as fotografias feitas pelos viajantes, missionários, dentre outros como mais um tipo de descrição da realidade e do universo social “primitivo”. Como analisamos, a fotografia teve e ainda tem o potencial de espelhar a realidade perfeitamente, reproduzindo, nos moldes positivistas, o real de maneira objetiva e “neutra”.

A fotografia agiu nessa época, marcada pela perspectiva evolucionista, de forma ideológica, servindo como técnica que permitiu a produção de uma informação sobre os outros povos não-europeus, a partir de um argumento etnocêntrico. Ou seja, queremos dizer com isso que não existe uma neutralidade na fotografia. Como qualquer conhecimento e informação produzida, estão por traz juízos de valor e a subjetividade de quem produz – e, no caso específico da fotografia, detém – determinada informação, conhecimento e análise. Koury (1998a) afirma que *“A fotografia, assim, ao revelar o real, usurpa o referente, afirmando-se como tal.”*, e é por isso que a fotografia nos seus primeiros usos pela Antropologia possibilitou um aprofundamento do caráter ideológico da produção.

A aproximação dos antropólogos com as fotografias já existia, porém podemos dizer que com a máquina fotográfica ainda era distante. Com o aperfeiçoamento técnico e com a saída a campo dos antropólogos, a fotografia passa a ter uma relação direta com as Ciências Sociais e principalmente com a Antropologia como nos diz Milton Guran:

*“[...] a relação entre a fotografia e as Ciências Sociais só se tornou mais estreita e rica nos anos vinte e trinta deste século, quando a fotografia se libertou da condição sine qua non da pose, e a Antropologia se dispôs, finalmente a sair do gabinete para ver seu objeto de estudo mais de perto.”* (GURAN, 1998, p.88)

Bronislaw Malinowisk, Rivers, e outros antropólogos britânicos foram os primeiros a instituir o trabalho de campo como dado fundamental na pesquisa antropológica, e com isso, também introduziram a necessidade e as possibilidades que a fotografia tinham nesse processo. Claro que a fotografia era vista apenas em seu aspecto documental, e como comprovação de que o antropólogo realmente esteve lá, no campo.

Os anos se passaram e por volta das décadas de 40 e 50 a Antropologia Visual começava a surgir. Começava-se a usar a fotografia exaustivamente, ou como técnica fundamental, nas pesquisas antropológicas. Um ótimo exemplo é a obra de Mead e Baetson

*Balinese Character*, que data de 1942. Esta é considerada por Collier jr. (1973) como *a primeira, e ainda inigualável, pesquisa fotográfica exhaustiva em outra cultura*.

John Collier Jr. é um dos grandes marcos na Antropologia Visual. Em sua obra *Antropologia Visual: a fotografia como método de pesquisa*, elaborou e definiu muitos dos aspectos que até hoje perduram na Antropologia Visual e nos estudos antropológicos que utilizam a fotografia como método principal ou como mais um método de pesquisa e análise.

Collier aponta em seu livro para as potencialidades da fotografia como técnica de investigação. Diante da pequena e especializada capacidade de observação dos homens modernos ela se faz um instrumento muito útil na análise, reflexão, e abstração. Mais que seu aspecto documental esse autor aponta para suas qualidades de possibilidade indutiva e de reflexão, ou seja, na construção de um olhar antropológico sobre uma realidade. A câmera reduziria as barreiras entre o investigador e seu assunto permitindo-o acessar e penetrar no universo cultural do outro com mais facilidade. Falando sobre isso, ele aponta a máquina fotográfica com extensão instrumental dos nossos sentidos:

*“A máquina fotográfica é uma extensão instrumental de nossos sentidos, mas é pouco especializada para registrar na escala de abstração mais baixa possível. [...] Essa capacidade poderia tornar a câmara o instrumento mais valioso para o observador. (COLLIER JR., 1973, p. 3)*

Porém, ela não agiria por si só, o pesquisador precisa exercitar sua sensibilidade através das fotos e do fotografar:

*“A máquina fotográfica não se apresenta como um remédio para as nossas limitações visuais, mas como um auxiliar para nossa percepção. Somente a sensibilidade humana pode abrir os ‘olhos’ da câmara de forma significativa para a antropologia.” (COLLIER JR., 1973 p. 1)*

O autor aponta as modificações que a câmara traz para a humanidade, e para a importância que as imagens e a fotografia passaram a possuir desde que surgiu e se

popularizou no *habitus* do homem moderno, por isso mesmo ela tem a capacidade de ser um elemento comunicacional de primeira linha:

*“Em toda a vida moderna se percebe o efeito da fotografia como um aspecto da realidade. Num certo sentido pensamos fotograficamente, e certamente nos comunicamos fotograficamente. A linguagem não-verbal do realismo fotográfico é a mais entendida inter e transculturalmente. Esta facilidade de reconhecimento é a razão básica para a câmara ter tal importância antropológica.”* (COLLIER JR., 1973, p. 6)

Collier ainda ressalta o aspecto da falsa neutralidade que a câmera pode passar, portanto, nos faz um alerta sobre a fotografia na prática etnográfica:

*“Em etnografia, como em todas as relações humanas, ver o estranho como ‘realmente’ ele é torna-se, frequentemente um acidente dos nossos valores pessoais. Os sociólogos avaliam que é muito pouco o que podemos ver que seja verdadeiramente livre de preconceitos e projeção pessoal. O realismo dessa inquietação se estende à visão fotográfica, bem como à visão dos olhos.”* (COLLIER JR., 1973, p.7)

A Antropologia Visual como vimos tem no meio do século passado seu surgimento, e seu auge ocorre por volta dos anos 70 no mundo. No Brasil, esta perspectiva de análise, e a fotografia entendida como objeto etnográfico, só começa a surgir por volta das décadas de 80 e 90, consolidando-se como campo autônomo no início do século atual.

Porém, devo deixar claro, nossa perspectiva de trabalho não gira em torno da esfera da Antropologia Visual. A nossa experiência com a fotografia em campo e em nossa prática etnográfica serviu-se do elemento técnico, reflexivo e comunicacional apenas ligeiramente, sem explorar todas as possibilidades que detalhamos.

Desde o início de nossa pesquisa, em 2005, apesar de não focar o visual como elemento primordial, usamos a fotografia como instrumento de reflexão e aproximação com o universo de pesquisa.

Na tentativa de aguçar o olhar antropológico do pesquisador estivemos num primeiro momento utilizando a fotografia como possibilidade de aproximação dos universos



culturais, e para a própria localização dos marcos e do bairro e seus lugares. Como afirma Bittencourt:

*“Na realidade, a imagem e os meios visuais, quando utilizados como instrumentos etnográficos, ampliam as condições para o estabelecimento de um diálogo fecundo com outros universos culturais.”* (BITTENCOURT, 1998, p. 200)

*“Ao congelar a fluidez do tempo, a imagem fotográfica posiciona o tema da imagem e o espectador em uma dimensão espacial próxima, embora estejam situados em dimensões temporais diferentes.”* (BITTENCOURT, 1998, p. 205)

Na utilização que faremos das fotos nos seguintes capítulos, observa-se que todas as fotos são seguidas de legendas já que como Samain nos adverte, *“As fotografias são tecidos, malhas de silêncios e de ruídos. Precisam de um narrador para desdobrar seus segredos.”* (SAMAIN, 1998, p.112).

Utilizamos também fotografias tiradas de jornais, e produzidas por outros autores, já que a fotografia antropológica não é essencialmente a que é produzida pelo antropólogo. Edwards já dava pistas sobre isso, e sobre o que seria a fotografia antropológica:

*“Basicamente, uma fotografia antropológica é qualquer uma da qual um antropólogo possa retirar informações visuais úteis e significativas. A essência definidora de uma fotografia antropológica não é seu assunto, mas a classificação do conhecimento ou ‘realidade’ feita pelo usuário, que a fotografia parece transmitir.”* (EDWARDS, 1996, p. 24)

As fotografias serviram como base para a reflexão desenvolvida posteriormente a fatos ocorridos. Desde fatos, como a busca por um corpo em um mangue, de uma menina que havia sido assassinada por seu irmão de criação, a outros mais variados. As informações dadas pelos interlocutores nesse fato do corpo eram confusas, e, na verdade, foram pouquíssimas, ou nenhuma. As fotografias ajudaram a documentar o fato, e principalmente ajudaram a refletir e rememorar o que foi vivido em campo durante a situação. Muitos *insights* só surgiram após o exame e observação das fotografias diversas vezes e com muita atenção.

Fizeram lembrar inclusive de falas dos interlocutores, que não puderam ser gravadas pela ausência do gravador no momento, e pela resistência dos informantes. Usamos a capacidade de salvaguardar momentos significativos no campo como nos diz Guran:

*“Sua contribuição reside na capacidade de efetuar uma seleção de aspectos relevantes e de momentos significativos da realidade estudada, que possam pôr em evidencia informações que não poderiam ser obtidas por outros meios.” (GURAN, 1998, p.89)*

A partir do todo colocado neste capítulo esperamos ter dado o alicerce de nosso trabalho ao leitor. Seguiremos no próximo capítulo fazendo uma apresentação da cidade de João Pessoa, seu processo de desenvolvimento urbano, versando sobre sua história e seus aspectos relevantes mostrando, assim, o processo social de sua expansão e modificação de suas áreas e bairros. Aprofundaremos a noção de cidade em seguida, apresentando o bairro do Roger em sua caracterização geral e sua história, apontando seus componentes e dados colhidos sobre o mesmo.

## Capítulo 2

### A CIDADE: HISTÓRIA E EVOLUÇÃO URBANA

Neste capítulo, fazemos uma recuperação histórica de João Pessoa focando na sua evolução urbana e nos processos sócio-espaciais e culturais por qual passou e passa essa cidade, explanando sua caracterização, para em seguida trazer o bairro do Roger também em sua história e caracterização, afirmando sua presença e sua especificidade dentro do mesmo processo geral.

A cidade de João Pessoa é uma das mais antigas cidades do país. Ela foi fundada em cinco de agosto de 1585, e tem como peculiaridade o fato de já nascer cidade. Como foi fundada pela Cúpula da Fazenda Real, uma Capitania da Coroa, e tinha importância defensiva para a capitania de Pernambuco, adquiriu de pronto este título. João Pessoa é considerada a terceira cidade mais antiga do Brasil.

Como disse Henrique França escrevendo para uma edição especial do Jornal *O Norte* de 16 de setembro de 2006, assessorado por José Octávio de Arruda Mello, a história foi marcada por batalhas e acordos com os índios locais. Henrique França escreveu:

*“E Nossa Senhora das Neves com sua bênção àquela que, sob o sol escaldante do Nordeste brasileiro, já nasceu cidade - nem vila, nem povoado, muito menos aldeia. Em 5 de agosto de 1585, na quinta tentativa expedicionária, a Capital dos cinco nomes nascia formalmente, através de um acordo de pazes entre colonizadores portugueses e índios tabajaras - ambos forasteiros nessas paragens.[...] Onze anos antes dos pés portugueses pisarem a margem esquerda do Parahyba, os colonizadores lusitanos já haviam criado a Capitania Real que levava o mesmo nome do rio. A partir daí, por quatro vezes a coroa européia fracassou em suas tentativas de conquista, sempre derrotada pela força e garra dos índios potiguaras, que aqui habitavam. ‘A formação da cidade foi muito difícil. Em 1574 ela começa a existir de direito, mas não de fato. Porque não houve ocupação. Só em 5 de agosto de 1585 é que fincaram pé para criar a cidade que seria o núcleo básico da Capitania, que até então só existia nominalmente’, explica o historiador José Octávio de Arruda Mello, autor de “História da Paraíba - lutas e resistência” e um dos principais estudiosos dessa trajetória.*

França nesse artigo também levanta a questão de que em cinco de agosto de 1585 aportaram as caravelas portuguesas, mas as primeiras obras de fundação da cidade só ocorreram três meses depois em quatro de novembro de 1585.

A colônia brasileira em seus primórdios foi dividida em Capitanias Hereditárias, grande parte do atual território paraibano situava-se na então capitania de Itamaracá, sob o domínio de Pero Lopes de Sousa. Posteriormente, esta capitania foi desmembrada, dando origem à capitania da Paraíba. João Pessoa surgiu durante o antigo Sistema Colonial para exercer funções administrativas e comerciais, tomando forma a partir de uma colina à margem direita do Rio Sanhauá.



**FOTO 01 - A cidade ao lado do Sanhauá. Da colina às margens do rio. Fonte: Acervo Humberto Nóbrega – Unipê.**

A cidade de João Pessoa teve vários nomes antes da atual denominação. Seu primeiro nome foi o de Nossa Senhora das Neves, em 05 de agosto de 1585, em homenagem ao Santo do dia em que foi fundada. Depois, foi chamada de Filipéia de Nossa Senhora das Neves, em 29 de outubro de 1585, em atenção ao rei da Espanha D. Felipe II, quando Portugal passou ao domínio Espanhol na época da União Ibérica. Em seguida, recebeu o nome de Frederikstadt (Frederica), em 26 de dezembro de 1634, por ocasião da sua conquista pelos holandeses, em homenagem a Sua Alteza, o Príncipe Orange, Frederico Henrique. Novamente mudou de nome, desta vez passando a chamar-se Parahyba, a 01 de fevereiro de 1654, com o retorno ao domínio português, recebendo a mesma denominação que teve a capitania, depois a província e por último o Estado. Em 04 de setembro de 1930, finalmente, recebeu o nome de

João Pessoa, homenagem prestada ao Presidente do Estado assassinado em Recife.

(Wikipedia – Enciclopédia digital: [www.pt.wikipedia.org](http://www.pt.wikipedia.org))

No texto de Janete Lins Rodrigues, presente na coletânea *Uma cidade de quatro séculos, Evolução e Roteiro* de Wellington Aguiar e José Octavio (1985), coloca-se de maneira clara esse processo e as características de cidade colonial de João Pessoa, situação essa comum às outras cidades do período:

*“João Pessoa foi criada durante o Antigo Sistema Colonial para exercer funções administrativas e comerciais. Como um sítio favorável como local de defesa, tornou-se logo um centro comercial responsável pela coleta da produção local, cujo produto principal no Brasil Colônia, foi o açúcar que se destinava à metrópole. [...] A cidade de João Pessoa nasceu sem jamais ter sido vila, privilégio que lhe foi concedido pelo fato de ter sido fundada pela Cúpula da Fazenda Real, numa Capitania da Coroa [...] Inicialmente foi denominada de N. S. das Neves, depois teve seu nome mudado para Filipéia, quando Portugal caiu no domínio espanhol, em homenagem ao rei da Espanha D. Felipe II. No governo batavo, chamou-se Frederikstad, depois Paraíba, e somente em 1930, recebeu seu nome atual.”*  
(RODRIGUES, 1985).

Como vimos, os holandeses atraídos pela riqueza do açúcar, dominaram a cidade a partir de 1634, passando ela a chamar-se Frederistadt. Permaneceram por vinte anos. Nessa época a cidade abrigava uma pequena população aproximadamente 1.500 habitantes e 18 engenhos de açúcar na época desta invasão (MELLO, 1987).

Porém, o que mais importa em nossa recuperação histórica da cidade não é sua origem histórica detalhada, mas sim, mostrar quando e de que maneira se processou a evolução urbana da cidade e suas nuances.

Em 1808, a cidade possuía 3.000 moradores, cinco ermidas, uma matriz, três conventos, uma igreja misericórdia com seu hospital. Por sua vez, em 1859, já contava com cerca de 25 mil moradores (MELLO, 1987). Até o início do século XIX, a cidade ainda era habitada praticamente por militares, administradores e religiosos. No entanto, com a

ampliação do comércio brasileiro em geral, João Pessoa, bem como todo o litoral brasileiro, teve seu povoamento acelerado (MELLO, 1987).

A cidade - e seu espaço social – dividia-se ainda em “cidade alta” e “cidade baixa”. João Pessoa teve, portanto, uma lenta evolução urbana até metade do século XIX.

Notamos que a partir de 1822 após a independência é que o crescimento, principalmente o demográfico começa a aumentar. É então entre 1850 e a primeira década do século seguinte que se processam modificações urbanas e um crescimento que chamam a atenção por começarem a mudar a característica de cidade rural.

Ilustrando esse processo de lenta evolução urbana e desenvolvimento econômico (SINGER, 1977) destacamos o texto *Iluminação pública através dos tempos*, no qual João Santos Coelho Filho diz:

*“Mesmo em 1774, quando a cidade de Paraíba contava já 10.050 habitantes, 9 igrejas, 5 conventos e 2437 fogos, ainda não era possível falar de outra iluminação que os raros nichos das esquinas, instalados pelas famílias de abastados haveres, ou os fachos e tochas dos lanterneiros e criados que acompanhavam os patrões nas raras e perigosas saídas à noite. Raras e perigosas, dizemos, porque nessa recuada época, em que os homens usavam roupas de cores berrantes e espadas de tigela de ferro, cessava por completo o movimento da rua, já muito diminuído desde as Ave-Marias, às oito horas da noite. E os desordeiros espreitavam os temerários na escuridão dos becos, aumentando o rol de crimes, tão carregado naquele tempo. [...] Em 1822, a cidade alta foi iluminada, de ordem da Junta Governativa, por vinte lampiões de azeite de mamona, o que representava um notável progresso. [...] Mesmo com esse desenvolvimento não era seguro andar à noite pela Cidade.”* (COELHO FILHO, 1985 p. 67 e 68)

O elemento do medo a partir da narrativa acima já se mostra presente na sociabilidade da cidade, diante do perigo e insegurança do espaço público no período da noite, e do possível encontro com os desconhecidos, “desordeiros”, que muitas vezes se aproveitam da má iluminação para agirem. Isso em períodos de transição de uma época de ordenamento religioso católico para o ordenamento laico do Estado republicano nascente. O espaço público

da rua ainda deve ser evitado, porém a partir do início do século XX essa perspectiva começa a ser modificada.

Melhorias infra-estruturais como no transporte, habitação, saneamento, vão dando outra cara à cidade que ainda se reduz ao panorama espacial de “cidade alta” e “cidade baixa”. Koury (2005b) baseando-se em alguns autores como Jardim (1981) mostra como a “cidade rural” ainda permanecia apesar do 463 casas de palha e 50 sobrados da parte “baixa” – Varadouro, que já começava a possuir residências junto aos estabelecimentos comerciais, e das 410 casas de palha e dos 44 sobrados, fora os edifícios público, da cidade “alta”.

Maia (2000), Barreto (1996) e Silva (1997), mostram como o maquiamento urbano começado na década de 20, advindos da ideologia do progresso, do crescimento de estabelecimentos comerciais e do parque industrial, fundações de partidos, agremiações, da imprensa, dentre outros, vai mudando também a relação do homem com seu ambiente e com os outros relacionais. Koury, assim sobre essas mudanças:

*“O primeiro é a separação do estado republicano nascente da igreja, dando início à ordem laica, mudando o estilo de vida e as organizações espaciais da cidade, até então sob rígido controle religioso. O segundo, alerta para a ocupação do espaço público pela população, antes restrita ao interior das residências a população começa a freqüentar as ruas, as praças, os coretos, como forma de não só fazer política ou comércio, mas também se divertirem e encontrarem amigos. (KOURY, 2005b, p. 150)*

O autor salienta, porém, que essa conquista do espaço da cidade é feita diferenciadamente já que só os mais abastados podiam entrar e se adequar a costumes exigidos por uma ordem disciplinadora em espaços públicos como praças e parques.

Para o autor *“A modernização do espaço urbano e do estilo de vida da cidade também se fez sob o signo do medo do outro e da busca de controle social e societal.”* (2005b, p. 151). Todo um poder disciplinar moderno passava a regular os costumes e hábitos em certos lugares, como praças e coretos, excluindo os homens pobres que eram considerados o lixo da cidade e deveriam ser postos em instituições como presídios, manicômios e

orfanatos. Este processo de *higienização* também é apontado por Maia (2006), quando ela coloca que a cidade passou por um período de verdadeira *re-construção* de ordem estética e arquitetônica, aliadas, ou tendo como base, novas leis e ordenamentos morais estampados em periódicos da época e em autos do poder público em geral.

Em *O século XIX e a cidade*, de Aécio Villar de Aquino, encontramos a caracterização de João pessoa no século XIX:

*“[...] Em grande parte do século XIX a visão que vamos encontrar da Cidade da Paraíba, pouco difere da descrição feita pelos primeiros cronistas e viajantes do começo da centúria: cidade pequena, antiquada, carente de diversos equipamentos urbanos e que chama a atenção para aspectos exóticos de sua paisagem natural e peculiaridades de umas poucas edificações. Ainda no início da segunda metade do século, bem como definiu Maurílio de Almeida ‘... era como as demais capitais das menores províncias de Império: um aglomerado urbano, pequeno, dos mais pobres e atrasados’. Somente nas últimas décadas do século é que alguns melhoramentos substanciais passam a fazer parte dos equipamentos da cidade. A cidade era geralmente dividida em alta e baixa, de acordo com a sua topografia. [...] Logo depois do centro iniciavam-se os sítios, alguns deles com vários hectares, o que bem demonstra a origem rural da urbe e que penduraria por todo o século XIX. E logo depois a mata emoldurava a pequena cidade, às vezes seccionando-a, isolando pequenos conjuntos de habitações, que passavam a constituir povoados quase que independentes.” (AQUINO, 1985, p. 75)*

A cidade vai crescendo e novos bairros como Tambiá e Trincheiras vão surgindo fora do perímetro central, novas avenidas são criadas como a João Machado, Maximiniano de Figueiredo e Epitácio Pessoa, além de praças e parques como o Parque Arruda Câmara e o Parque Sólon de Lucena, o Ponto de Cem Réis, tudo isso redundando em melhorias nos sistemas de energia, água, etc. As primeiras décadas do século XX, até 1950, trazem essas transformações inclusive arquitetônicas e no jeito de morar e habitar.

Até a década de 1910, a lagoa do Parque Solon de Lucena, que até então se chamava Lagoa dos Irerês, não permitia o crescimento da cidade em direção ao litoral, a Lagoa era na verdade um grande charco. Em 1913, no governo de Saturnino de Brito, foi realizado o



saneamento da bacia da lagoa, permitindo, com isso, a expansão da cidade em direção ao leste e ao sul.



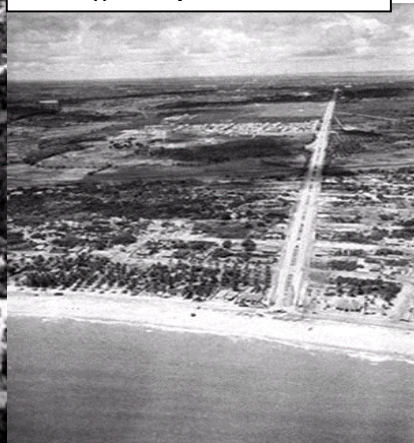
**FOTO 02 - Parque Solon de Lucena e centro da cidade em 1940. A cidade começava a se expandir e ganhar novos ares. Os moradores começavam a se deslocar no espaço geográfico da futura urbe.**

*Fonte: Acervo Humberto Nóbrega – Unipê.*



**FOTO 03 e 04 - João Pessoa na década de 1950. A Longa reta da Av. Epitácio Pessoa ligando o centro e a “Lagoa” ao mar. A cidade agora se estendia do rio ao mar.**

*Fonte: Acervo Humberto Nóbrega- Unipê.*



Em 1920, a cidade tinha 29.000 habitantes registrando pouco crescimento, mas em 1950 tinha 98.000 habitantes, sendo o êxodo rural e as políticas urbanizadoras do Estado brasileiro, grandes impulsionadores desse crescimento urbano (MAIA, 1992 p.24). Henrique França (2006) conta mais sobre a expansão populacional:

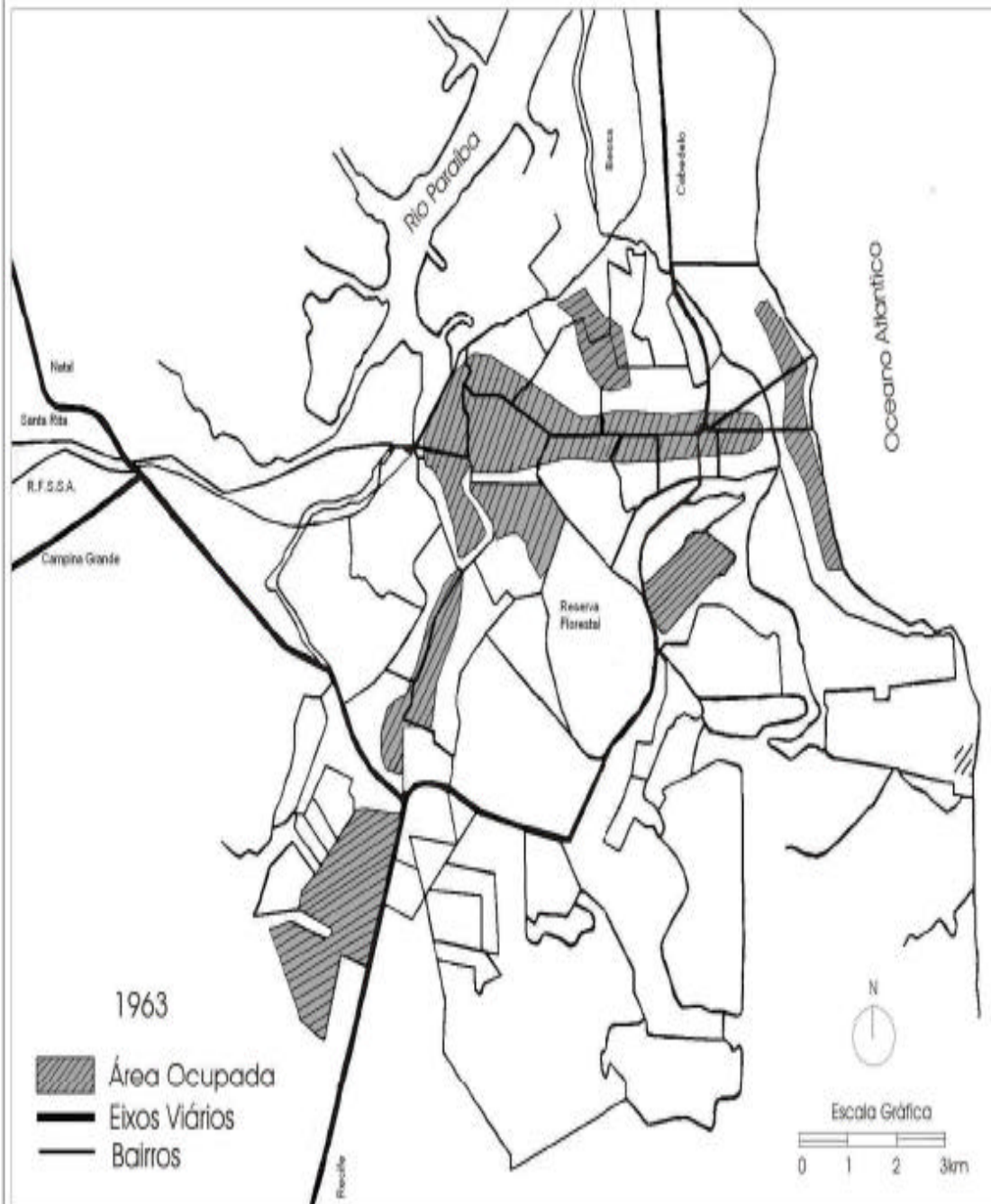
*“Nos anos de 1950, quando a principal via foi construída, João Pessoa era a 17ª cidade de maior população do Brasil e a mais populosa do Estado. Mas foi na década de 1960 que ocorreu a grande explosão de imóveis na orla da Capital, transformando o cenário intacto das praias pessoenses em uma invasão de habitações margeando o oceano.” (Jornal O Norte, caderno especial, 16 de setembro de 2006)*

Como vemos, só a partir de 1930-40 a cidade começa a ganhar ares de cidade grande e meio urbano. Nas décadas seguintes a expansão do setor terciário da economia, bem como a aberturas das grandes avenidas como a Av. Epitácio Pessoa, a Av. Cruz das Armas e Av. Pedro II que expandem a cidade para outras direções, além da ampliação da UFPB em 1955 e federalizada em 1960, aceleram a urbanização da cidade (MAIA, 1992, p.24). Podemos ter uma visualização do início dessa expansão e crescimento no Mapa 02 na página seguinte, que mostra a ocupação urbana da cidade em 1963.

De 1950 a 1970, aproximadamente, vão surgindo outros bairros e conjuntos habitacionais com Jaguaribe, Expedicionários, Torre, Tambiá. O calçamento da Epitácio Pessoa e da Beira Mar em finais de 50 proporciona uma migração interna dos habitantes, com os mais abastados se deslocando inicialmente para as avenidas – regiões valorizadas – e posteriormente em finais de 60 para a praia e região leste para Manaíra, Tambaú e Cabo Branco, chegando nas décadas de 80-90 até o Bessa e o limite com o município de Cabedelo (Parte hoje da Região Metropolitana<sup>7</sup>).

---

<sup>7</sup> A Região Metropolitana de João Pessoa foi criada pela Lei Complementar Estadual 59/2003 publicada no Diário Oficial do Estado em 30 de dezembro de 2003. Compreende os seguintes municípios: Bayeux, com 95.007 habitantes; Cabedelo, com 53.020 habitantes; Conde, com 20.862 habitantes; Cruz do Espírito Santo, com 15.137 habitantes; João Pessoa, com 672.081 habitantes (IBGE/2006); Lucena, com 11.275 habitantes; Mamanguape, com 40.999 habitantes; Rio Tinto, com 22.739 habitantes; Santa Rita, com 131.682 habitantes. FONTES: (Wikipedia – Enciclopédia Digital – pt.wikipedia.org) e LEANDRO (2006).



Fonte: Lavieri e Lavieri, 1999.  
Adaptação: Ainaldo Inácio das Neves

**MAPA 02** \*Retirado de SILVA (2006).

As avenidas Cruz das Armas e Pedro II levam a cidade a crescer para a direção sul e sudeste. A partir dos anos 70, época de ditadura militar, começa a ser desenvolvida uma política de conjuntos habitacionais que em João Pessoa culmina na criação de bairros para os de baixa renda como Castelo Branco (I, II e III), Geisel, Cristo, Bancários, Mangabeira (que vai do I ao VII), Valentina de Figueiredo, dentre outros. Prédios e outras moradias como loteamentos foram criados no sentido norte – nordeste para uma parcela de maior poder aquisitivo.

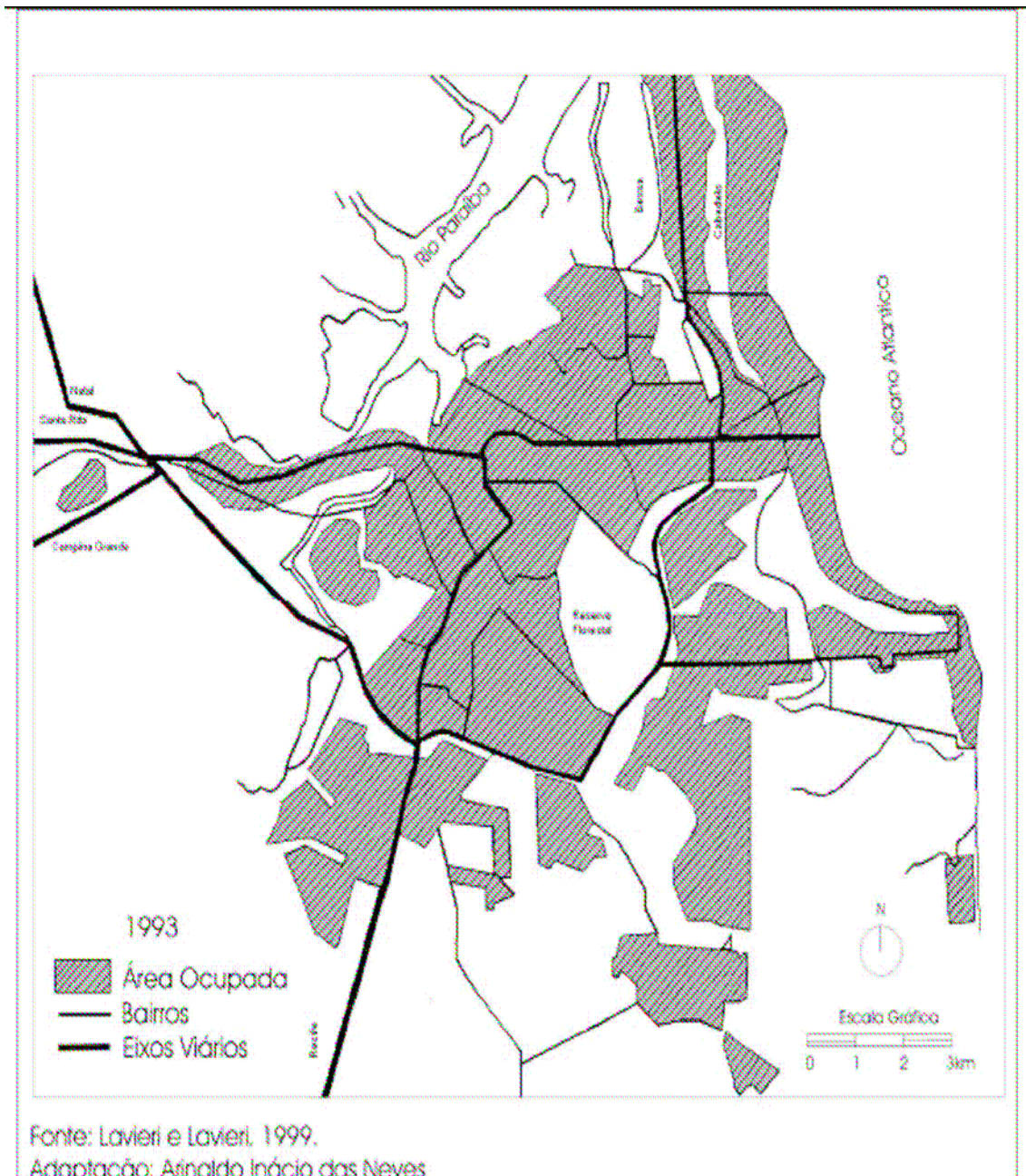
Na cidade, a segregação espacial já começa a existir, notadamente pelo surgimento das primeiras favelas, como a “beira-rio”, em meados de 70 segundo Silva (2006). O Roger, e as áreas centrais, como o Varadouro e Porto do Capim, além de outras Norte-Nordeste, como Padre Zé, Mandacaru, começam a ser ocupadas pela população pobre e de baixa renda. No momento posterior, esta população se deslocaria também para regiões mais distantes e periféricas.

O *boom* do processo de urbanização da cidade vem a partir das décadas de 70 e 80. Assim, mostra-se que “*De 1970 a 1980 a população da cidade de João Pessoa cresceu 62% e a área urbana se ampliou em 170%*” (SILVA, 1997, p. 183 apud KOURY, 2005b, p.152).

A população da cidade cresceu 244% de 1950 a 1980 segundo Maia (1992). Dentro desse processo, a partir de 90 a cidade continua em sua explosão urbana e crescimento demográfico com seus bairros passando a se tornar cada vez mais áreas comerciais e com serviços, principalmente os bairros “nobres” da orla marítima, e outros como Mangabeira e Bancários. “*Em 1991 a população do município era de 497.600 mil habitantes e em 1996 pulou para 549.363 mil.*” (MAIA, 2000, p. 116 apud KOURY 2005b, p.152).

Shopping Centers são construídos na cidade, o centro e as grandes avenidas quase não apontam locais residenciais, e a cidade sub-divide cada vez mais seus habitantes em

diferentes *lôcus* com suas especificidades de configuração que interdependentes conformam o todo do processo. Podemos ver no Mapa 03 a grande ocupação urbana da cidade em 1993.



**MAPA 03** - \*Retirado de Silva (2006).

De acordo com o IBGE, em seu censo e contagem populacional de 2007, a cidade possui hoje 674.971 mil habitantes. Possui também um IDH de 0,783 – 9ª- posição na Região Nordeste<sup>8</sup>, uma taxa de mortalidade infantil de 40,4 por mil nascidos vivos, esperança de vida ao nascer de 68,2 anos e uma taxa de analfabetismo de 14%, segundo o IBGE Censo 2000.

Hoje, João Pessoa que é considerada a segunda cidade mais verde do mundo – título obtido na ECO 92 –, é divulgada pelos órgãos públicos de turismo através de imagens e imaginário de “cidade tranqüila”, “verde”, etc., como coloca Leandro (2006). Porém, contrasta seu verde com uma imensa malha urbana composta por vários bairros,<sup>9</sup> que como observamos, intensificou-se em períodos recentes. Seguindo disso, observa-se que a cidade turística é primordialmente colocada para o cidadão de fora<sup>10</sup>, já que os que habitam a cidade vivenciam e percebem a sua dinâmica de maneira cotidiana e próxima, através de um imaginário que aponta muito mais para uma cultura do medo, da insegurança, e da violência crescentes, influenciados, seja pelos fatos empíricos de crescimento da violência, assaltos e homicídios; ou pela mídia que divulga esses acontecimentos de maneira diária e espetacular.

---

<sup>8</sup> O IDH - Índice de Desenvolvimento Humano - é classificado de três modos: IDH baixo – 0,499, IDH médio – 0,500 à 0,799 e IDH alto – 0,800 à 1,000. O IDH surge em um contexto do pós-guerra. Logo após a II Guerra Mundial a Europa passa por uma reestruturação dos seus países patrocinada pelos E.U.A. Neste primeiro momento, o nível de desenvolvimento das nações era diretamente ligado à sua economia e o crescimento da mesma. O PIB era o fator primordial de comparações e nivelção das nações. Com a nova configuração mundial dos anos seguintes à II guerra, onde as nações (inclusive as latino-asiáticas) surgem com crescimento econômico em potencial e, mesmo assim, ostentando um nível alto de miserabilidade e desigualdade, onde condições de vida inumanas permanecem, surge a necessidade de se diferenciar desenvolvimento de crescimento econômico. Amartya Sen e Mahbub Ul Hag, numa iniciativa da ONU, criam então o IDH. Índice sintético que integra e se compõe de outros índices: o educacional, o de longevidade (expectativa de vida) e o de rendimento (econômico). Com a criação de um índice de maior alcance, surge esse instrumento de análise e comparação social entre as nações, suas cidades e realidades.

<sup>9</sup> Ver Mapa 04 e Mapa 05 nas páginas 80 e 81 para melhor visualização da cidade e seu espaço urbano atual, e também seus bairros destacando-se o Roger.

<sup>10</sup> Investimentos no sentido turístico como a recuperação e restauração do centro histórico em sua área do Varadouro e Porto do Capim ressaltam que mais recentemente uma nova gestão da Prefeitura Municipal parece ter como agenda a retomada e intensificação desse projeto, produzindo reformas como a do Terminal de Intergração de ônibus Urbano, e da retirada do comércio ambulante de algumas ruas principais e também sua reforma. Eventos periódicos de lazer e cultura também se realizam no Centro Histórico e as melhorias são notórias. Porém o estado geral decadente ainda permanece diria na metade ou maioria de seus lugares. Em matéria televisionada do JPB em setembro de 2007, se anunciou a retirada dos moradores do Porto do Capim para conjuntos habitacionais na periferia da capital, e a revitalização dessa parte do Varadouro como área histórica para o lazer e cultura. O interessante é que nem todos os moradores aprovam a mudança e encaram-na como uma expulsão do seus lares e do local que constituem sua vida e identidade, o que remete a um tipo de medo específico.

A existência hoje de quatro programas de televisão, transmitidos por canais distintos, especializados em assuntos da criminalidade, onde a face “negra” da sociedade pessoense é exposta, denota isto. Sem falar nos inúmeros condomínios fechados residenciais que despontam atualmente na cidade. O que indica tipos de *enclaves fortificados*, que compõe o novo cenário urbano de segregação e novas sociabilidades, surgidos a partir do medo do “outro” e da insegurança, existente principalmente pelos segmentos e classes altas da sociedade local; como anteriormente assinalado por Moura (2003) e Caldeira (1997). Ao falar sobre esse processo que atinge as cidades brasileiras e em específico a cidade de São Paulo, Caldeira (1997) diz:

*“Nos últimos quinze anos, no entanto, uma combinação de processos – alguns semelhantes aos que estão afetando outras cidades – transformou profundamente o padrão de distribuição de grupos sociais e atividades econômicas no espaço da cidade. (...) Nos anos 90, as distâncias físicas entre ricos e pobres diminuíram, ao mesmo tempo que os vários mecanismos para separá-los tornaram-se mais óbvios e mais complexos.” (CALDEIRA, 1997, p. 156)*

É aqui que o bairro do Roger desponta no interior da cidade. Já que como dissemos, ao longo do desenvolvimento da cidade as áreas centrais deixaram de ser local de moradia das classes mais altas que se deslocam para outras áreas. O Roger enquanto bairro central acompanha esse movimento das pessoas em migração, tornando-se aos poucos o bairro que é hoje, popular, formado por moradores em sua maioria de baixa renda, e um local visto pela cidade através de estigmas como perigoso, violento e insalubre.

A mídia referencia esse tipo de imagem em seus telejornais, e matérias que mostram sempre o bairro através do presídio e suas fugas, da questão do tráfico de drogas e violências; da miserabilidade e carências sócio-econômicas; contribuindo para esse imaginário.

A população de João Pessoa, e principalmente os moradores com maior poder aquisitivo, tendem a ver o Roger como local de evitação, de perigo, relatando o medo e a cultura da violência da qual abordamos desde o capítulo primeiro. Morar no Roger pode ser

atributo negativo para um cidadão de João Pessoa, pois os indivíduos da cidade estranham o outro, tentando excluí-los de seu convívio e contato, principalmente os indivíduos que são considerados provenientes de determinados lugares “perigosos” como o Roger.

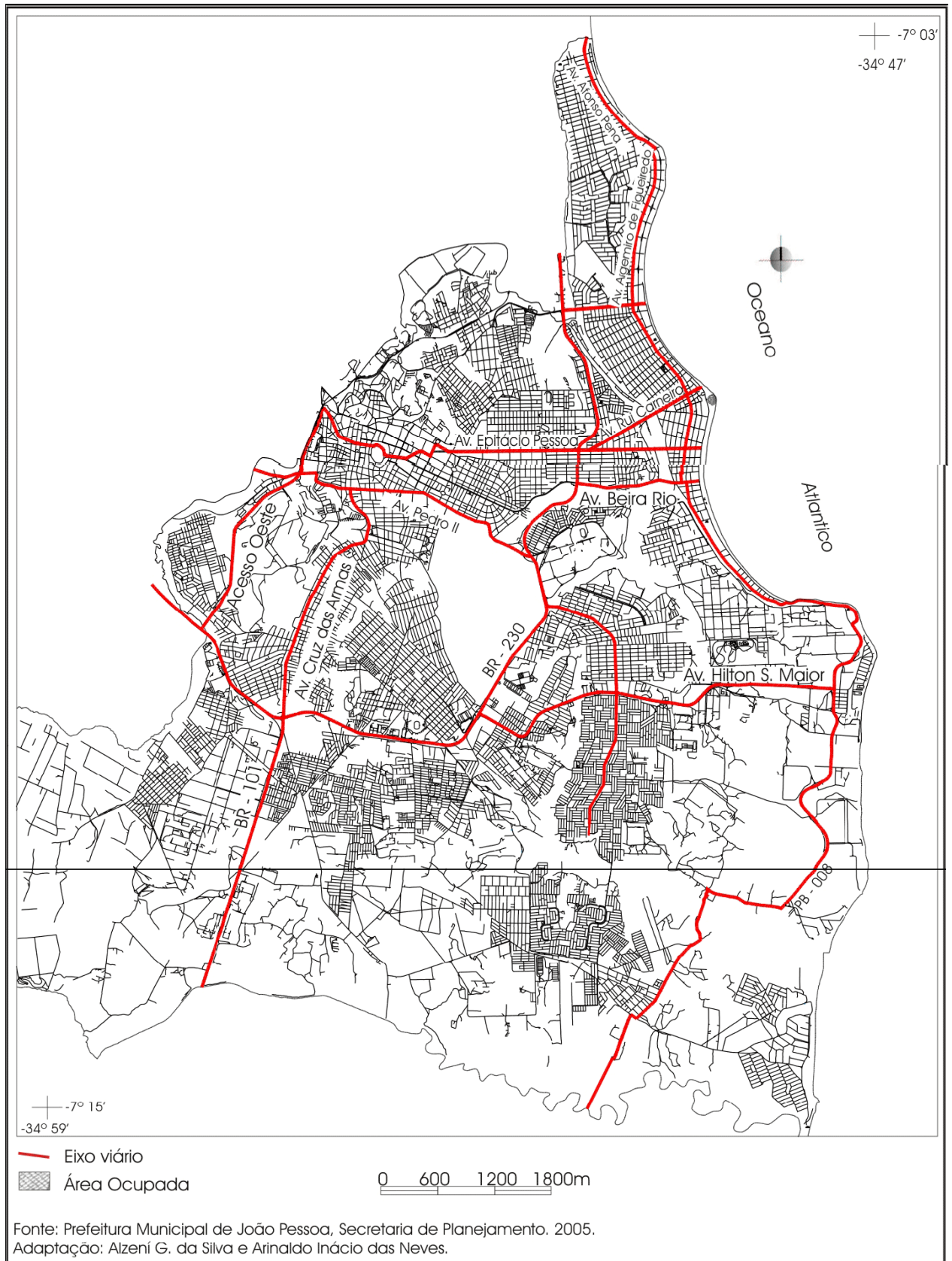
A cidade divide-se em uma área mais elitizada e outra popular e periférica – onde situa-se o Roger – em uma notada segregação espacial e exclusão social, iniciada principalmente em meados das décadas de 70 – 80 como afirmamos anteriormente, e aguçadas no presente. Ver Mapa 06 na página 82 para melhor observar essa divisão e situar o Roger.

Essa segregação espacial e residencial reforça, e ao mesmo tempo é reforçada, por um temor que se apresenta constante no cotidiano dos habitantes da cidade contemporânea como afirma Caldeira (1997) ao dizer:

*“Finalmente, o quarto processo de mudança relaciona-se mais diretamente ao novo padrão de segregação residencial urbana, porque fornece a retórica que o justifica: o crescimento do crime violento e do medo. Não somente a criminalidade tem aumentado desde meados da década de 80 em São Paulo. (...) Na verdade, o medo do crime acaba modificando todos os tipos de interação pública no espaço da cidade.”*  
(CALDEIRA, 1997, p.158)

Percebe-se que o Roger é, portanto, um bairro estigmatizado pela cidade, e que esse estigma reforça-se a partir do momento em que a cidade adquire o grande porte urbano, que traz como consequência a cultura do medo, e fenômenos como a violência e a criminalidade supracitada.





**MAPA 04 - \*Malha Urbana de João Pessoa, Retirado de (LEANDRO, 2006).**

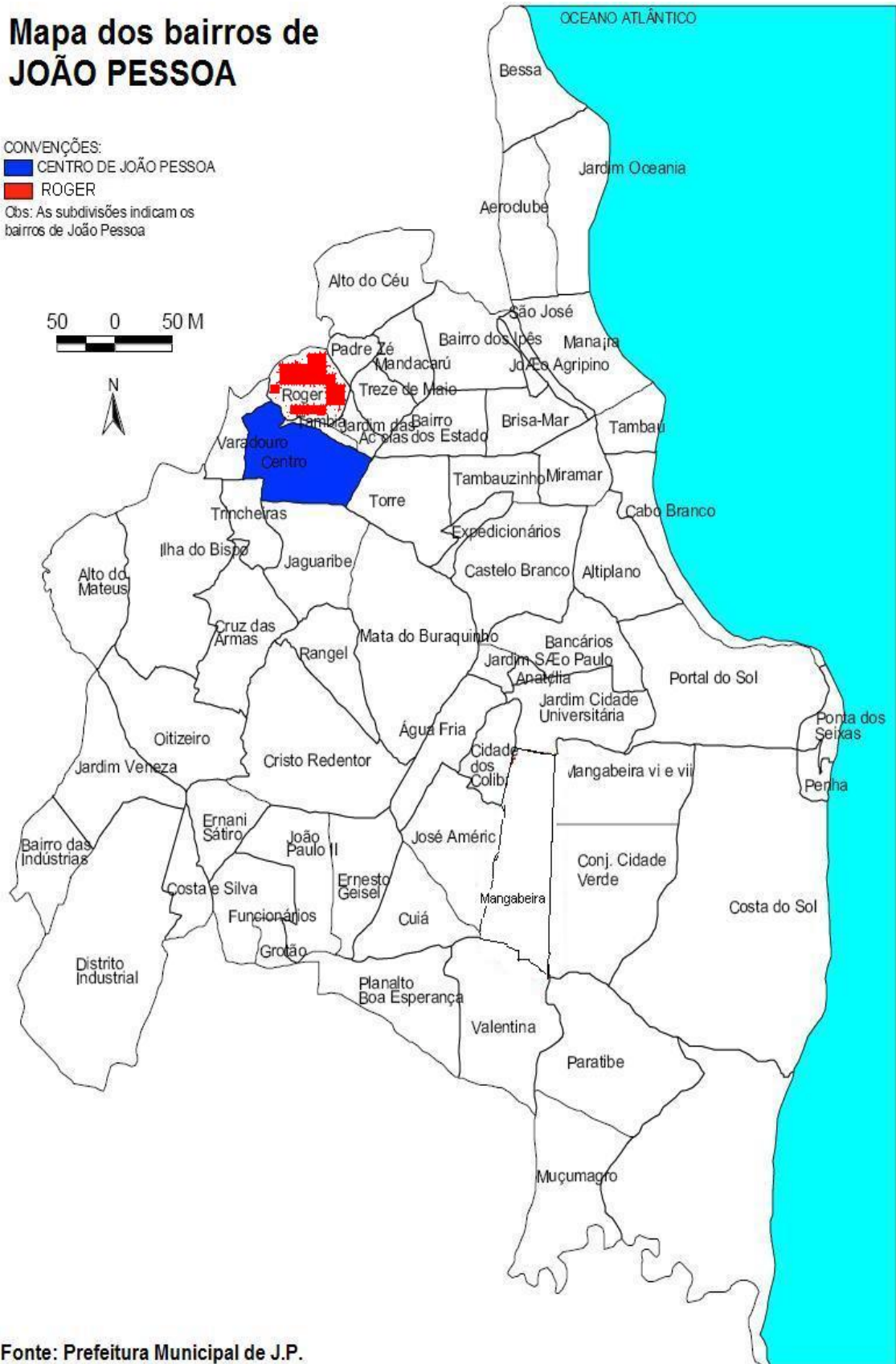
## Mapa dos bairros de JOÃO PESSOA

CONVENÇÕES:

■ CENTRO DE JOÃO PESSOA

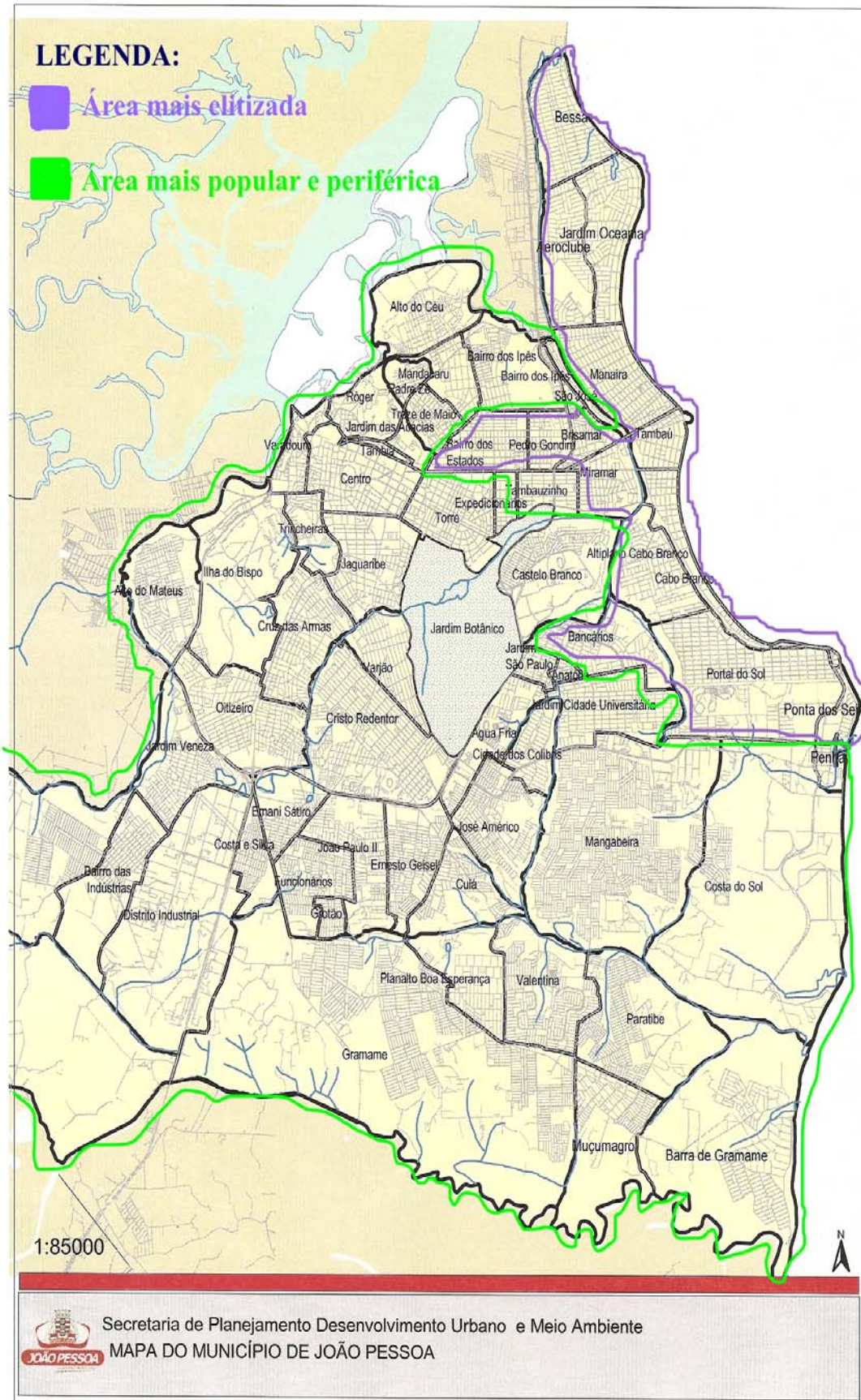
■ ROGER

Obs: As subdivisões indicam os bairros de João Pessoa



Fonte: Prefeitura Municipal de J.P.

**MAPA 05 – O Roger destacado dos outros bairros da cidade.**



**Mapa 06 - Áreas elitizadas e áreas populares e periféricas**

Colocam-se, portanto, diferentes dinâmicas sócio-espaciais que geram a construção de diversas identidades, sociabilidades, construídas no contato com o outro relacional. Elementos novos como o individualismo, a cultura do medo, exclusão social surgem no cenário atual e são pensados por nós a partir da inter-relação entre os moradores do bairro e seus lugares, bem como os da cidade em geral; vivenciados nas trajetórias dos indivíduos comuns e suas experiências na construção do social.

A cidade cresce, a população cresce, e uma nova forma de sociabilidade se configura e re-configura a todo instante. O individualismo e o estranhamento do desconhecido, além do sentimento de pertença visto como forma de exclusão e separação social, aparece nesta cidade contemporânea aliados a outros hábitos costumes e ações contrárias que ainda parecem persistir nos indivíduos em inter-relação, variando de intensidade nos lugares e espaços componentes da mesma. Observamos esses fenômenos sociais tendo como foco o bairro do Roger e suas especificidades que lhes apresento e detalho a seguir.

### Capítulo 3

#### O BAIRRO E A CIDADE

O bairro do Roger é um dos mais antigos bairros da cidade de João Pessoa e, portanto, acompanha intimamente a história da cidade que como vimos nasceu em suas proximidades, mais precisamente no rio Sanhauá, que pode ser visto do alto do bairro. O Roger é um dos bairros centrais da cidade, inclusive, tem um dos seus limites e fronteiras com o centro da capital a partir da Igreja de São Francisco que data do Século XVIII.



**FOTO 05 - O bairro segue a topografia da cidade. Da sua colina – do “alto” Roger, vê-se o rio Sanhauá e a junção do centro velho da cidade a parte do “baixo Roger”. Créditos: Ricardo Bruno Cunha Campos.**

O bairro, inicialmente desabitado, só passa a ganhar existência enquanto tal no início do século XX, quando, como abordamos anteriormente, a cidade começa realmente a se expandir e a ganhar características de uma sociedade maior e urbana. Antes disso, o bairro, pouco habitado, era composto de terras onde se plantava cana-de-açúcar e se realizavam outras atividades produtivas. Chamou-se “Sítio Maria Burinhosa” antes de suas terras serem vendidas ao inglês Richard Roggers, quando então passou a ser conhecido por Roggers, fixando assim o nome que recebe atualmente. Nas palavras de José Américo de Almeida em *Cidade de João Pessoa. Roteiro de ontem e de hoje* (2005, p. 25), o Roger assim aparece:

*“O Roger, o antigo sítio Aburizona do inglês Ricardo Rogers, até bem pouco tempo era um terreno baldio e está construído até a beira do rio. Lá se encontra o Colégio João XIII, modelo de educação feminina,*

*como o Colégio das Neves, Lourdinias e Stella Maris, em outros pontos.”*

O Roger só passa a ser realmente habitado, ganhando ruas e elementos da cidade no final do século XIX começo do século XX, quando suas terras passam para as mãos da igreja católica representada pela recém fundada diocese da Paraíba. Anteriormente, o Roger era compreendido como pertencente ao bairro de Tambiá. Alguns elementos da igreja, como o colégio João XXIII citado por José Américo, ainda permanecem atualmente no local.

Encontramos um belo texto histórico do professor José Batista de Melo reproduzido no trabalho de Flávia Cristina Coutinho (2005). Este texto de 12 de fevereiro de 1962 foi escrito a pedido do pároco Flávio Colaço de Chaves para ser colocado no livro de tombo da paróquia de Santa Terezinha. Segue o texto:

*“Situado ao norte da cidade de João Pessoa, encontra-se o Roggers, florescente bairro, contando muitos dos milhares de habitantes. Bastante irregular, divide-se em alto e baixo Roggers, este estendendo-se em forte declive até encontrar a linha férrea que liga a capital a Cabedelo. Da parte alta divisa-se formoso panorama até além da confluência dos rios Sanhuauá e Paraíba e, ainda a cidade de Cabedelo. Era conhecido a princípio como “Sítio Maria Burinhosa”, sua antiga proprietária que o transferiu por venda ao cidadão Antônio de Melo Sufiniz. Este, por sua vez, transferiu-o em 1847 ao súbdito inglês Richard Roggers. Desta data em diante passou o bairro a denominar-se Roggers. O novo proprietário procurou desenvolver em seus terrenos a cultura da cana de açúcar, tendo ainda iniciado uma regular fábrica de cal que abastecia boa parte da cidade. Por sua morte, passou o domínio à sua viúva, Francisca Romana Roggers e filho Richard Roggers. Em 16 de maio de 1881 foi a propriedade vendida por dois contos de réis ao conselheiro Francisco de Paula Mayrink, residente no Rio de Janeiro e que pretendia fundar ali uma fábrica de louça. Não realizando este intento, ficou o Roggers em abandono e quase que inteiramente desabitado. Somente alguns casebres, e no cruzamento das atuais ruas Juiz Gama e Melo e Carlos Pessoa, erguia-se um vasto casarão de quatro águas que servira de residência do antigo proprietário Richard Roggers. A 16 de Julho de 1896, pouco depois da fundação da Diocese da Paraíba, o saudoso Austide D. Aduino Aurélio de Miranda Henriques conseguiu do Conselheiro Mayrink a doação da propriedade para integrar o Patrimônio da Diocese. Em 1909 foi iniciada a construção da primeira rua do bairro, justamente denominada inicialmente, Avenida*

*“D. Adauto” que mais tarde passou a chamar-se “Dom Vital.”. Nesse logradouro ergue-se, ainda hoje, a majestosa gameleira plantada em 1962 pelo antigo comerciante ali estabelecido Senhor Sizenando Paiva. Servido de água encanada, esgoto, linha de ônibus e dezenas de casas comerciais, tem o Rogers se desenvolvido grandemente.”* (MELO, 1964 *apud* COUTINHO, 2005, p. 11 e 12)

O bairro tem suas raízes de fundação em sua parte alta, atualmente em sua divisa com o bairro de Tambiá. Lá surgem as primeiras ruas, as primeiras casas, onde se instalam inicialmente pessoas da classe abastada da sociedade, como proprietários, conselheiros, e membros da Igreja Católica. Vários historiadores e cronistas narram essa história. O bairro de Tambiá, que coexistiu com o Roger por muito tempo, ainda hoje possui semelhanças com o mesmo, inclusive na geografia como demonstra a foto a seguir.



**FOTO 06 - Vista a partir de uma praça no interior do bairro de Tambiá /Jd. das Acácias.**

**Desse ponto descendo por ruas para a parte baixa do bairro vêm-se moradias mais humildes e carentes como a que está na foto, moradias do mesmo tipo que se encontra no “baixo” Roger. Ao fundo vemos o bairro do P. Zé. Seguindo as casas no fundo para a esquerda é o limite com o Roger. *Créditos: Ricardo Campos.***

Coriolano de Medeiros em *O Tambiá de minha Infância* (1994) dá valiosa contribuição sobre a história do Roger e sua ligação com o bairro de Tambiá. Estas passagens são do final do século XIX:

*“[...] o Roger era vasta chácara e moradia de um inglês Roger ou Rodgers- conhecido por BOBOCO, casado na família Gama e Melo. Um filho destes, Tony, faleceu em Canudos. Depois da morte do seu primeiro dono, a propriedade ficou em abandono. Cobriram-se os terrenos de alta capoeira para recreio de desocupados, que, pela*

*célere ladeira do Quebra... desciam em grupos para as levadas, ou para a bica do sapo”.* (MEDEIROS, p.25, 1994).

*“O Tambiá, nome originado pela fonte, confinado com o centro da cidade, compreendia o Róger, um trecho adjacente à estrada de Mandacaru, descendo em linha reta para o vale do engenho Paul.”* (MEDEIROS, p. 26, 1994).

José Octavio de Arruda Mello (2006) falando sobre os Italianos na Paraíba conta um pouco da história do bairro na entrada e primórdios do século XX, apontando já para novos costumes modernos que se aplicam à vida cotidiana do bairro e de suas áreas como a “Bica”:

*“Indícios dessa nova realidade que convergiria para a explosão renovadora da década de 20 [...] residiam no caráter rueiro de sociedade. [...] No centro desse processo que já admitia hábitos mais livres, tais como veraneio na praia e pic-nics em áreas como o Parque Arruda Câmara.”* (MELLO, 2006, p.83)

*“Procurador da Arquidiocese da Paraíba, durante largo tempo da vida, funções essas depois transferidas ao filho José, João Magliano teve a seu encargo estruturar o atual bairro do Roggers – derivado da propriedade Aburizona, loteada pela Arquidiocese.”* (MELLO, 2006, p.86)

Gonzaga Rodrigues mostra em algumas de suas crônicas no livro *Filipéia e Outras Saudades*, um bairro do Roger ainda não urbano como o de hoje, retratando também um pouco da sua história:

*“Nesse tempo ainda me tratavam por moço – ‘tem um moço aí’ – quando eu batia à porta das casas. Como ficou combinado, saímos da Praça do Carmo logo de manhã [...] desta vez para fecharmos - com o Roggers e a linha do Sanhauá – o périplo ambulatório que, há dois domingos, vínhamos fazendo pelo lado do mar. [...] A escolha do Roggers também se dava por influência de leitura, um trecho das reminiscências de Kilder, inglês que andara por aqui ao tempo em que o Roggers era visto como ponto dos mais lindos da Paraíba, assim descrito pelo súdito de Sua Majestade: ‘Esplendida vista marítima do Cabo e Forte de Cabedelo, a foz e o curso do Rio, até o estuário’, tudo ‘em meio a um cenário magnífico’, comparado com as planícies ao poente do Rio Gênese, quando vistas do West Avon’.”* (RODRIGUES, 1997, p.52 e 53)

*“Agora, sob pés brejeiros, a planície do Gênese não conferia. Descambava no esgoto, na lama onde fuçam caranguejos, porcos e*



*crianças e o lixo é servido como generosidade burguesa à mesa.”*  
(RODRIGUES, 1997, p.53)

Nota-se que Rodrigues já aponta para o lixo e alguns problemas urbanos que começam a surgir no bairro. A partir da segunda metade do século XX é que o bairro cresce em sua extremidade baixa, sendo ocupado por uma população pobre e de baixa renda, muitos vindos do interior em busca de melhorias, ou de outros locais da cidade migrando também por necessidades, principalmente de renda e relacionadas à nova valorização e especulação do solo e do espaço urbano que exploramos no capítulo anterior. Começa-se a delinear dois núcleos no bairro – o do “alto Roger” e o do “baixo Roger” – compondo a realidade contraditória de um mesmo lócus urbano em formação. Ver nas páginas seguintes as fotos 07, 08, 09 e 10 que denotam hoje essa contradição entre “alto” e “baixo”, que já se iniciava com a urbanização do bairro.

Ainda em passagens que abordam o bairro e seu cotidiano, Rodrigues demonstra saudosismo do que era a cidade e também o bairro e seus lugares como o Parque Arruda Câmara, “Bica”, contrastando nostalgicamente uma antiga ordem com a moderna que começara a se fincar:

*“Era o tempo em que não se vendia manga em João Pessoa. [...] Do Roger a Jaguaribe, as mangas caíam sem dono. João Pessoa era a Vila, a Vila que eu ouvia Pinta Cega bradar nas batalhas campais entre o Treze e o Auto ou Botafogo.”* (RODRIGUES, 1997, p.33)

*“Estão remodelando a bica. Digo remodelando, palavra em desuso, mas tudo que sei vi pela televisão. [...]Mas fiquemos na antiga Bica, no Arruda Câmara do Dr. Walfredo. Bica que foi retiro afrodisíaco das minhas carências juvenis, onde a leitura era a companhia mais excitante.(...) São leituras conservadas no tempo , vindas à luz associadas à idéia de parque, de Bica, de Arruda Câmara, essa fonte que deveria ser sagrada para a capital, não somente pela lenda que lhe dá nome[...] mas pelo refúgio histórico e obrigatório que se tornou para o povo. É a única riqueza ou luxo do povo nos seus domingo de folga.”* (RODRIGUES , 1997, p. 34 e 35)



**FOTO 07 - O “baixo Roger”, marcado por uma má infraestrutura e por falta de um ordenamento urbano como se vê na foto. Ausência de calçadas e esgoto a céu aberto. *Créditos: Ricardo Campos.***



**FOTO 08 - Outra foto do “baixo” próximo ao ponto final do ônibus na Av. Ayrton Senna e da comunidade Asa Branca. Casas humildes de muros conjugados, revelam a baixa renda dos moradores do local. *Créditos: Ricardo Campos***



**FOTO 09 e 10 - O “alto Roger” nascedouro do bairro com suas ruas organizadas e limpas, além disso melhores moradias e até casas de luxo, revela um outro padrão e condição de vida. *Créditos: Ricardo Campos***

No texto *Escolhi a zona da Miséria* de Firmo Justino, texto integrante da coletânea, *Uma Cidade de Quatro Séculos – Evolução e Roteiro*, (1985), obtemos, já pelo título, uma caracterização nefasta e estigmática, porém realista, do bairro do Roger. O texto data de 1960 e corrobora com a visão que Gonzaga Rodrigues já denunciava em fragmento acima, apontando para os problemas que a urbanização da cidade, trouxe para o bairro. No seu texto ele descreve densamente sua experiência em campo como recenseador. Descreve não só os costumes dos habitantes do bairro como também sua geografia. Falando mais da geografia e dos marcos do bairro ele diz:

*“Essa zona, eu a escolhi; sempre me senti atraído por ela. Uma vista para a cidade, do alto Rogger, da chã já fronteira com Mandacaru, nos exacerba o sentimentalismo da raça. Descendo-se e olhando a chã de baixo, do Parque Arruda Câmara, há uma luxúria de cores que vai desde o verde-esperança, passando aqui e ali, abruptamente, ao amarelo, ao pérola ou marrom [...] resultante da sombra das grandes árvores, dos eucaliptos apontando o firmamento, cor de serranias à distância sombras de nuvens projetadas na terra. Do outro lado o mangue; o cheiro acre do mangue, e as pequenas poças, vistas do alto parecendo arquipélagos de areia muito branca encravados no mar verde da vegetação. [...] nesse setor se localiza a Penitenciária Modelo. (JUSTINO, 1985, p.173)*

Sobre a vida dos habitantes e seus hábitos:

*“Aí passei dois meses perguntando, inquirindo; entrando nas casas a horas variadas, inclusive à hora das refeições e à noite. Surpreendi suas vidas nos mais diferentes momentos e aspectos; vidas freqüentemente muito semelhantes à existência dos caranguejos da região, pois que, como estes, se alimentam de restos, de sub-comidas, e também moram em locas úmidas e infectas. Na luta pela sobrevivência ambos chafurdam na lama aos primeiros sinais da aurora [...] Ali as doenças grassam nas formas mais estranhas.[...] Noutra casa, às primeiras horas da manhã encontrei o dono – soldado de policia – embriagado até a medula. Mal podia responder as perguntas. [...] Sua família: mulher e filho. A mulher em adiantado processo de anemia perniciosa. Na rede o filho mirrado. [...] Não há saneamento; as poças infectas se sucedem; o que se bebe trai as propriedades químicas da água. Encontrei nessa zona uma percentagem assombrosa de anêmicos e impaludados.” (JUSTINO, 1985, p. 174)*

Certamente, Firmo Justino nesta última citação está se referindo à parte do “baixo Roger” onde estão situadas os conglomerados sub-normais, ou favelas, e onde se dão as piores condições de vida no bairro hoje em dia, e que já começavam a se formar à medida que a cidade moderna capitalista se constituía e exacerbava as desigualdades. O bairro do Roger apresenta, portanto, uma marcante diferenciação e desigualdade social internas, o “alto” e o “baixo” diferenciam-se não só pela posição geográfica e estrutura física, mas principalmente por diferenças sócio-culturais marcadas, que remetem ao período e à maneira da constituição de sua população formada historicamente. Hoje em dia, observado como um todo o bairro se caracteriza como um bairro popular e carente, apesar de locais (principalmente no “alto”) apresentarem condições de um bairro de classe média, ou classe média baixa.

De acordo com o Censo Demográfico do IBGE do ano 2000, o Roger tem uma população residente de 10215 pessoas, sendo estes 4979 homens e 5236 mulheres, morando em 2470 domicílios particulares permanentes. Dessa população, 7345 pessoas são alfabetizadas. A pobreza do bairro é demonstrada pelo valor do rendimento nominal médio que é de R\$ 476,75; e do valor de rendimento mediano mensal que é de R\$ 270,00; segundo os mesmos dados do ano 2000.

Já segundo os dados de 2004, do LAURBE – Laboratório do Ambiente Urbano e Edificado, vinculado ao Departamento de Arquitetura e ao CT da UFPB, o Roger possui um IDH de 0,555 ocupando a 41ª- posição dentre os 53 bairros da capital. Possui ainda um índice de miserabilidade de 8,34 pontos, com 206 famílias de 2470 que vivem com menos de meio salário mínimo. O bairro em termos de miserabilidade ocupa, portanto, a 30ª- posição dentre os 53 bairros.

Realmente o Roger se desenvolveu muito, acompanhando o desenvolvimento da cidade, porém, devido às limitações de espaço físico hoje o bairro não tem mais para onde

crescer. A cidade se expande em outras direções, principalmente a sul e sudeste. O bairro, apresentando hoje grandes proporções geográficas, traça limites com outros bairros da cidade como Varadouro, Centro, Tambiá, Mandacaru, Padre Zé e Jardim das Acácias e 13 de maio.

Contudo, se pensarmos o desenvolvimento em termos não de grandeza geográfica, mais sim, urbanisticamente, percebemos que várias das fachadas antigas estão sendo modificadas, e mesmo casas antigas sendo destruídas para a implantação de lojas e empresas. Além de grades, muros altos, e outros dispositivos para a segurança e afastamento do outro. Isto se dá a partir principalmente das imediações com o bairro de Tambiá e também do centro, e leva a novas formas mais impessoais e heterogêneas de conduta social e práticas dentro do espaço público de suas ruas. Gilberto Velho (1987) aborda isso apontando a fragmentação e a complexidade do meio urbano contemporâneo.

*“Na realidade, esse é um ponto essencial no estudo das sociedades complexas, especialmente no caso das modernas industriais. A diversidade e a fragmentação de papéis, em contraste com as sociedades simples de pequena escala”.* (VELHO, 1987, p. 31)

Nesse sentido, acreditamos assim como Goffman (1988) que:

*“(...) quando o indivíduo se apresenta diante dos outros, seu desempenho tenderá a incorporar e exemplificar os valores oficialmente reconhecidos pela sociedade e até realmente mais do que o comportamento do indivíduo como um todo.”* (GOFFMAN, 1988, p. 41)

Valores estes reconhecidos por uma sociedade de nova estética, que como Eckert (2000) coloca, exprime seus sentimento a partir de uma ordem onde:

*“A frustração com que se qualificam as relações de hoje como mais presenteístas mescla os embaraços das experiências subjetivas no mundo moderno, as feições do medo e as estratégias sociais ‘necessárias’ para evitar oportunidades de agressão. Mas na preocupação com a segurança, o maior temor é quanto à vitimização pessoal.* (ECKERT, 2000, p. 17)



**FOTOS 11 e 12 - Fachadas antigas são modificadas denotando uma nova estética que avança. Na proximidade com Tambiá e centro vemos o comércio e serviço como colégios, lojas e até um fórum eleitoral tomarem conta das ruas e das antigas casa de moradia. Créditos: Ricardo Campos.**

Um dos fatores que conformam esses valores no bairro é o fato do mesmo apresentar terreno bastante irregular com declives bastante acentuados, que faz o bairro se dividir geograficamente também em dois: o “alto Roger” e o “baixo Roger”, sendo este limite determinado pela Av. Gouveia Nóbrega. Esta divisão não só surge no tocante aos aspectos infra-estruturais e de formação histórica, como colocamos anteriormente, mas existe principalmente enquanto valores identitários gerados pela fronteira simbólica entre “alto” e “baixo” Roger e que direciona a lógica relacional entre os moradores do bairro. As “favelas” e as áreas de maior insuficiência estrutural, como a favela do “S” e a comunidade Asa Branca, e Terra do Nunca, concentram-se no “baixo Roger”, bem como os marcos negativos como o Presídio e o Antigo lixão. Através do estranhamento do “outro” proporcionado pela cultura do medo que abordamos desde o início, e da estigmatização que a cidade imputa ao bairro como vimos no capítulo anterior, os moradores criam uma fronteira simbólica interna – oficialmente o bairro é um só – em que:

*“Uma antipatia latente e o estágio preparatório do antagonismo prático efetuam as distâncias e aversões sem as quais esse modo de vida não poderia absolutamente ser mantido. [...] O que aparece no estilo metropolitano de vida diretamente como dissociação na realidade é apenas uma de suas formas elementares de socialização.” (SIMMEL, 1979, p.18).*

Reproduzindo o estigma do perigo e da evitação entre si, diferenciando-se e buscando uma ação positiva para suas identidades no jogo relacional.

O Roger é um dos mais importantes e visados bairros da capital paraibana, até porque recebe os marcos como o antigo “lixão”, o presídio, e a “Bica” como hoje ela é, no interím do século XX. Como já afirmado, o bairro até 1997 possuía o *Lixão do Roger*, área de 17 hectares para onde ia o lixo de toda a capital. Além desse marco está situado no Roger o maior e mas “famoso” presídio da cidade, a Penitenciária Modelo Des. Flósculo da Nóbrega, e também um dos pulmões da cidade que é o Parque Arruda Câmara mais conhecido como “Bica”. Esses elementos constituem elementos de pertença que implicam a exclusão social operada pelo poder simbólico (BOURDIEU, 1989) em jogo no cotidiano do bairro, e por isso, faz-se necessário um detalhamento desses marcos fundamentais.

O Antigo Lixão é um dos marcos negativos tanto para o bairro como para a cidade. O Lixão do Roger sempre foi motivo de vergonha para o bairro e para a cidade, que possuía seu depósito de lixo nas imediações de seu berço (rio Sanhauá) e dentro do perímetro urbano, mais precisamente na área central da cidade, ficando sempre à vista dos habitantes da cidade, do bairro e de visitantes. Situado na parte norte-ocidental da cidade e ocupando uma área de 17 hectares, o lixão recebia a céu-aberto 650 toneladas/dia ou 22.000 ton/mês ou 250.000 ton/ano e no decorrer de mais ou menos quarenta anos, serviu de ambiente à proliferação de moscas, baratas, ratos e urubus sem qualquer controle sanitário, causando graves danos ao meio ambiente e a população próxima.

Sem falar no prejuízo e atributo negativo imputado pela presença do lixão aos moradores e aos visitantes, segundo Maria de Fátima Albuquerque Rangel Moreira e Delma Maria de Albuquerque (1999) o maior impacto causado pelo antigo Lixão se dava na população residente próxima ao mesmo, que convivia com doenças variadas, inclusive causadas por lixo de origem radioativa (pilhas, baterias, etc.) que se acumulavam

gradativamente. As autoras afirmam que a presença deste um lixão em plena área urbana era de profunda gravidade negativa para a vida dos habitantes de seu entorno.

Acreditamos que outro impacto que o lixão causava, e que ainda causa, é de ordem simbólica já que a retirada do mesmo não apaga anos de imaginário negativo produzido sobre o bairro através do lixão, e até internamente, já que os moradores do “baixo” são vistos como seres inferiores pelos do “alto” a partir de sua vinculação a este marco. A memória coletiva não é facilmente apagada, e constrói-se lentamente através dos processos de troca simbólica e lingüística como afirma Bosi (1979):

*“O instrumento socializador da memória é a linguagem. Ela reduz, unifica e aproxima no mesmo espaço histórico e cultural a imagem do sonho, a imagem lembrada e as imagens da vigília atual. Os dados coletivos que a língua sempre traz em si entram até mesmo no sonho (situação-limite da pureza individual). De resto, as imagens do sonho não são, embora pareçam, criações puramente individuais. São representações, ou símbolos, sugeridos pelas situações vividas em grupo pelo sonhador: cuidados, desejos, tensões...” (BOSI, 1979, p.18-19)*

Em 1997, na gestão do prefeito Cícero Lucena o Lixão do Roger começou a ser desativado. Transferiram-se famílias que moravam na área, e através de um grande movimento de órgãos, entidades e indivíduos, faz-se, até hoje, a recuperação do local através do plantio de árvores e outras técnicas de despoluição. Hoje o lixo da grande João pessoa se destina a outra área localizada fora do perímetro urbano, e onde se desenvolvem atividades de reciclagem. No antigo Lixão funciona uma cooperativa de reciclagem também. Porém, apesar de dado como acabado, o problema do lixão permanece, alguns moradores próximos afirmam que a renda e a oportunidade eram melhores quando se tinha o lixão por perto. O Parque ecológico professado pela prefeitura ainda não foi ativado, até porque a recuperação ambiental total da área ainda não foi possível. O antigo lixão permanece no imaginário e em



populações como a do conglomerado sub-normal “S” que ainda vivem da coleta do lixo, mesmo que para a reciclagem<sup>11</sup>, ver as fotos 13, 14 e 15 nas páginas seguintes.



**FOTO 13 - Lixão em atividade, visto ao lado da Basílica da cidade a direita, e ao lado do Mosteiro de São Bento a esquerda. Poluição e sujeira no centro e nascerdouro da cidade. Imagem negativa para a cidade presente no bairro. Créditos: Arquivo do fotógrafo Marcus Antonius, retirado de Leandro (2006) pág. 74.**

---

<sup>11</sup> Ver no anexo 1 matérias jornalísticas sobre o assunto.



**FOTO 14 - Vista aérea, onde à esquerda vemos o antigo lixão envolto pela mata e mangue do rio Sanhauá, e colado ao bairro do Roger na parte de baixo da foto. Créditos: Dirceu Tolledo, retirada do site da SUDEMA – PB.**



**FOTO 15 - Antigo lixão visto do alto do bairro da Ladeira e Av. Dom Vital, ao seu lado e ao fundo o Rio Sanhauá. Créditos: Ricardo Campos**



**FIGURA 1 – Panfleto/cartaz da Prefeitura Municipal. A cidade e os moradores do bairro ainda não viram, nem vêem o prometido, e ao que parece inviável, novo Parque. As proferidas áreas de lazer não existem, e a miséria ainda se abate sobre o local.**

A penitenciária modelo Desembargador Flósculo da Nóbrega, e popularmente conhecida como Presídio do Roger, segundo dados da secretaria de Cidadania e Justiça possui cerca de 884 presos, possuindo capacidade para abrigar 400 pessoas. No jornal televisionado JPB 2ª- edição, do dia dezesseis de outubro de 2007, em reportagem sobre um homicídio entre presos no interior do presídio, anunciou-se que hoje o presídio possui 1119 presos, mais que o dobro da sua capacidade máxima que seria de 500 presos. Alguns moradores do bairro afirmaram em nossas conversas que antes da instalação do presídio, existiram no local um colégio (Alto de Santa Rosa) e um campo de futebol (Tietê) campo esse que ainda figura no mapa da *Telelista*- Lista de telefones distribuída aos assinantes.

Fazendo parte da realidade dos presídios brasileiros o presídio do Roger dispõe de péssimas estruturas físicas e sócio-culturais que possibilitem a recuperação dos apenados e

segurança aos moradores vizinhos ao presídio. A Human Rights Watch (<http://www.hrw.org/portuguese/reports/presos/>), organização que luta pelos direitos humanos no mundo, realizou visitas ao Brasil em 1988, 1997 e 1998 produzindo relatórios que afirmam, por exemplo:

*“Quanto mais superlotada, barulhenta e perigosa a prisão, é óbvio que menos estímulo à educação ela oferece. Algumas prisões de péssima reputação, tais como o Presídio do Róger, em João Pessoa, não oferecem aos detentos qualquer oportunidade educacional”.*

E em relação ao trabalho dentro dos presídios diz o documento:

*“Seguem alguns exemplos de prisões visitadas pela Human Rights Watch: o Presídio do Róger, em João Pessoa, pagava aos detentos um salário mensal de dez reais, mas alguns detentos responsáveis pela manutenção e reparos do presídio recebiam um salário mensal de setenta e cinco reais”.*

A violência e o perigo estão sempre ligados ao presídio e conseqüentemente ao bairro, constituindo elemento marcante no imaginário da população, a mídia local expõe quase quinzenalmente notícias sobre rebeliões, mortes, tráfico de drogas e fugas de apenados<sup>12</sup>. Essa violência habitual não parte só dos apenados, mas também reflete-se nas ações dos responsáveis pela segurança. O relatório de título - *Situação dos Direitos Humanos no estado da Paraíba, Brasil* -, apresentado por ocasião da audiência realizada em 27 de fevereiro de 2003, durante o 117º- período de sessões da Comissão Interamericana de Direitos Humanos da Organização dos Estados Americanos, afirma a existência de várias violações dos direitos dos presos, como também notifica uma chacina ocorrida no presídio:

*“Em julho de 1997, durante um motim na penitenciária do Roger, oito apenados foram sumariamente executados por policiais militares, agentes penitenciários e presos a serviço da direção. Cinco membros da Pastoral Carcerários estavam presentes acompanhando de perto. Sem que fossem esgotados os recursos de negociação, o pavilhão foi invadido e os presos mortos e trucidados com instinto de crueldade como consta na Carta Aberta sobre o Massacre do Roger”.*

---

<sup>12</sup> Ver matéria jornalística reproduzida no anexo 2.

MALAQUIAS (1999, p.113) afirma que nas atuais condições de existência do presídio do Roger “*Existe um processo de negação da cidadania que leva o apenado a total alienação de si mesmo, ocorrendo, em muitos casos, um fenômeno denominado prisionização o qual induz à passividade e ao imobilismo. Aqueles que não são atingidos pela prisionização, reagem, criando um sistema de poder paralelo,*” o que parece estimular o ciclo de violência e perigo imanente às fugas, ver fotos 16, 17, 18 e 19 na página seguinte.

Percebemos que a presença do presídio faz com que:

*“Em termos simples: acentua-se um imaginário social que associa as camadas pobres a um modo e condição de vida que estariam nas raízes da crescente violência que impregna o cenário das grandes cidade brasileiras.”* (KOWARICK, 2002, p.24)

Porém, apesar de referenciar medo para a população da cidade e para a população do “alto”, o presídio mostra-se como um elemento cotidiano e que não traz problemas ao bairro, a não ser justamente a visão negativa que a cidade imputa ao bairro pela presença do presídio. Abordaremos esse tema com mais precisão no próximo capítulo.



**FOTOS 16 e 17 - Fotos da Entrada do Presídio do Roger e da rua Monsenhor José Coutinho que dá acesso ao mesmo e é uma das principais vias do “baixo Roger”. Créditos: Ricardo Bruno Cunha Campos**



**FOTOS 18 e 19 - Presos amontoados em celas superlotadas e a polícia em ação de contenção dentro do presídio. Créditos: jornal Correio da Paraíba.**

O bairro do Roger possui 59 hectares de área verde, e a maior expressão do verde do Roger e Tambiá (bairro vizinho) é sem dúvida o Parque Zôo-botânico Arruda Câmara. Motivo de orgulho para a cidade e principalmente para os moradores do Roger, o parque é assim considerado por ser uma das poucas áreas de lazer e passeio do bairro. Popularmente é conhecido com “Bica” por causa de uma fonte de água ali existente. Rossana Honorato (1999) aponta e caracteriza o parque com todos e os melhores méritos, assim ela diz:

*“Localizado no bairro de Tambiá, a noroeste da cidade, exuberante em natureza, oriundo de uma mata existente no então sítio do Roger e uma bica natural, se encontra o zôo-botânico da cidade, o Parque Arruda Câmara, reconhecido como bem de interesse histórico estadual pelo Instituto do Patrimônio Histórico Estadual, em 26 de agosto de 1980. Foi construído na gestão do prefeito Walfredo Guedes Pereira. A fonte que lhe originou a denominação mais comum foi construída em 1782 e restaurada em 1889, é também um bem tombado de interesse histórico nacional pelo IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico nacional. Tem esse nome em homenagem ao botânico Arruda Câmara. Dotado hoje em sua estrutura funcional de uma Divisão de Zoológico, uma Divisão de Botânica, Escola do Meio Ambiente e setor de eventos e lazer, que são responsáveis pela preservação da fauna e flora, ocupa uma extensão de 17 hectares, após a perda de 36 hectares de ocupações irregulares (a exemplo da favela Asa Branca) em pleno centro da cidade” ( HONORATO,1999, p.84 – 85).*

A autora ainda cita a grande diversidade de tipos de plantas e de Mata Atlântica existentes, além da preferência dos cidadãos de João Pessoa pelo parque como segundo lugar preferido para o lazer em detrimento às praias, isto segundo pesquisa de jornal local datada de 1995.

O Parque é uma opção barata de lazer para a população de baixa renda que não tem como pagar por outros meios de diversão. O acesso ao parque é feito pelo pagamento de um real por pessoa, suas trilhas e caminhos são utilizados por muitos moradores ao se deslocarem da parte baixa do bairro para o centro ou para o “alto”. O seu Lago também é muito utilizado pela população do “baixo Roger” para a prática da pescaria como pudemos observar, ainda que exista a proibição estampada de tal atividade. Ver fotos 20, 21, 22, 23, 24 e 25 nas páginas seguintes.

Assim, a “Bica” representa para os moradores do Roger um espaço de pertencimento positivo, constituindo-se em um elemento que dialoga com os outros supracitados numa contraposição ao status simbólico adquirido ao se tomar o lugar enquanto parte de seu *pedaço*. Acreditamos como Honorato (1999) que:

*“Se destaca acerca de um símbolo que se refere à área de lazer urbano é de fato a oportunidade de espaços que promovam o interesse do habitante da cidade pelo lazer e pela questão ecológica.(...) A necessidade do lazer para a reconstituição do equilíbrio urbano tem sido paulatinamente desconsiderada das rotinas instituídas pelo cotidiano de vida na cidade.” (HONORATO, 1999, p. 87)*



**FOTOS 20 e 21 - Entrada principal da “Bica” no “alto Roger”, à direita a nova entrada que está sendo construída no “baixo Roger” na Av. Ayrton Senna. Flagra-se o momento em que uma senhora passa pelos tapumes da nova obra para adentrar ao parque sem pagar como fazem de costume os moradores da área mesmo antes da nova construção. Créditos: Ricardo Campos.**



**FOTOS 22 e 23 - É proibido, mas muitos utilizam do lago para a pesca, e do pasto para alimentar os animais. Créditos: Ricardo Campos**



**FOTOS 24 e 25 - Foto da Fonte que dá o nome popular ao parque e ao lado direito visão do interior do parque em sua área destinada aos macacos. Crédito: Ricardo Campos**

Fora dos marcos assinalados podemos citar outros de menor importância para nosso estudo; relativos à cultura popular como o G.R.E.S.C.R. (Grêmio Recreativo escola de Samba Catedráticos do Ritmo) e a Império do Samba. Relativos à educação como as creches Amiguinhos, Casa da Caridade, e Assis Tavares; e como as escolas: Escola Estadual Ana Higina, Escola Municipal Frei Augusto, Escola de Ensino Fundamental João Coutinho, Centro de Cidadania Maria Borges (ensino profissionalizante), Instituto João XIII (privada), Educandário Meu Sonho (privada), e a Escola Estadual de Educação Especial. Relativos à saúde como Centro de Saúde do Idoso e o PSF- Roger. E, por fim, relativos ao lazer e



desporto como o Campo de Futebol do Onze Esporte Clube, Ginásio do Guarany Esporte Clube e a Praça José Ferreira Silva.

A Casa Pequeno Davi, uma ONG que desenvolve atividades educacionais, é um outra referencia no bairro, lá se produz atividades artísticas e de lazer com crianças e adolescentes do bairro do Baixo Roger, adjacências do Terminal Rodoviário e bairros da periferia da grande João Pessoa, participando na integração social da comunidade. A Escola Piollin, que foi o antigo Engenho do Paul, é importantíssima para o bairro. Lá se desenvolvem atividades de arte e cultura (teatro, capoeira, etc.) além de o local ser um sítio arqueológico requisitado pelo IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), onde se encontram elementos preservados pela pouca influência no local, que como vimos teve a urbanização ocorrida nos séculos XIX e XX.

O que nos chama atenção desse marco é que a Piollin serve de *trajeto* (MAGNANI, 2007) para as pessoas do bairro, que utilizam a área desta ONG e Ponto de cultura como trilhas dentro da mata que cerca todo o bairro como também para acesso para a “Bica”. Já houve de ter entrado na “Bica” por um acesso não oficial e não pago que surgia perto de uma das edificações da Escola. Fui novamente ao acesso só que haviam fechado com uma cerca e arames farpados. Mesmo assim percebi algumas outras trilhas dentro da mata que preferi não seguir. Ver foto a seguir:



**FOTO 26 - Interior da Escola Piollin. Seguindo o muro para baixo, e ao fundo, vê-se a parte que dá para a “Bica”, e para a entrada não-oficial que estava barrada e com a cerca concertada. Créditos: Ricardo Campos**

Alguns moradores do “alto” parecem não gostar da Piollin, já que além de atrair a população carente do “baixo” para perto ainda serve de *trajeto* para estes que podem circular para outras áreas longe de seu *pedaço*.

O *trajeto* é assim definido por Magnani (2007):

*“A cidade, contudo, não é um aglomerado de pontos, pedaços, ou manchas excludentes: as pessoas circulam entre eles, fazem suas escolhas entre várias alternativas – este ou aquele, este e aquele e depois aquele outro – de acordo com uma determinada lógica. Mesmo quando se dirigem a seu pedaço habitual, no interior de determinada mancha, seguem caminhos que não são aleatórios. Está-se falando de trajetos.”* (MAGNANI, 2007, p.12)

Um outro *trajeto* se faz através da “Bica” a partir de uma entrada não oficial. Faz-se através de um beco/buraco, entre as grades que a cercam. Ultimamente percebi a construção de uma guarita semelhante da entrada oficial, neste mesmo local como mostrado na Foto 21, postada na página 102. Parece-me que as autoridades parecem querer barrar esse tipo de acesso que os moradores fazem, mas ao mesmo tempo notamos que é uma obra com o cartaz do Orçamento Democrático da Prefeitura Municipal, que em tese, serve para que a comunidade decida sobre os rumos do bairro.

Além de ser um espaço utilizado para o lazer e para o sustento, o parque que é um dos marcos e *pedaços* dos moradores, é também um *trajeto* onde as pessoas de diferentes partes da cidade circulam, e que serve de ligação mais rápida e caminho para os moradores do Roger de “baixo” com algumas partes fora de seu *pedaço* como o centro da cidade e a própria região do “alto”. Tive esse *insght* quando vi muitas vezes pessoas voltando do trabalho e crianças voltando da escola por dentro da “Bica”. Nesse local também vi crianças e adolescentes pescando, outras andavam por cima de uma tubulação de esgoto, utilizando-a de ponte para adentrar na mata, mesmo com a placa dizendo: “Proibido pescar e tomar banho”. Mais uma vez a contradição do oficial e o vivenciado, o proibido sendo rompido pela

necessidade - de lazer, ou econômica – dentro da vivência dos moradores e de sua sociabilidade.



**FOTOS 27 e 28 – Fronteira com o Padre Zé e entrada para a “Bica”, além da placa.  
Créditos: Ricardo Campos**

Um outro órgão da cidade que se situa no Roger é a PMPB- 1ºBPM- CPTRAN, conhecido como pátio da CPTRAN é para lá que vão alguns veículos irregulares apreendidos em fiscalizações. Lá também funcionam setores da administração do trânsito no estado da Paraíba. Também existe no Roger o Conselho Municipal dos Direitos da Mulher, que discute e implementa políticas públicas em relação aos direitos da mulher, além de dar apoio ao movimento feminino, inclusive financeiro.

Há também uma série de serviços oferecidos no bairro como: bares, padarias, mercadinhos, escritórios, outros, que denotam o aspecto da transformação de certas áreas do bairro como comerciais como já discutimos, contrastando com uma forma mais tradicional de comércio que é a feira livre que ocorre na rua Saldanha da Gama todas as sextas-feiras.

Em termos de transportes o bairro dispõe apenas duas linhas de ônibus fornecidas pela empresa Transnacional, linha Roger 002 e A002. O itinerário da linha de ônibus é o seguinte saindo do terminal de integração da capital: R. Pe. Azevedo, Av. Guedes Pereira, passa pelo viaduto Damázio Franca, R. Pe. Meira, R. Diogo Velho, Av. Dom Pedro II, Av. Maximiano de Figueiredo, Av. Epitácio Pessoa. Esta parte do percurso é similar a maior

parte das linhas de ônibus da capital, marcos e órgãos como a nova sede da Prefeitura (antiga agência central dos correios), o Batalhão central da Polícia Militar, O Parque Solon de Lucena, Mercado Central e a Pça. Da Independência foram transpassados durante o trajeto.

Quando chega na Av. Epitácio Pessoa o ônibus não anda muito pela mesma. Logo no início da Avenida, em frente ao Colégio Nossa Senhora de Lourdes, o ônibus faz o retorno voltando-se na direção do bairro. Segue então pelo bairro de Tambiá até entrar propriamente no Roger. As ruas e Avenidas são: Av. Juarez Távora, R. dep. Barreto Sobrinho, Av. dos Bandeirantes, Av. Gouveia Nóbrega, R. Salvador Albuquerque, R. João Ramalho, R. 19 de março, R. Monsenhor José Coutinho, R. Santa Rita e Av. Ayrton Senna (onde está o ponto final do ônibus).

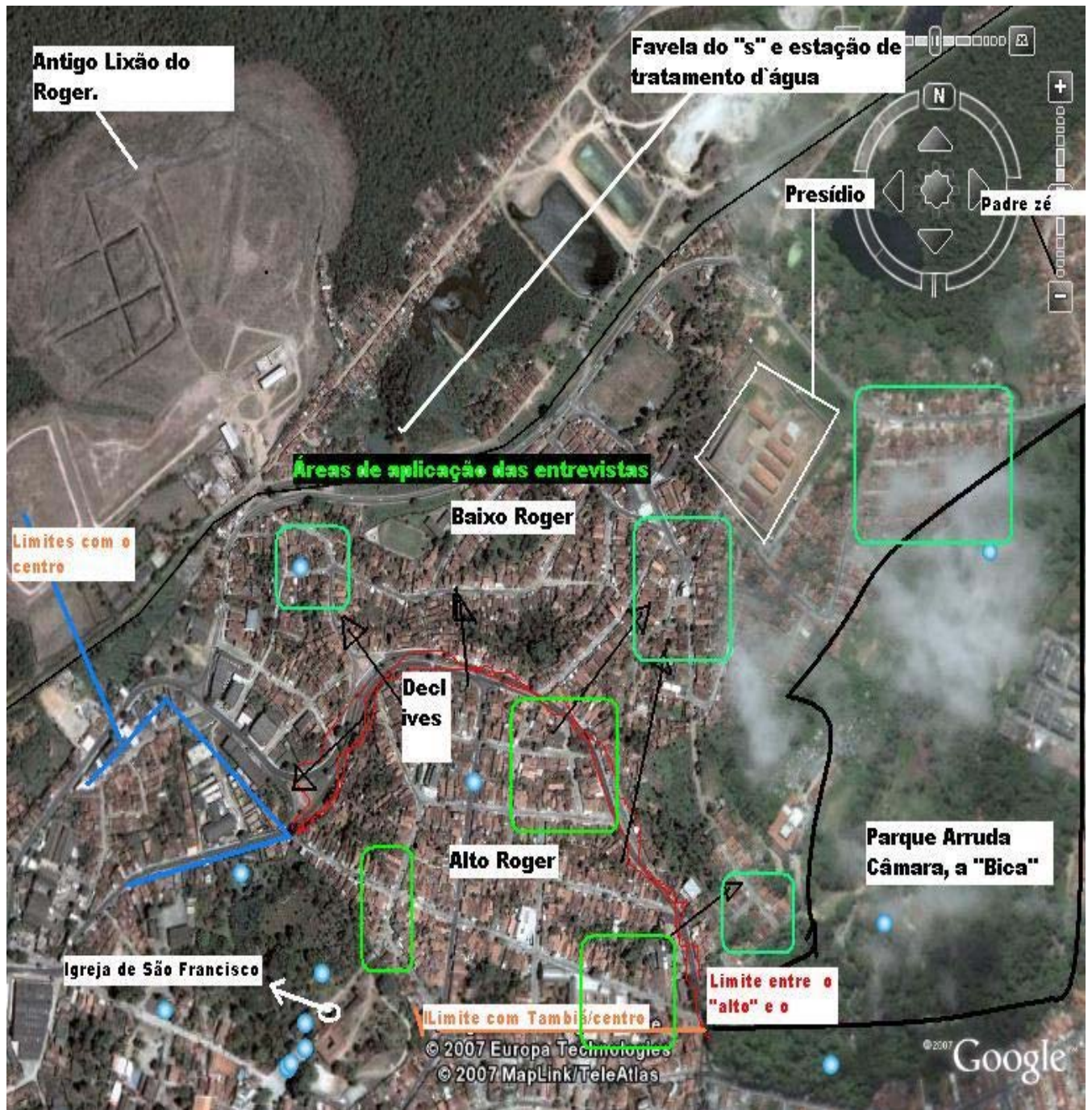
Dispõe também de um ponto de táxis no baixo Roger. Apesar da linha ferroviária de trens urbanos passar pelo bairro (baixo Roger) em grande extensão, não existe nenhuma estação no mesmo. À parte do minucioso detalhamento, importa para nós destacar que muitos moradores não utilizam destes transportes para locomoção interna no bairro, e também para se deslocarem para fora de seu *pedaço* quando vão ao centro e aos bairros vizinhos, utilizando-os apenas para deslocamentos de maior distância, como abordaremos melhor no capítulo seguinte.

Como se percebe ao longo de nossa explanação nesse capítulo, a história e formação do bairro estão totalmente entrelaçadas a constituição da cidade como um todo. Os processos advindos da cultura do medo e da sociabilidade contemporânea configuram-se no bairro a partir de seus elementos, como a dualidade de sua comunidade, sua herança de hábitos tradicionais, a presença de seus marcos no imaginário individual e nas representações coletivas, etc. Para uma melhor visualização do exposto acima colocamos nas páginas 109, 110 e 111; os mapas (07, 08, 09) que detalham o bairro e seus lugares.

No capítulo seguinte apresentaremos o bairro a partir de seus moradores, trabalhando, assim, em cima dos dados colhidos junto aos informantes e interlocutores de pesquisa durante nosso período no campo. Os moradores ganham voz no trabalho, apontando como concebem como é o viver e se relacionar nesse bairro marcado por fortes contradições e cheio de elementos que expressam o viver nas cidades brasileiras no mundo contemporâneo.



(MAPA 07) Visão de cima do bairro e alguns de seus logradouros - visão de satélite a partir do programa Google Earth em 18-10-2007.



(MAPA 08) - Adaptação minha à imagem do Google Earth.





*Capítulo 4***O ROGER E SEUS MORADORES: SOCIABILIDADE, COTIDIANO E ESTIGMA**

Nesta parte de nosso trabalho damos voz aos moradores do bairro do Roger, fazendo a relação entre teoria e prática através da análise e discussão dos dados e informações colhidas por meio das entrevistas formais aplicadas nas residências. Analisamos também falas e narrações que surgiram durante todo o período de pesquisa quando, desde o início, ainda realizávamos observações abertas e conversas informais em visitas ao bairro, bem como outras fontes e dados institucionais, estruturais e sócio-econômicos. O pano de fundo é toda a explanação que fizemos anteriormente sobre o bairro, que é destrinchada ao colocarmos as diferentes vivências de um mesmo processo e sua configuração atual.

Como pudemos observar, a formação do bairro está totalmente entrelaçada à constituição da cidade como um todo. Os processos advindos da atual cultura do medo e da sociabilidade contemporânea nas cidades configuram-se no bairro a partir de seus elementos, como a dualidade de sua comunidade, sua herança de hábitos tradicionais, a presença de seus marcos no imaginário individual e nas representações coletivas, entre outros.

Em geral, em minhas visitas às residências fomos, na grande maioria das vezes, bem tratados e recebidos com empatia. Fui convidado a adentrar em várias residências na maioria muito simples, outras um pouco mais diversificadas, porém, geralmente no “alto Roger”, muitos não apareciam propriamente para atender o chamado das campainhas ou das palmas – falando por traz dos muros sem abrir o portão, exigindo alguma identificação, parecendo demonstrar traços de desconfiança para com o “outro” potencialmente perigoso no contato relacional. Algumas vezes apliquei as entrevistas em pé, ou encostado nos muros, sem adentrar nas casas.

Do nosso conjunto de 40 entrevistados segue algumas características gerais: 40% foram do sexo masculino e 60% do sexo feminino. Em relação à idade a maioria se encontrava na faixa etária entre 22 e 59 anos, representando 57,5%; seguido por 27,5% de idade entre 15 e 21 anos e, por fim 15% de pessoas com idade de 60 anos acima. Em relação ao nível de escolaridade 57,5% estudam ou estudaram até o ensino fundamental, 28% possuem ou estão cursando ensino médio, 10% ensino superior ou Pós-Graduação, e por último tivemos 5% de Analfabetos. Em termos de profissão, 45% tinham empregos formais; 30% estavam desempregados; e os 15% restantes tinham empregos informais. A maioria com 50% são católicos, 25% evangélicos, 5% espíritas, e os 20% restantes afirmaram não freqüentar nenhuma religião. Das residências 60% eram próprias, 35% alugadas, e 5% eram emprestadas e de outra qualificação. Aplicamos quinze entrevistas no “alto” Roger, de menor área geográfica, e vinte e cinco no “baixo” Roger.

Assim, como afirmamos no capítulo anterior, percebemos através das entrevistas que a população do Roger foi formada durante o processo de crescimento urbano por pessoas muitas vezes vindas do interior em busca de emprego e melhorias, ou de outros bairros através da especulação do espaço urbano e do re-arranjo inter-bairros. Dos quarenta entrevistados, apenas dez afirmaram morar no bairro desde que nasceram. Assim diz Dona Rita, 50 anos, aposentada e moradora da Rua Leonardo Pereira da Silva no “baixo”:

*“Antes de morar aqui no Roger eu morei no interior em Alagoa Grande. Eu e minha família saímos do interior porque era muito difícil e tinha problemas como falta de hospital, a seca era braba também. Aí viemos ali pro “S”, meu pai foi juntando umas merrecas e aos poucos fomos nos mudando aqui pra lugares melhores dentro do bairro.”*

A partir do processo de memória dos moradores, como dona Rita, procuramos evidenciar as nuances da subjetividade como no caso dos projetos por ela apontados. Percebe-se na fala que além de sua mudança do interior para a capital, a ênfase cai, principalmente, em relação os projetos de mudança dentro do próprio bairro. Como afirma a entrevistada, ela e o

pai ao juntarem alguma quantia em dinheiro foram mudando para lugares *melhores* no bairro. Mais o que seria um lugar melhor? Dona Rita apesar das mudanças não se deslocou do “baixo” para o “alto”, e sim para lugares diferentes dentro do próprio “baixo Roger”. Mesmo o “baixo Roger” não é compreendido como um todo homogêneo, já que os lugares como as regiões de favela, como o “S”, por exemplo, são vistas pelos moradores como espaços singulares e onde residem pessoas inferiores, num ato de estigmatização.

As proposições teórico-metodológicas referentes ao estigma, aos medos corriqueiros, e à construção da cultura no cotidiano, que colocamos no primeiro capítulo, nos permitiram penetrar nas relações sociais entre os moradores e deles com a cidade, já que observamos através das proposições de Geertz, Weber, Simmel e Elias; o comportamento de pessoas reais em sociedades reais, e para isso nos detemos no estudo do cotidiano como esfera da vida apontada desde Heller, Lefebvre, De Certeau; e do cotidiano do Roger que exploramos agora.

Estas proposições nos levaram à aproximações compreensivas do processo de elaboração de uma auto-definição de si mesmos e dos outros, guiado por uma configuração própria construída internamente no bairro. Pierre Mayol (1998) define o bairro nos seguintes termos:

*“(...) como o lugar onde se manifesta um ‘engajamento’ social, ou noutros termos: uma arte de conviver com parceiros (vizinhos, comerciantes) que estão ligados a você pelo fato concreto, mas essencial, da proximidade e repetição.” (MAYOL, 1998, p.39)*

A proximidade e a repetição configuram-se nos afazeres e nas ações sociais do cotidiano, que apontam regularidades de comportamentos e de lógicas simbólicas inerentes ao contexto urbano, e em específico ao contexto do bairro do Roger. As representações coletivas, manifestam-se nas ações corriqueiras, reproduzindo uma ordem cultural que se pauta cada vez mais no medo e no estranhamento do outro ECKERT (2000), GIACOMAZZI (1997),

conduzindo a um mundo de relações fragmentadas, mas que não perde sua capacidade de integração, mesmo nas mais complexas formas de sociedade. Segundo Mayol, no bairro:

*“(...) se acham reunidas todas as condições para favorecer esse exercício: conhecimento dos lugares, trajetos cotidianos, relações de vizinhança (política), relações com os comerciantes (economia), sentimentos difusos de estar no próprio território (etologia), tudo isso como indícios cuja acumulação e combinação produzem, e mais tarde organizam o dispositivo social e cultural segundo o qual o espaço urbano se torna não somente o objeto de um conhecimento, mas o lugar de um reconhecimento.” (MAYOL, 1998, p. 45)*

Ou seja, referenciadas ou não, as auto-definições se encontram em constante inter-relação com a sociedade mais ampla onde estão inseridos, seja como pessoa, morador, ou seja, como um bairro típico local. Como Koury (2003) aponta, o local tem uma importância fundamental na construção das identidades individuais e coletivas, já que seria um elemento intrínseco de pertença, de afirmação de laços, que se por um lado levam à semelhança com os outros indivíduos e grupos, obrigatoriamente leva à dessemelhança dos que são excluídos como pertencentes ao local-lugar e a seu *pedaço*. O local que é conhecido, também é apropriado como elemento distintivo do indivíduo comum, que se configura como cidadão no ambiente urbano. Como o autor coloca:

*“O lugar do nós, assim, é o caldo comum dos diversos mapas estabelecidos pelos sujeitos na sua permanente configuração, enquanto pessoa social, como mim. Ao lançar um mapa sobre um universo simbólico específico que forma um mundo comum, cada indivíduo, socialmente, se reconhece e reconhece o outro real e simbólico, que dele e por ele emergem, enquanto semelhança, ou enquanto diferença, ou enquanto ambos.” (KOURY, 2003, p. 79)*

No nosso entender parece haver um sentimento ambivalente de pertença ao bairro, e aos lugares dentro deste. Os moradores parecem confusos, já que amam o local que lhes dá existência e que ao mesmo tempo vem se deteriorando, e mais ainda, tende a ser visto como elemento de negatividade perante a cidade como um todo e pelos moradores de outros bairros.

Assim, ao mesmo tempo através do amor e do desamor, se sentem pertencentes ao coletivo bairro, e não pertencentes a determinados locais desse mesmo coletivo, os quais apontam como fora dos limites simbólicos que imputam a qualidade de morar e de existir enquanto membro do bairro.

Só uma pequena parte dos moradores questionados sobre a vida, qualidades, e defeitos do bairro, vêem o mesmo como perigoso e insólito. Já que, quando questionados se gostavam do bairro, 87,5 % responderam que sim, contra apenas 7,5% que disseram não gostar; os outros restantes ficaram na expressão “mais ou menos”. Os porquês do gostar dividiram-se em algumas categorias como sua *centralidade e proximidade ao centro* – 25%; *tranquilidade, segurança, ausência de problemas* – 25%; *tempo de moradia, aspectos infra-estruturais, outros equipamentos* – 17,5%; o restante ficando em *nada consta*. Podemos ver isso mais detalhadamente nas falas como a de Ana, 31 anos, Dona de casa, moradora da Rua Mestre Azevedo no “baixo”, ela diz:

*“Sim, gosto. Porque aqui é tranqüilo, não tem violência. Faz dez anos que eu moro aqui e nunca me aconteceu nada. O povo fala muito mal do Roger, mas eu não vejo essas coisas todas que falam.”*

Ou na de Dona Benedita, 58 anos, Doméstica, moradora da Rua Monsenhor José Coutinho também no “baixo”:

*“Gosto do bairro porque ele é tranqüilo, se acontece alguma coisa é desse desobedientes, uns moleques, que vem dali, mais pra lá da linha do trem, que nos final de semana faz barulho e passa aqui em frente. Mas aqui tem a proximidade a tudo, não precisa de ônibus. Falam do presídio, mas aqui mesmo sempre deixo a porta aberta até de noite e nunca aconteceu nada.”*

Os mais velhos, e os que moram mais tempo no local apontam com certa nostalgia os tempos passados de calma, mesmo assim consideram o bairro como um local bom de morar destacando várias qualidades. A maior parte acredita que o local em que vivem ainda é tranqüilo, mas vem se deteriorando com o passar do tempo. Os moradores apontam o bairro

como um local tranqüilo, bom de viver, e que os problemas e mazelas que o afligem são causados pelos “outros” de fora do bairro, e principalmente de sub-áreas dentro do próprio bairro. Esses “outros” causadores dos problemas, são para os moradores do “alto”, os seus vizinhos do “baixo”; mas como vimos na primeira fala que postamos, a de Dona Rita, os moradores do “baixo” tendem a imputar a seus vizinhos dos conglomerados sub-normais como o “S”, a fonte da negatividade para o bairro.

Ao especificarmos as negatividades e mazelas do bairro podemos citar as categorias relativas aos problemas e sua classificação pelos moradores entrevistados. Quando perguntados sobre os problemas do bairro a maioria dos entrevistados queixou-se de vários problemas, apesar de gostarem do bairro. Assim, dentre esses, 40% que apontaram a categoria *Falta de água, saneamento, outra insuficiência infra-estrutural*; seguidos de 25% que se enquadraram na categoria *violência, insegurança, policiamento insuficiente*; 10% se enquadraram na categoria *Poluição, sujeira, bichos nocivos*; e restantes 10% em *outros*. Alguns moradores afirmaram não existir problemas no bairro estabelecendo-se em 15%.

Em um bairro carente como o Roger, principalmente o “baixo”, são muitas as falas que noticiam a ausência do poder público e a má qualidade de vida material da população. Referindo-me à primeira categoria, *Falta de água, saneamento, outra insuficiência infra-estrutural*, temos a fala de Ana Dalva 31 anos, moradora da Rua Mestre Azevedo no “baixo”:

*“O posto de Saúde foi reformado está até bonitinho, mas não tem laboratório e só tem médico enfermeiro. Aliás, nada funciona. Falta áreas de lazer, porque só tem o ginásio, mas pra ter acesso é uma dificuldade, não tem praças também. O lixão é outro problema, tiraram dizendo que iam fazer um parque ecológico mas não fizeram. Eles só lembram desse bairro na época de eleições.”*

Josildo, 38 anos, segurança, morador da Avenida Dom Vital no “alto”, falando sobre a falta de água diz:

*“Aqui problema mesmo, só a falta de água. Agente quer tomar um banho, a mulher vai lavar a louça, e sempre tá faltando. O pior que quando falta é o dia todo.”*

Esses problemas de infra-estrutura são marcas do cotidiano dos bairros populares de países como o nosso, apesar de afetarem a vida e a sociabilidade local aqui em nosso trabalho focamos os elementos da insegurança e da violência, e do medo proveniente delas, por serem o que mais marca o bairro simbolicamente frente à cidade como um todo. No próximo subitem abordamos melhor essa questão.

### ***VIOLÊNCIA E INSEGURANÇA***

À parte desses problemas, que se relacionam diretamente, e são na maioria causa dos problemas da terceira categoria, *Poluição, sujeira, bichos nocivos*, um outro temor que incomoda os moradores é o da insegurança, de assaltos, da violência, e o medo de vitimização pessoal por parte de si ou dos seus parentes, que como vimos enquadram-se nos 25% supracitados. Fenômeno esse que surge na sociabilidade contemporânea das cidades brasileiras, e que forjam modificações de comportamento mesmo em locais onde uma forte presença de laços tradicionais ainda coloca-se. Dona Maria da Penha, comerciante, 40 anos, moradora do “baixo”, diz assim sobre o porquê dos problemas:

*“Policimento aqui é ruim demais, porque quando agente liga pra eles, eles só chegam num sei que horas, depois não adianta nada. Tem muito maconheiro que ficam fumando perto da minha casa eles já roubaram minhas plantas e as coisas do meu comércio. Quebram as luzes dos postes pra ficar mais escuro e ninguém mais vê-los. É tudo pra comprar maconha. Essa semana mesmo roubaram as panelas da minha vizinha.”*

Já a professora Verônica, 48 anos, moradora da Rua Borges da Fonseca no “alto”, diz assim:

*“A gente se sente insegura, aqui dá muito assalto, principalmente no caminho pro shopping – Shopping Tambiá -. Tem muita violência lá em baixo tem confusões, brigas e quando tem festa aí é que tem violência. Aqui mesmo não tem isso.”*

Alguns moradores referem-se a determinados locais do bairro, como por exemplo, à parte de “baixo” e os indivíduos que lá moram, como fonte das mazelas relacionadas à violência e conseqüentemente fonte da imagem negativa que o bairro passa para a cidade. Como coloca Augusto, 23 anos, estudante universitário, morador da Avenida Dom Vital no “alto”. Questionado sobre se gosta do bairro ele diz: *“Sim, porque é próximo a tudo, ao centro, rodoviária, tem marcos históricos aqui, tem a “Bica”, muita natureza, e, além disso, o “alto” Roger<sup>13</sup> é seguro.”* Perguntado sobre os problemas do bairro ele diz:

*“O principal problema é a proximidade com o “baixo”, e também ser caminho para o povo lá de baixo que vem por aqui, tanto pra ir ao centro, quanto pra assaltar e essas coisas. Isso acontece porque é favela né?, aí tu sabe.”*

Já os moradores do “baixo” tendem a colocar a fonte dos problemas e das aflições relativas à esse tipo de medo, nos moradores dos conglomerados sub-normais instalados no próximos.

O antigo lixão e o presídio são citados sempre como marcos negativos, e colocados à parte, como elementos que estão fora da parte “alta” do bairro, e que não os pertencem. Os moradores da parte baixa também os vêem como negativos, mas principalmente no tocante à visão que a cidade elabora sobre o bairro, mas acreditam que eles pertencem ao bairro em seu todo, e se causam problema, estes pertencem a todos os moradores do Roger, do “alto” e “baixo”.

Apesar dos problemas, como colocamos anteriormente, a maioria dos moradores afirma gostar do seu bairro, 35 dos 40 entrevistados. Sobre o porquê do gostar 10 pessoas das

---

<sup>13</sup> Grifo meu.



35 afirmaram ser pela proximidade do bairro ao centro da cidade, e 8 falaram ser por o bairro ser tranquilo e seguro. Podemos relacionar isso à qualidades do bairro apontadas por seus moradores.

Falando sobre o que de melhor o bairro oferecia, 47,5% afirmaram ser a categoria *tranqüilidade, calma, proximidade ao centro*; 30 % afirmaram ser a categoria *equipamentos, eventos, encontros*; e 7,5% na categoria *as pessoas, vizinhança, comunidade*. Os 15% restante disseram não ter coisas boas ou outros. A assistente social e moradora da Rua Ivo Soares no “alto”, Joseane, 43 anos diz:

*“Por ele ser perto do centro a parte de fazer compras facilita muito, aqui mesmo não tem supermercado grande, mas fica muito próximo do centro. Tem a “Bica”, mas só vou lá quando tem algo relacionado ao trabalho, aí não é lazer.*

Já Cláudio, 20 anos, desempregado, morador da Rua Dezenove de Março no “baixo” diz:

*“Tem a ‘Bica’, que tem muitas árvores, natureza. Tem o Ginásio do Guarany que é um lugar de lazer tem festas, além de jogo. E aqui é próximo a tudo.”*

Alguns moradores, por exemplo, colocam que apesar do alarde da mídia sobre a insegurança proporcionada pelo presídio, este marco proporciona na verdade elementos de qualidade de vida, como segurança pela presença do policiamento constante, e a ausência de falta de água – problema muito relatado nas entrevistas –, e de energia nas regiões próximas ao presídio, denunciando em nossa opinião, mais medo em relação aos “outros” que estão na vida “livre” fora da cadeia, do que às pessoas que estão encarceradas e desejam retornar ao ambiente em que vivem. É o que coloca o Policial Militar Mezinaldo, de 39 anos, morador da Rua Monsenhor José Coutinho, no baixo, próximo ao presídio. Questionado a falar sobre

sua casa ele diz: “*Tá tudo muito bem. Tem a cadeia perto, mas não tem problema (...)*”; já quando questionado sobre se gosta de morar na sua rua que fica em frente ao presídio diz:

*“Sim gosto. A rua aqui é calma, as pessoas são todas amigáveis e é aqui que eu tenho minha casa que graças a Deus é própria. (...) O trânsito é pouco, tem boa sinalização, e é a principal rua do Roger, vai daqui de baixo do presídio até a Gouveia Nóbrega. As pessoas falam muito do presídio o vereador quer até tirar, pra mim o presídio é até bom, por exemplo aqui mesmo não falta energia nunca, por causa do presídio”*

Percebe-se na fala do policial militar que o problema do estigma compõe o imaginário e a identidade dos moradores do bairro, principalmente os moradores do “baixo”. Assim, Mezinaldo apesar de apontar ganhos de se morar perto do presídio, denota preocupação com o que a cidade pensa sobre seu local de moradia, e tem como certa a qualificação negativa da área que mora, apesar de contrapor simbolicamente, um status que não é legitimado pela coletividade mais geral da cidade. Abordamos essas questões no próximo item.

### ***ESTIGMA: ALTO, BAIXO E OUTRAS DIVISÕES HIERÁRQUICAS***

O aspecto de comunidade dual do bairro, que se refere à divisão do mesmo em “alto Roger” e “baixo Roger” é bastante válido, porém notamos que a comunidade se subdivide em alguns outros grupos, divisão elaborada pelos próprios habitantes, que enxergam uns aos outros como diferentes, pertencentes a outro estrato, apesar de morarem próximos e desfrutando das mesmas condições de existência. Este fenômeno já foi observado por ELIAS e SCOTSON (2000), quando, ao estudarem a comunidade de trabalhadores de Winston Parva na Inglaterra, perceberam que apesar de partilhar condições de vida semelhantes, os moradores que há mais tempo residiam na comunidade viam os recém-chegados como diferentes, estranhos e estigmatizando-os como inferiores.

Além disso, os próprios recém-chegados se auto-enxergavam dessa maneira, tendo sua vida social abalada e direcionada por estes atributos negativos. Os autores versam sobre uma ordem e linha no modo como os grupos poderosos estigmatizam os menos poderosos. Segundo eles, isso ocorre quando tais grupos detêm o efetivo poder de fazer crer, a si mesmos e aos próprios execrados, que tais estigmas são verdadeiros, ou ao menos podem ser verdadeiros, conformando um todo onde o estigmatizador e o estigmatizado são partes do mesmo processo. Goffman também corrobora nesta análise quando diz:

*“O estigmatizado e o normal são parte um do outro; se alguém se pode mostrar vulnerável, outros também o podem. Porque ao imputar identidade aos indivíduos, desacreditáveis ou não, o conjunto social mais amplo e seus habitantes, de uma certa forma, se comprometeram, mostrando-se como tolos.”* (GOFFMAN, 1988, p.146)

No caso da nossa pesquisa, o que detectamos, é que isso acontece em relação não ao tempo de moradia, mas ao local em que moram determinados indivíduos. Alguns moradores da zona limite entre o “alto” e o “baixo” (Av. Gouveia Nóbrega ) apesar de morarem no “alto” não são considerados como fazendo parte da comunidade – entendida enquanto sub-grupo auto-referenciado.

O estranhamento e o medo do outro, desconhecido ou proveniente de determinada área, entre os moradores se mostra clara, levando a estigmatização de certos locais e indivíduos dentro do bairro. Erving Goffman (1988) em seu livro sobre o estigma, reexamina os conceitos de estigma e identidade social, o alinhamento grupal e a identidade pessoal, o eu e o outro, colocando bem claro, ser este, não somente relacionado a um defeito físico, mas também a uma organização socialmente estereotipada, podendo esta afetar a identidade pessoal. Para Goffman:

*“O que é difícil perceber é que a identidade pessoal pode desempenhar, desempenha, um papel estruturado, rotineiro e padronizado na organização social justamente devido à sua unicidade.”* (GOFFMAN, 1988, p.67)

A palavra estigma aponta um atributo e caracterização negativa e que deprecia os sujeitos que são alvo. No caso do bairro estes estigmas são imputados pela cidade através dos marcos simbólicos visíveis, operados pelo imaginário que expressa uma postura política e ideológica que classifica o lugar como fora do comum, anormal, e não desejável. Este estigma maior, que discutimos desde o terceiro capítulo, e também já abordamos desde o início deste, se re-significa na sociabilidade do bairro através do imaginário que fragmenta os locais dentro do coletivo bairro, formando mapas simbólicos internos, que configuram-se enquanto estratégias para uma re-qualificação de sua auto-estima e identidade que já vem sendo deteriorada desde o mapa simbólico maior que a cidade elabora. Seria uma tentativa de ocultar a face (GOFFMAN 1975, 1980) dentro do jogo relacional e simbólico. No mapa 10, na página seguinte, pode-se ver as divisões hierárquicas que compõem as fronteiras simbólicas do bairro. A área 1, que é a favela do “S”, é a área mais estigmatizada no bairro. Tanto é estigmatizada pelos do “alto” que estigmatizam o “baixo” como um todo – divisão entre alto e baixo demarcada pelo traçado amarelo –, como pelos próprios moradores do “baixo”, como vimos desde o início do capítulo com a fala de Dona Rita, por exemplo. A linha férrea serve de limite físico dessa parte do “baixo” com o restante de sua área. A área número 2, é chamada de “terra do nunca” e fica encravada no meio da parte baixa, próximo a um matagal e espécie de charco.

Mostramos também que o Roger na sua grande dimensão geográfica, possui vários tipos de moradias variando de padrões miseráveis aos de classe média. A antiguidade do bairro aparece em elementos como fachadas antigas, que resistem ao processo de urbanização e de crescimento da cidade, e igrejas que datam do século XVIII, ou antes. Detectou-se também a presença de algumas vilas, muitas casas e a inexistência de prédios.



**MAPA 10 – Divisões hierárquicas a partir de imagem de satélite do Google earth.**

### ***SOCIABILIDADE E PESSOALIDADE NO ROGER***

Os moradores do bairro do Roger parecem ter as ruas e as frentes de suas casas como local de encontro social e de estabelecimento de laços sociais. O que reflete uma resistência à impessoalidade; mesmo no “alto Roger”, que como colocamos, é a área do bairro que passa por uma modificação maior nos seus hábitos e costumes ainda com fortes bases tradicionais. Nos dias do final de semana principalmente, as ruas ficam cheias de moradores, que conversam na frente de suas casas, passeiam, reúnem-se em barzinhos e etc. A rua aparece como um espaço público de lazer e de grande sociabilidade, diferente de alguns bairros de classe mais abastada onde reinam o anonimato e a atitude *blasé* de Simmel.



**FOTO 29 e 30 – Cedo da tarde os bancos de bate-papo ainda estão vazios como mostra a foto da esquerda, já de tardinha a movimentação aumenta em torno da rua e das calçadas.  
*Créditos Ricardo Campos.***

Percebeu-se que apesar do medo do outro, do desconhecido que pode proporcionar violência e agressão, a comunidade ainda preserva laços de comunidades tradicionais, um tipo de relacionamento comunitário, onde o todo grupal, na maioria das vezes, sobrepõe-se sobre as partes individuais. Porém a impessoalidade e objetividade nas relações detectadas por Simmel (1998), se mostram aparentes, principalmente nas áreas de comércio próximas a ao

bairro de Tambiá, atingem todo o bairro, mas a resistência de hábitos comunitários tradicionais e relacionais é mais aparente e forte.

Quando questionados sobre se gostam dos vizinhos 95% dos entrevistados afirmaram que sim, contra 3% que não, e 2% que não sabiam. Em termos de relações com os vizinhos a categoria, *cordiais, porém sem grande proximidade*, obteve 52,5%, seguida de perto pela categoria, *de proximidade* com 40%, e por último ficaram os 7,5% com *outros e conflitivas*. Podemos ilustrar essa cordialidade, sem grandes proximidades através de algumas falas que já trazem um pouco da impessoalidade e distância que começam a aparecer nas inter-relações do bairro. Ana, 31 anos, moradora da Rua Mestre Azevedo no “baixo” diz assim:

*“É melhor assim pra não ter confusão de fofoca, porque aqui tem muito disso. Prefiro ficar dentro de casa porque pra uma dona de casa nunca falta serviço. Mas falo com todo mundo, principalmente porque eu vendo Avon, e vendo muito.”*

Já Dona Laura, 70 anos, Moradora da Rua Pedro Ulisses no “alto” diz:

*“A coisa pior do mundo é brigar com os vizinhos, é não viver em paz, só não quero ficar um na casa do outro direto né? Mas a gente se fala, conversa muito, temos contato sempre.”*

E, ainda, Verônica, também moradora do “alto” quando questionada sobre sua rua diz:

*“Nessa rua é praticamente cada um na sua, hoje há muito individualismo, eu gosto muito desse pedaço, e minha casa fica no final da rua. Aqui tem muitas árvores, a igreja é próxima, é lá que eu converso com mais gente daqui.”*

Mayol (1998) já colocou essa faceta da nova *conveniência* que surge nos bairros:

*“Nem longe demais, nem demasiadamente perto, para não se aborrecer, e também para não perder os benefícios que se espera obter com uma boa relação de vizinhança. Em suma é preciso sair ganhando em todos os quadros dominando, sem perder nada, o sistema de relações impostas pelo espaço.”* (MAYOL, 1998, p. 47)

No bairro regularmente nos dias de semana, e mais ainda nos fins de semana, encontramos moradores colocando cadeiras fora de suas casas e ocupando espaços de conversas nas calçadas, mostra-se uma intensiva movimentação entre a vizinhança e uma extensa rede de solidariedade e de amizade.

Isto não significa que tudo ocorre na paz e que sempre se socializam em um mundo de maravilhas, ao contrário, a lógica cultural do pedaço que traz uma proximidade mais estreita nas relações cotidianas, muitas vezes também trazem problemas e formas de integração, surgidas de mecanismos como a fofoca, por exemplo.

Ou seja, a proximidade do cotidiano que se traduz em práticas de solidariedade, compadrio, e outras ações positivas como a amizade, ao mesmo tempo, produz no interior dessa lógica comunitária, relações tensas e conflituais, surgidas desta mesma proximidade. Assim, é regular o fenômeno das pequenas brigas e confusões entre vizinhos, por vários motivos. Há uma dificuldade em delimitar a esfera privada da vida já que todos se conhecem e tudo o que se passa fica conhecido por todo o bairro, ou nas sub-áreas do bairro, o “baixo” ganha destaque nesse sentido. Várias formas da expressão de tensão fazem parte desta relação mútua de amor e desamor, de união e conflito.

Podemos afirmar que um *ethos* comunitário se apresenta no bairro, a partir de uma *visão de mundo* de relações presentificadas cada vez mais intensas, e que no caso do bairro relaciona-se com a cidade parecendo permitir aos moradores a elaboração de uma auto-definição de si mesmos e dos outros guiados por uma lógica moral, e pautados nos conceitos de honestidade, de honra e de compadrio, sobretudo diante da onda de violência que se expande na cidade e no país, e de que são vítimas, tanto das visões estigmatizantes vindas de fora, da cidade, e das organizações policiais e da mídia, tanto quanto pela presença do tráfico de drogas e de outras mazelas já citadas que estão entranhadas no seio da prática cultural do bairro.



Percebe-se que esses laços de uma cotidianidade vivida de maneira próxima são regidos pelo sentimento do medo e de estranhamento do seu próximo. Pautado em uma lógica perversa de que o outro relacional é sempre possível de ser melhor ou pior do que o eu que reflete ou informa. Criando um lócus que vive também da desconfiança, da solidão, do medo, nas trocas entre os moradores, o que provoca um sentimento ambivalente na sociabilidade entre os iguais, e uma visão de inferioridade frente aos outros próximos ou, mesmo mais distantes, situados fora do bairro (SARTI, 1994).

Quando observamos as respostas relativas ao ter ou não ter amigos na rua e no bairro, fazemos um contraponto a esse individualismo e impessoalidade que chega nas relações do bairro, já que 77,5% afirmaram ter amigo na sua rua, contra 12,5% que não tem. E quando questionados se tinham amigos no restante do bairro 75% afirmaram que sim, contra apenas 15% que afirmaram não ter.

Na maioria das vezes, instigados a falar sobre esses amigos, referiram-se a esses como iguais aos membros da família, como pessoas boas e legais, além de muito prestativos. Assim diz a professora Verônica:

*“São pessoas boas que você pode contar, não é amizade só de interesse, se preciso eles ajudam também. Apesar de não ter muitas intimidades existe muita solidariedade.”*

Admilson, segurança de eventos, 27 anos, também corrobora dizendo *“São todos amigos mesmo. Todos ‘10 anos’, é como se fosse tudo irmão, tudo criado junto e quase da mesma idade.”*

O medo enquanto elemento chave da sociabilidade estudada no bairro, não é um medo atípico, mas sim medos cotidianos, corriqueiros, quase imperceptíveis, e também um sentimento que é incorporado de uma onda de violência que aos poucos vai expandindo-se e tomando novas proporções na cidade de João Pessoa e em centros urbanos de igual desenvolvimento. A mídia, cada vez mais rápida e ligeira, contribui para esse imaginário de

medo e insegurança no bairro, e também sobre ele a partir do estruturante e estruturado imaginário coletivo produzido pela cidade. Nos levantamentos em jornais, verificamos que quase a totalidade das matérias sobre o Roger são estampadas nas páginas policiais, e a grande maioria relativas ao presídio, a roubos e homicídios<sup>14</sup>.

### ***SOCIBILIDADE, CULTURA, LAZER E MEDO NO ROGER***

Um outro fato que despontou, até inesperadamente, em nossa pesquisa, foi a faceta cultural do bairro em termos de práticas artísticas<sup>15</sup>. Estivemos acompanhando as manifestações do Carnaval Tradição (C.T.) de João Pessoa. O carnaval tradição esteve enfraquecido durante os tempos recentes, e desde a década de 90 quando explodiram novas formas de carnavais com base nos “trios elétricos”, os chamados “carnavais fora de época” ou “micaretas”, vem sofrendo um enfraquecimento de público e de investimentos públicos ou privados para a sua realização. As mega-festas e tecnologias das “micaretas” também através da mídia aos poucos se tornaram o carnaval preferido pela maioria da população.

Porém, o “Carnaval Tradição” de João Pessoa, que consiste em apresentação de escolas de samba, tribos indígenas e bandas-fanfarras, sempre esteve vivo, prestigiado e feito pela população que notadamente provém dos bairros periféricos e populares como o Roger.

O bairro possui uma escola de samba, o G.R.E.S.C.R. (Grêmio Recreativo Escola de Samba Catedráticos do Ritmo), escola esta que foi por várias vezes campeã do C.T.. Mas para a nossa surpresa no C.T. de 2006 surgiu a escola de samba *Império do Samba*. Ou seja, o Roger é o único bairro com duas escolas a participar do evento cultural.

---

<sup>14</sup> Ver matérias reproduzidas nos anexos 3 e 4

<sup>15</sup> Pra maior aprofundamento dessa questão ver: NASCIMENTO, Mayk Andreele do. *Cultura Popular nos bairros do Roger e Tambiá: Cotidiano, Costumes e Resistência*. Monografia apresentada ao Curso de Ciências Sociais da UFPB em Outubro de 2007.

Para se tomar como exemplo desta faceta do bairro, em 2005 além do palco principal dos desfiles do Carnaval Tradição, montou-se outro na frente da escola de samba *Catedráticos do Ritmo*, demonstrando que uma boa parcela da população do bairro tem o carnaval mais tradicional como um *projeto* de vida e também de vida profissional.

O fato da *Império do Samba* ter surgido, e principalmente ter ganho o último evento, indica a primeira vista, o crescimento e a importância que a arte e a cultura tem para uma parte dos moradores do bairro.

Lembramos também que existe no bairro a quadrilha junina do bairro *Lajeiro Seco*, que já sagrou-se tri-campeã do concurso de quadrilhas realizado dentro do evento *São João de João Pessoa- o melhor da gente*.

Mas não vem ao caso aqui discorrer mais sobre o carnaval em si. O que queremos ressaltar é a presença de uma parte da comunidade do bairro Roger neste carnaval e, portanto, nesse tipo de manifestação, assim como pensada por Ledrut (1971).

Raymond Ledrut alertava que a vida coletiva urbana se torna mais latente diante das manifestações que congregam indivíduos em relações mais próximas. Ele afirma:

*“A vida coletiva é a que congrega os indivíduos e suas relações de amizade numa unidade que possui vida própria. É possível observar essa vida nas manifestações, cerimônias e reuniões diversas que dizem respeito aos membros da coletividade. A vida coletiva urbana é mais intensa na medida em que essas manifestações são mais numerosas, reúnem maior número de pessoas e afetam mais profundamente a vida dos indivíduos e de outros grupos a que, por ventura, pertençam.”*  
(LEDROUT, 1971, p. 74)

Além do exemplo acima que serve como ilustração desse tipo de manifestação, vivenciamos outra, que temos de relatar.

Nos dias 7, 8, 9, 10, de Outubro de 2006, aconteceu o evento *O Roger Mostra a sua Cara – Arte, Cultura e Cidadania*, promovido pela Prefeitura municipal. Este evento é mais

uma vez um tipo de manifestação que surge com um discurso direcionado à integração das pessoas no meio urbano.



**FIGURA 2 –**  
Desenho/logomarca do Evento  
o Roger mostra a sua cara.

Diversas manifestações culturais como: dança, música, literatura, bem como serviços de cidadania e palestras fizeram parte da programação do evento. O interessante é que não houve um pólo concentrador destas, pelo contrário, elas foram realizadas tanto no “baixo” como no “alto”.

Falando sobre o evento a diretora do Centro de Referência da Cidadania do Roger (CRC), Ivanilda Gomes de Melo disse: *“Com esse evento, nós queremos tirar aquela imagem ruim que o bairro tem, devido ao lixo e outros aspectos. Pretendemos mostrar para a sociedade que nós temos muitas pessoas de talento e de luta social”*.

Ressalta-se a tentativa de quebra do Estigma imputado ao bairro, que se reflete em seus membros, já que o discurso da mídia e da organização do evento diz que através dessas atividades e manifestações resgata-se a auto-estima dos moradores através da visualização e afirmação de outra identidade. Não temos tanta certeza se o evento marcou a memória do bairro e de seus moradores nesse sentido, nem também se existem enquanto práticas culturais cotidianas, porém há uma parcela de moradores que se aproveitam e vivenciam as políticas públicas que surgem nesse meio da cultura enquanto expressão artística.

Na semana anterior ao evento tinha visitado o CRC-Roger que fica na parte baixa do bairro. Lá fiz contato com dois profissionais que conversaram comigo, e o tom de suas falas

foi direcionado as atividades que desenvolviam no centro e também em relação ao evento que se aproximava. A profissional Mércia, que é também uma moradora do bairro, disse: *“você não pode perder esse evento e, esse evento significa muito pra nós e vai te mostrar muito do que o bairro é de verdade”*. Realmente pude perceber uma integração de boa parte da comunidade, principalmente as pessoas que já vinham participando das atividades produzidas, por exemplo, na Casa Pequeno Davi e na Escola Piollin.

Curiosamente, conversando com Francisco, 29 anos, morador da Avenida Gouveia Nóbrega, que limita o “baixo” e “alto” no bairro, perguntei: *“vai ter um evento aqui no Roger essa semana né?”* e ele disse: *“Sei não, tou nem sabendo, é o que?”* quando informei-lhe sinteticamente sobre o evento ele disse: *“Vixe! Eu vou é pra um show de HardCore que vai ter (...), tá por fora esse evento!”*. Isso mostra que parte da comunidade, principalmente os que estão próximos as várias agremiações e instituições, são os que mais se engajam neste tipo de evento. Parte de sua população e da população da cidade ao não participar se engajam em outros tipos de sociabilidade e convivência. Aponta-se para outras possibilidades de vida e sociabilidade que surgem no bairro, ou na cidade como um todo, e que vão de encontro ao discurso das práticas oficiais e são vividos em momentos ordinários, diferentemente de momentos extraordinários como o relatado acima.

Constatamos isso ao observar, a partir das falas dos moradores, as situações concretas de um cotidiano, tentando fugir de um foco em eventos esporádicos como citados acima.

O mesmo Francisco, por exemplo, foi que em outra conversa, afirmou ter sido roubado (levaram as rodas de seu carro, um Gol BX dos anos 80, que ficava estacionado fora de sua residência), e apontou os *“de baixo”*, como possíveis autores do furto, já que:

*“Gente conhecida não foi, moro nessa rua desde que nasci e todo mundo me conhece, isso foi a galera aí de baixo, hoje em dia tem isso não vacilou perdeu. Também o carro ficava aí no meio da rua, e de madrugada tu sabe ninguém e de ninguém”*.

Essa fala ressalta novamente forte estigma presente dentro da comunidade, para com os moradores do “baixo”.

Realmente o medo e os medos corriqueiros, bem como o estranhamento entre os habitantes, permanecem na comunidade mesmo com as atividades de integração e de aproximação analisadas acima. É interessante ressaltar que não só os moradores do “alto” e das regiões limítrofes reclamam de roubos e do desrespeito. Em uma visita ao bairro acompanhado de outros pesquisadores fui apresentado a seu Vicente, morador do “baixo” e costumeiro pescador na lagoa da “Bica”, para uma conversa e para o estabelecimento de contato. O encontramos depois de alguma procura pelas ruas e depois da fácil indicação, já que todos pareciam o conhecer e ter uma relação de proximidade com o mesmo. Como Mércia disse: *“Vicente ..., sei não quem é ..., ah é Vicente pai de Café, vizinho de Dona Maria, é logo ali”*. As condições do local eram muito humildes e insalubres, como grande parte do “baixo Roger”. Aborrecido ele estava jogando baralho apostado, numa mesa com mais duas pessoas, a aposta se dava em centavos. Sem nos dar muita atenção ele conversou pouco, dissemos que tínhamos passado na lagoa da “Bica” para procurá-lo já que ele poderia estar lá pescando. Ele disse: *“Oxe e não roubaram minha vara! Daqui de casa mesmo, entraram e roubaram!”*, disse ele apontando para sua humilde residência. Foi logo respaldado pelo companheiro de jogo que disse: *“Se eu pego esses cabra safado! Aqui tem muito safado, tem uns cabra que vem dali vem de acolá, se não tomar cuidado já viu!”*. Depois disso seguiu-se um silêncio e percebemos estar importunando-os, o cheiro da Cannabis Sativa pairava no ar.

Nessa mesma área do bairro, estive em outra oportunidade a procurar por seu Vicente. Não lembrava ao certo qual era sua casa, mas como havia algumas pessoas na rua resolvi perguntar. Ao perguntar, todos se mostraram solícitos em ajudar. Uma senhora disse que ele acabara de sair e que nem adiantava ir a sua casa, pois lá só estavam a mãe dele e o

irmão e os dois estavam bêbados. Era a intimidade e o laço de inter-relação de proximidade. As informações invadiam o público sem receio, a vida pública é nitidamente vivida de forma conectada a vida privada na sociabilidade do bairro.

Diante do não contato com Vicente decidi então procurar outro morador neste mesmo dia. Andando mais, entrei em um beco onde havia muitas pessoas sentadas em na frente das casas. Perguntei sobre o morador e todos pareciam conhecê-lo, como se fossem parentes – depois vi que a casa do morador que procurava era distante desse beco que estava. Indicaram-me como chegar à rua da casa de Marcelo “olodum”, artesão e percussionista de seus 30 anos. Andei pela Avenida Ayrton Senna e entrei em outro beco que havia sido indicado. Cheguei até na rua de sua residência, mas não sabia aonde era. Tinha umas crianças na calçada, ou umas crianças e um adolescente. Perguntei se eles sabiam onde era a casa de Marcelo, eles ficaram sem saber direito, mas em seguida saiu um senhor idoso de uma casa e pelas minhas descrições me informou onde era o local. Os meninos então disseram: “*Ah, é Marcelo “nodum”*”, abreviando seu apelido. Agradei e fui lá, mas ele não estava em casa. Quem me recebeu foi possivelmente sua mãe que estava na sala com a porta aberta assistindo televisão, sem a menor preocupação. Disse que ele tinha saído a pouco, mas não sabia pra onde e nem que horas ele chegaria. Um tipo de sociabilidade onde o espaço da *casa* e da *rua*, como pensados por DaMatta (1985), são vividos quase enquanto um só todo colocou-se visível. Diria melhor, que nichos relacionais de confiança se colocam em meio à desconfiança da sociabilidade urbana contemporânea.

Um fato que chamou minha atenção, além disso, foi a presença de uma garrafinha de cachaça que o maior dos meninos tomava junto aos outros. O consumo de álcool parece mais alastrado pela parte baixa do bairro e é algo comum às áreas periféricas e de miséria, como colocado anteriormente por Ferreira (2002) e Fonseca (2000), ver a cena de um senhor aparentemente bêbado brincando e tirando sarro com pessoas que passam e estão na rua, mais

estas parecem conhecê-lo e não se importarem com as brincadeiras, foi algo muitas vezes visto por mim.

Paralelamente e em contradição, também vi crianças brincando com jogos antigos, esquecidos pelas crianças das classes mais abastadas, como a bola de gude, pipa, pular corda, e também andando de bicicleta. As brincadeiras aparecem persistindo em meio a processos tecnológicos e modernos, de mercado, que abarcam Video-Games e tipos de novos jogos até virtuais.

**FOTO 31 - Tipo de acesso e beco comum no baixo Roger. Por entre as casas os moradores se locomovem entre as ruas. Tipo de trânsito e de uso do espaço bem diferente dos bairros de classe mais abastada e também da parte “alta” do bairro. Créditos: Ricardo Campos.**



**FOTOS 32, 33, 34 e 35 – Crianças brincando no espaço público, de cima para baixo: a primeira à esquerda no “baixo”, a segunda da direita é no “alto” em sua divisa com Tambiá; abaixo, na próxima página, na esquerda estão em uma das escadarias que liga “alto” e “baixo”; já na direita na frente de uma casa também no “baixo”. Créditos: Ricardo Campos**





Em termos de comércio local, além de perceber que práticas mais tradicionais como o “vender fiado”, os próprios estabelecimentos que são na maioria das vezes uma prolongação da casa do comerciante, percebi durante minha estada em campo que a cultura do medo vai aos poucos modificando essa realidade. Em uma situação, por exemplo, que fui a uma mercearia para comprar uma água mineral vi uma estética e cena muito comum. A mercearia era toda gradeada, e o rapaz – mal-humorado e de cara feia – só abriu quando para me atender depois de um tempinho. O medo e a insegurança parecem impulsionar esse tipo de estética e arquitetura (FERRAZ, 2006).

Não só as grades são usadas como estratégia de defesa e confinamento. No “alto”, algumas pessoas me relataram a existência de um tipo de segurança motorizada que é paga mensalmente para patrulhar o bairro, além de termos visto também placas anunciando cachorros bravos, etc. Segue-se na próxima página algumas fotos sobre isso.



**FOTOS 36, 37 e 38 – Acima um um mercadinho no “baixo Roger” e suas grades, abertas em um pedido especial, apesar do mau-humor. Ao lado, pequena quitanda no “alto”. Créditos: Ricardo Campos.**

Nos contatos que tive com a ACMBR – Associação de Moradores do Bairro do Roger, associação vinculada à 10<sup>a</sup>- Região do orçamento democrático, principalmente através de Ana Claudia e Luciano<sup>16</sup>, pude também fazer várias reflexões. Eles sempre falaram de diversas atividades que promoviam no bairro. Desde festas como a de ano novo e Natal – no último natal afirmaram que houve o furo do fotógrafo e que por isso não tinham fotos, mas que tinham fotos de vários eventos – a cursos profissionalizantes, de reciclagem e artesanato, e etc. Luciano passava mais tempo conversando comigo, ele enfatizava várias vezes o caráter benéfico da associação para a comunidade e a nobreza da sua iniciativa. Disse: “*Agente aqui*

<sup>16</sup> Luciano e Ana Cláudia – presidente e vice da ACMBR, foram de fundamental importância para a aproximação com os moradores do bairro, através das reuniões da associação e mesmo em locais como as ruas do bairro, me apresentaram a várias pessoas, sempre como o estudante da UFPB. Eles foram informantes-chaves nesse processo.

*não dá só o peixe, ensinamos a pescar também*”, enfatizando um trabalho que permitia aos jovens do bairro a fugir do uso de drogas, da criminalidade, e das coisas “ruins” da vida.

Colocando sua postura religiosa desde o início, afirmaram ser evangélicos, mas que eram “*evangélicos liberais*”, e que respeitavam o pluralismo de opiniões e vidas, “*a gente não tem preconceito com ninguém não*”. Em uma ocasião de visita a sede da Associação e casa dos dois, o assunto das drogas e da movimentação, que já havia antes percebido desde que estava no ônibus em direção ao local – carro de bombeiros, polícia e burburinhos – foi colocado. Luciano neste dia, falou que muitos tinham uma imagem ruim do bairro, mas que ele morava há 10 anos por lá – Ana Cláudia mora há mais tempo – e que era um bairro muito tranquilo, disse que no seu cotidiano não tinha preconceito com ninguém e que falava com todo mundo, existindo um clima de cordialidade e proximidade no bairro. Falou que tinha a turma chamada de “doceros”, que é o pessoal que fuma Cannabis Sativa, a popular Maconha, e disse falar com todos. Disse-me que há um respeito mútuo entre todos os do bairro, revelando estratégias de solidariedade como apontados por Sarti (1994) e Ferreira (2002).

Reflete-se, que por mais que cidade tenha medo do Roger e de sua imagem estigmatizada, o discurso dos moradores nega o medo e o perigo no bairro. Luciano afirmou que eles já tiveram um fiteiro/bar ao lado da Associação/casa, e que nunca havia tido problemas. Disse:

*“Aqui chegava gente de todo tipo e todas as horas. Inclusive de madrugada chegava gente armada, mas eles logo tiravam a arma e pedia pra eu guardar dentro do fiteiro. Quando tinha confusão agente resolvia entre nós mesmos, e toda vez é coisa de coisinha miúda de marido e mulher, mãe com filho, sei não visse (...)”*

Goffman (1988 e 1975) já atentava para esse tipo de estratégia no jogo relacional e no palco societário:

*“Finalmente, a pessoa com um atributo diferencial vergonhoso pode romper com aquilo que é chamado de realidade, e tentar*

*obstinadamente empregar uma interpretação não convencional do caráter de sua identidade social.” (GOFFMAN, 1988, p.20)*

Porém, neste dia, Luciano em contradição, trouxe um assunto, um burburinho, ao dizer numa fala rápida e confusa que se tratava de um caso de assassinato entre parentes ou vizinhos da comunidade “Terra do Nunca”, próxima à associação, e que haviam corpos enterrados num lamaçal formado por um rio que desemboca no bairro próximo a essa comunidade. Logo desconversou dizendo se tratar de ocorrido extra e não normal no bairro. Disse que conhecera o rapaz que praticara o assassinato, e que ele tinha participado com ele de aulas de musculação para competições de força e não de músculos. Disse que trabalhava com isso no Shopping Tambiá e que inclusive haveria uma exibição lá em março. Quando perguntei: “*Ah então você é eletricitista e trabalha com musculação também né?*”, ele desconversou, mas afirmou que ia a pé para o trabalho. Mais uma vez o não uso do transporte público é colocado.

Luciano falou que o rapaz se transformou ao ponto de cometer bobagens e coisas “ruins” quando começou a fumar crack, a nova onda do momento no bairro – cabe ressaltar que podemos considerar a droga do momento na cidade, ou melhor, no estado, como podemos perceber, mesmo que superficialmente, através das diversas apreensões noticiadas quase que diariamente nos telejornais locais. Houve uma mescla de discurso religioso com um discurso político-social.

Neste mesmo dia segui em direção ao local, e percorrendo as ruas percebi grande mobilização e a presença dos moradores nas frentes de suas casas conversando, e curiosos sobre o assunto e sobre a presença da polícia e dos bombeiros. Diferentemente de outros dias no bairro, a minha presença não foi notada. Cheguei perto e fiquei escutando as conversas e vendo a movimentação.

O tumulto era grande e o número de pessoas parecia aumentar. Perguntei a um jovem o que estava acontecendo e ele simplesmente disse que não sabia, com uma cara de “eu

não posso e nem devo falar”. Fiquei só olhando e escutando. Dessa forma, soube que era uma parte de um corpo de uma adolescente, irmã de criação do assassino, que as autoridades estavam querendo encontrar em meio ao lamaçal. Havia uma expectativa coletiva por encontrarem as partes do corpo, e o assunto geral era o fato, o assassino que estava preso e etc. Alguns jovens falavam com um tom de respeito e admiração pela “brabeza” do assassino e dizendo que na prisão ele tinha se dado mal.

Em meio a isso percebi que havia desde paquera, a brincadeiras e outros tipos de divertimento com a aglomeração. Conversei ainda com um senhor que chegou de carroça na rua. Ele estava indignado, pois a rua estava fechada e ele teria que voltar lá pelo alto pela Gouveia Nóbrega, ou seja, andar muito mais. Mesmo assim, perguntou a mim o que estava acontecendo. Eu disse que não sabia ao certo, e logo ele foi dizendo do corpo da menina e do caso, já sabia o que se tratava o danado. Desceu da carroça e foi xeretar em meio aos presentes.



**FOTO 39 – Ponto nodal do “baixo” formado pelo cruzamento das Ruas Monsenhor José Coutinho e Dezenove de Março. No lado esquerdo da foto a árvore e o fiteiro amarelo ficam na frente da Associação de moradores. No extremo direito de verde vê-se a fachada do Clube Guarany.**  
*Créditos : Ricardo Campos*



**FOTOS 40, 41 e 42 – Episódio da busca pelo corpo no lamçal do “baixo Roger”.  
Créditos: Ricardo Campos.**

Dona Maria da Penha, comerciante, 40 anos, em uma das únicas três entrevistas formais em que os entrevistados responderam não gostar do seu bairro, ao responder o porquê de não gostar e ao falar sobre o bairro, reflete o acontecimento acima colocado, inclusive sua residência fica próxima ao local, assim ela diz:

*“Não eu não gosto não meu filho. Eu acho ele sujo, tem muita gente mal encarada, tem de tudo, tem até cemitério clandestino perto da minha casa. Já mataram um e colocaram aí no terreno ao lado da minha casa. É um cemitério clandestino isso aqui.(...) O posto não funciona que preste, o policiamento é péssimo e quando vem é com uma sirene tão alta que só serve pra espantar os bandidos, mas também não dá pra confiar em polícia.”*

A estudante Fabiana, 18 anos, moradora da Rua Salvador de Albuquerque, no “baixo”, e mais próxima ao lixão, que também afirmou não gostar do bairro, relata essa faceta mais violenta do bairro:

*“Não gosto porque aqui é um local isolado, esquecido, é chato, morgado, não tem nada de bom a não ser a “Bica”, mas ela fica longe*

*daqui de minha casa. Ou seja, é tudo isso que eu falei antes sem falar nos tiroteios, minha mãe é quem quis vir morar aqui.”*

Durante outra conversa com o pessoal da Associação, eles falaram que estavam meio tristes, pois uma senhora que doa e contribui com a entidade havia sido roubada na saída de um banco no centro, – tipo de assalto conhecido como “saidinha de banco”, que está se tornando comum em João Pessoa – e que não seria possível doar no dia da reunião da Associação os enxovais para as gestantes do bairro que comparecessem e estivessem cadastradas.

Luciano puxou o assunto da sede, dizendo que eles pretendiam se mudar para o antigo posto de polícia que fica por traz do Onze Esporte Clube, e assim estabelecer um local fixo. Disseram que estavam otimistas, pois haviam conversado com o vereador do bairro e ele havia prometido o local. Perguntei quem era o vereador do bairro, e eles disseram ser o vereador Tavinho – tivemos outros indícios que o vereador citado tem realmente esta fama de ser o representante do bairro, e que tem grande popularidade no local. Perguntei por que o posto de polícia estava fechado. E eles disseram saber através das reuniões do orçamento democrático, que não havia mais postos de polícia na cidade toda. Que agora existem tais e tantas viaturas para cada região/bairro da cidade.



**FOTO 43 – Adesivo de campanha do Vereador Tavinho, O adesivo persiste em algumas residências mesmo após um bom tempo do último pleito eleitoral. Créditos: Ricardo Campos**

Desse ponto do posto e da polícia surgiu o assunto da violência e do medo. Ana Claudia logo falou, que mesmo sem o posto a polícia sempre chegava rápido lá, como se quisesse afirmar a segurança do local. Assim narrou-me um fato que ocorreu num bar de esquina no ponto nodal entre as ruas Dezenove de março e Monsenhor José Coutinho, e praticamente em frente da Associação. Disse-me:

*“Uma vez teve uma confusão aí nesse bar de frente, num sei se confusão de bebida, sei lá o que, sei que a confusão rolando um homem deu um tiro no outro, e ninguém fazia nada. Eu corri peguei o celular liguei pra polícia e em 5 minuto eles chegaram e levaram o homem. “Disso agente num tem o que reclamar”.* Luciano concordava.

Percebemos ao longo de nossa explanação que o medo enquanto elemento chave da sociabilidade do Roger, não é um medo único e extraordinário, mas sim medos ordinários e cotidianos quase imperceptíveis, e também um sentimento que é incorporado através da construção de uma cultura do medo, de uma onda de violência que aos poucos vai expandindo-se e tomando novas proporções na cidade de João Pessoa. Lúcio Kowarick (2002) aponta para essa afirmação de uma cultura baseada na insegurança e no medo:

*“Insegurança, medo, ameaça, perigo e crime tornaram-se assuntos dominantes nas falas, no mais das vezes acusativas, do nosso cotidiano urbano. São elementos que estão na base das práticas sociais de caráter defensivo, repulsivo ou repressivo que, para mais ou para menos, perpassam todas as camadas da sociedade brasileira. A violência constitui um elemento estruturador, ao mesmo tempo banal e assustador, das ações e pensamentos do dia-dia de nossas metrópoles (...).”* (KOWARICK, 2002, p.24)

Ainda que a cidade de João Pessoa não seja uma metrópole, seu processo histórico de desenvolvimento urbano mostra que é uma cidade de médio porte com tendência para esses tipos de comportamento, acentuados a partir da década de 90 do século passado. Koury (2005b, 2005c, 2006, 2007), em uma série de artigos que acompanha e expõe os andamentos da pesquisa *Medos Corriqueiros*, traz dados e informações da pesquisa que podemos comparar com o nosso caso em específico.



Koury estende sua abordagem a outros bairros da capital em que o GREM aplicou *surveys* do ano de 2001 até o presente.

Em “*A noção de medo na visão dos moradores da cidade de João Pessoa*” (2006), o autor trabalha como a concepção de medo foi situada pelos entrevistados a partir do ambiente social em que vivem e estão situados, e analisa três categorias por eles apresentadas para a definição de medo.

A partir da pergunta o que é medo, feita aos habitantes da cidade, surgiram três categorias: *Falta de Segurança Pessoal ou Familiar* (50%), seguida pela categoria de *Falta de Confiança em Si ou Receio de Errar* (36%) e por último a *Falta de Fé* (14%). Estas categorias dialogadas entre si ajudam a compreender o imaginário da cidade sobre como diz o autor “(...) *um termo muito comum e bastante utilizado no dia a dia e na mídia, nesta época conturbada pela violência real ou imaginária que parece assolar o Brasil e o mundo contemporâneo.*” (KOURY, 2006, p.58).

A partir dos relatos, Koury mostra que a categoria *Falta de fé* situa o medo no interior da questão religiosa, indicando uma atitude relacional como proposta por DaMatta. Atitude relacional com o divino que aplica o sentido de viver a um destino em que a fé do indivíduo é testada.

Esse tipo de atitude relacional parece levar a uma ordem moral sólida capaz de proteger os indivíduos diante dos perigos, da violência, dos problemas cotidianos que são entendidos como o *mal*. Desde comportamentos estéticos a hábitos cotidianos guiados pela fé, parecem firmar a mesma como um todo coletivo que permite a proteção e que quebra o medo. O medo dentro desta categoria é compreendido então como uma fraqueza pessoal ao todo comunitário e ao destino divino.

A categoria *falta de confiança ou receio de errar*, por sua vez, já foge do campo do divino e do religioso, associando-se a uma lógica do fracasso pessoal consigo próprio. Está

associada à incerteza, à baixa-estima, *ou para um tipo de racionalização que aprisiona o sujeito a uma espécie de sentimento de imperfeição, de não se encontrar de todo preparado para prosseguir, de não ter certeza, ou da incerteza do próximo passo* (KOURY, 2006, p.68).

O medo se coloca frente aos projetos pessoais e coletivos, dos indivíduos em seu cotidiano permeado pelo risco. A violência se associa aqui mais ao risco e a imprevisibilidade do futuro do que a violência física em si.

A categoria *Falta de Segurança pessoal e familiar* associa-se às pessoas que apontam uma mudança brusca na cidade de João Pessoa, que afeta a rede de reconhecimento e relacionamento, proporcionando o risco no sentido físico, e que leva ao isolamento.

A rua e os espaços públicos figuram enquanto locais inseguros a serem evitados, onde a presença do outro traz ameaça a paz, já que este mesmo sendo um vizinho é agora um desconhecido. Segundo o autor:

*“O confinamento doméstico parece tornar-se um dos poucos caminhos encontrado de continuar vivendo na cidade. Em casa recebe os amigos, se sente protegida dos outros, daqueles que não compartilham o seu sentimento de pertencimento à cidade, que são usurpadores do lugar e a ameaçam pela simples presença.”* (KOURY, 2006, p. 75)

Koury aponta que *“Embora não se possa dizer que as categorias definidoras do medo apresentadas possam ser vistas através da posição sócio-econômica dos entrevistados, podendo um informante de qualquer posição sócio-econômica definir medo através de cada uma das três categorias”* (KOURY, 2006, p. 84), que a categoria falta de fé está mais presente entre os moradores de bairros populares e periféricos com renda abaixo de quatro salários mínimos, e que a segunda e terceira categoria estão associadas principalmente à classe média com renda entre cinco e vinte salários. Apenas 10% dos moradores dos bairros nobres ficaram entre as categorias *Falta de Fé* e *Falta de confiança e receio de errar*.

Assim, aponta para um caminhar rumo ao individualismo de uma sociedade de bases relacionais como a brasileira.

No artigo *“Imaginário Social e Sentimentos de Medo na cidade de João Pessoa”* (2007), Koury aborda os medos expressos pelos habitantes da cidade, relacionando-os as conceituações que estes mesmo habitantes imputaram ao medo no artigo anterior citado.

Os medos analisados são tratados como temores reais ou imaginários e como elementos que afetam profundamente o cotidiano e as práticas dos indivíduos desta cidade. Estes atrapalham a organização da vida cotidiana e orientam certas práticas dentro de uma sociabilidade específica.

Após conceituarem o medo como foi colocado no artigo anterior, foi perguntado aos habitantes se eles sentiam medo, e de que sentiam medo, sobre essas questões se dedica o autor nesse momento.

Apenas 16% dos entrevistados responderam que não tinham medo, o correspondente a 80 no universo de 500. Os 84% que sentem medo se subdividiram em: 46% que sentem medo da violência; 17,60% solidão; do futuro 9,80%; do castigo de Deus 5,80%; e 2,20% à deslealdade.

O autor aponta que os medos relativos à solidão, deslealdade e castigo divino, estão atrelados a uma conduta social de aspectos tradicionais aliados ao âmbito ético-religioso, estando mais presente em moradores de regiões de baixa renda.

Koury aborda o “boom” do crescimento da cidade na década de 70, pontuando o elemento da migração de pessoas vindas do interior – trazendo hábitos e costumes tradicionais -, como de outras regiões do país servindo de mão-de-obra para uma demanda da cidade, como, por exemplo, no caso da UFPB criada a partir dessa década.

O autor aponta ainda que bairros compostos pela classe média, como Tambaú e Manaíra, sofrem uma especulação tamanha que impele seus moradores e indivíduos dessa

classe a buscar áreas, como Bancários e Mangabeira – antes apenas para a população pobre e de baixa renda – para morar. A cidade se expande para o sul e sudeste e torna-se uma cidade “cosmopolita”, trazendo novos hábitos e costumes.

O autor diz que:

*A cidade de João Pessoa vivencia assim, hoje, uma ambigüidade e uma ambivalência grandes, principalmente na classe média e média alta, estendendo-se até a classe média baixa, entre uma vida tradicional, onde o peso da vizinhança e familiar e da religião é forte, e uma mudança de costumes radical, para os padrões existentes até os anos setenta do século passado. Isto, principalmente, entre os jovens e adultos até quarenta anos que foram criados nesta transição, mais atinados às mudanças do que consideram modernidade e dentro de padrões mais globalizados de lazer e consumo e de formas de vida mais individualizadas.” (KOURY, 2007, p. 429)*

Isso é refletido nas três categorias antes citadas, mais ainda na categoria *Castigo de Deus*, com quase 95% situada a partir dos moradores de bairros populares e conglomerados como Padre Zé, Mandacaru, Valentina de Figueiredo, Rangel, Roger, dentre outros. Os outros 5% estariam situados por pessoas de maior poder aquisitivo que vêem no castigo divino uma busca por uma redefinição social aliados ao medo da solidão e da falta de sentido para a vida.

Porém: *“É importante frisar, por outro lado, que oitenta e oito entrevistados, 17,6%, afirmaram ter medo da solidão e da velhice e morte, sem ligarem esse medo a nenhum ato de fé religiosa ou divina.” (KOURY, 2007, p. 437).* O medo da exclusão social pela parcela mais velha da população surge como cara ao contexto urbano brasileiro no século XXI.

Sobre o medo enquanto deslealdade, o autor remete a Simmel e Heller para apontar características desse sentimento que apesar de pouco citado, 2,2% da amostra, reflete a existência do jogo relacional mesmo no cotidiano indiferente e individualista contemporâneo, que, inclusive, torna as alianças entre os homens mais efêmeras e duvidosas.

A outra categoria relativa ao medo do futuro e do desconhecido se relaciona à questões como manutenção do emprego, temor em relação ao futuro profissional dos filhos e parentes, aos estudos também. Este sentimento teve 9,8% das respostas. A questão do mercado é relacionada também a uma certa estagnação que vive a cidade, já que depois do seu “boom” amarga momentos de estabilidade sem muito crescimento; a falta de emprego e as dificuldades de sobrevivência é uma realidade comum a todo o Brasil.

O autor diz:

*“A insegurança no futuro e o medo do desconhecido, deste modo, é uma categoria que revela, nesta análise, principalmente, a instabilidade de viver em uma cidade onde as oportunidades de realização profissional são escassas, para a classe média, mesmo que muitos afirmem querer permanecer, ou irem e acabarem voltando para tentarem novamente habitar em João Pessoa. Por outro lado, revela também a impossibilidade do sobreviver e o sem futuro. Expõe e relata o receio de pensar no amanhã e o ver como uma ampliação da segregação e um espaço que oprime e leva a uma marginalidade maior os seus, principalmente filhos.”* (KOURY, 2007, 449)

A categoria *violência* foi a mais presente de todo o universo com 48,6%, e a que perpassa todas as segmentações de gênero, etária, localidade, indicando a violência como o principal medo na cidade.

Assaltos, roubos, brigas, barulho, são problemas apontados e que causam medo, apesar do reconhecimento pela maioria dos entrevistados de que comparada a outras cidades João Pessoa ainda tem um nível baixo de violência.

João Pessoa mostra-se uma cidade em transformação de um lugar de reconhecimento, para um lugar de evitação. A cultura do medo parece se consolidar na cidade que vai aos poucos perdendo o rótulo de cidade pacata.

Comparando aos nossos dados, vemos como o medo é sentimento mais que presente na sociabilidade da cidade, e também do nosso bairro em particular, já que 70% de nossos

entrevistados afirmaram sentir medo de alguma coisa, contra 30% que afirmaram não ter medo de nada. Assim como os dados mostrados por Koury, o número de pessoas que afirmam não ter medo é muito pequeno. Dessa maioria que afirma ter medo aproximadamente 53,6% afirmaram a categoria *Acidentes, doenças, morte*; seguidos de perto por aproximadamente 35,7% que se enquadraram na categoria *Violência, insegurança, vitimização pessoal*; e por fim aproximadamente 11% que enquadraram-se na categoria *insegurança relativa a falta de fé ou realização de projetos*. Uma fala que corresponde à primeira categoria, *Acidentes, doenças, morte*, é a de Fabiana, 18 anos, estudante, moradora da Rua Salvador de Albuquerque no “baixo”:

*“Sim, eu tenho medo. Tenho medo da morte. Não sei explicar, acho que é o medo de deixar o mundo, de deixar meu filho que é novinho sem ninguém. É não saber como é a experiência de saber o que existe depois da morte também.”*

E em relação à segunda categoria, *Violência, insegurança, vitimização pessoal* trazemos a fala de Maria de Lourdes, 57 anos, funcionária pública, moradora da Rua Ivo Soares no “alto”: *“Sim, tenho medo da violência. Porque tenho medo de perder a minha vida em um assalto e a minha família também.”*. Finalizando deixo a fala de Joseane, 43 anos, também moradora do “alto”:

*“Tenho medo de ladrão. Porque eu moro com dois idosos, um indefeso, e a pessoa fica com medo né?! Não é um medo doentio, mas é algo que a gente sente todo instante. Não sei como as pessoas moram ali na frente e perto daquele presídio”*

Nota-se que os dados colocados antes por Koury se mostram similares aos resultados encontrados por nós no bairro em específico.

Percebemos que os moradores apesar das mudanças que trouxeram problemas e novas formas de vida e relacionamento, onde a confiança no “outro” torna-se cada vez mais difícil, os mesmo ainda tem um forte pertencimento com o local e seus lugares enxergando-se a partir do local que provém, assim, re-elaborando a vida em novos arranjos simbólicos. O

conceito de medo, enquanto incentivador e definidor de possíveis ações sociais nos e entre os indivíduos, revela-se de fundamental importância para o entendimento das conformações e dos processos de configuração e reconfiguração das cidades, e da vida social do indivíduo urbano no Brasil.

O bairro, enquadrado no processo geral de modernização e de uma cultura do medo e da violência, mostra diferenças no imaginário de seus habitantes mais pobres em relação aos mais abastados. Enquanto os moradores mais pobres fingem não ter medo em relação aos perigos que o *outro* possa proporcionar, e procurem conservar re-atualizando os laços de comunidade e os aspectos de uma vida mais tradicional, os mais abastados assumem o imaginário midiático dos medos e redirecionam suas ações e comportamentos para um sentido mais individualista e de reclusão, estigmatizando certas áreas e pessoas do bairro.

Descortinamos um processo de estigmatização e estereótipização em curso, dos moradores mais antigos em relação aos habitantes de ocupação recente nas áreas limites e mais pobres do bairro. Estes últimos são vistos através de estigmas de perigosos, violentos e ruins, pautados no sentimento de medo.

Os medos corriqueiros assumem formas ambivalentes no bairro. Ao mesmo tempo em que há um movimento no sentido de segregar o outro, considerado como estranho e usurpador, ocorre uma oscilação no sentido inverso, de formação de alianças e no reforçar dos laços sociais comunitários, com o outro considerado conhecido. O que serve para reforçar e restaurar valores considerados positivos, de identificação e pertença ao bairro, e dos moradores em relação à cidade.

## CONCLUSÃO

Neste trabalho partimos da hipótese do medo como elemento estruturador da vida cotidiana e corriqueira (KOURY, 2002), mostrando suas gradações e suas diversas nuances, através do cotidiano de um bairro popular que é o Roger. Partimos assim para uma visão da complexidade e heterogeneidade do bairro a partir de seus elementos, seus marcos, sua especificidade e tensões. Harvey (2002) falando a esse respeito diz:

*“As tensões resultantes da heterogeneidade não podem e não devem ser reprimidas, mas sim liberadas em formas socialmente estimulantes, mesmo que isso possa gerar conflitos.”* (HARVEY, 2002, p. 7)

Objetivamos a perspectiva da criação social a partir da mediação que os sujeitos fazem do si e do “outro” relacional, encarando-o como semelhante ou dessemelhante, a partir de uma relação direta com as estruturas macro-sociais; percebemos que engendram um contexto de desigualdade social aguçada. Tentando assim desvendar os processos de criação e mudança social entendendo o jogo relacional enquanto conflito e negociação.

Tentamos fazer isso “(...) evidenciando a proximidade entre o ordinário e extraordinário no cotidiano da periferia” (FERREIRA, 2002, p.168). O bairro do Roger que intercala pobreza, relações de conflito, e estratégias de vida diversa mostrou que “a obediência aos papéis manifesta a cumplicidade do indivíduo com o grupo e concede identidade positiva.” (FERREIRA, 2002, p. 173), assim como colocamos a partir de Pierre Mayol e Michel de Certeau (1998) anteriormente.

Percebemos que, apesar do medo do outro, do desconhecido, que pode proporcionar violência e agressão, a comunidade ainda preserva laços de pessoalidade, um tipo de relacionamento comunitário, onde o todo grupal, na maioria das vezes, sobrepõe-se sobre as partes individuais. Porém, a impessoalidade e objetividade nas relações detectadas por Simmel (1998), se mostram aparentes, principalmente nas áreas de comércio próximas ao



bairro de Tambiá, e atingem todo o bairro. Mas a resistência de hábitos comunitários tradicionais e relacionais, porém, é mais aparente e forte.

Todo o trabalho de pesquisa forneceu elementos críticos que ajudaram a penetrar nas relações sociais entre os moradores e deles com a cidade. O que nos levou a aproximações compreensivas do processo de elaboração de uma auto-definição de si mesmos e dos outros, guiado por uma configuração própria construída internamente no bairro.

Vimos no contexto difícil vivido por boa parte dos moradores do bairro que:

*“Os laço de solidariedade, o dever de prestar auxílio mútuo, a certeza de poder contar com os próximos em situações de crise fazem parte da estratégia dessa população para driblar as vicissitudes de uma vida apoiada em bases materiais e legais muito frágeis.” (FERREIRA, 2002, p. 173)*

Assim, ao desvendar e mergulhar nesta seção da realidade, tentamos ajudar na compreensão e sentido de:

*“(...) definição de políticas que saibam lançar pontes entre as múltiplas heterogeneidades sem reprimir as diferenças é um dos maiores desafios para a urbanização do século XXI.” (HARVEY, 2002, p. 8)*

O bairro do Roger, vivencia um processo constante de re-construção de sua imagem, na dinâmica cultural entre os moradores, e também para com a cidade de João Pessoa. Refletem a tentativa de manter laços tradicionais de relacionamento comunitário, apesar da lógica estigmatizante que se aparca sobre o local, reagindo simbolicamente aos novos moldes de sociabilidade que surgem na modernidade urbana e globalizada.

Por fim, reafirmamos o medo enquanto elemento social fundamental na compreensão da cultura urbana atual, e como elemento presente em toda forma de sociabilidade contemporânea (KOURY, 2002). Nossa tentativa foi a de demonstrar como a especificidade do bairro do Roger se enquadra nesses processos, a partir de um prisma onde o medo se re-configura a partir de lógicas específicas em diferentes contextos do coletivo cidade de João Pessoa.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, Wellington e OCTÁVIO, José. (1985). *Uma cidade de quatro séculos - evolução e roteiro*. João Pessoa: A União Editora.

ALMEIDA, Alexandre Paz. (2005). *Sociabilidade, Pertença e Medos Corriqueiros: um estudo de uma rua no bairro de Valentina de Figueiredo, João Pessoa-PB*. João Pessoa, Monografia defendida no CCS/UFPB.

ALMEIDA, José Américo de. (2005). *Cidade de João Pessoa, Roteiro de ontem e de Hoje*. João Pessoa. Prefeitura Municipal de João Pessoa/Secretaria de Comunicação Social.

AQUINO, Marcio Villar de. (1985). *O século XIX e a cidade*. In. AGUIAR, Wellington e OCTÁVIO, José. (1985). **Uma cidade de quatro séculos - evolução e roteiro**. João Pessoa: A União Editora.

AUGÉ, Marc. (1994) *Dos Lugares aos não-lugares*. In, **Não-Lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade**. Campinas, Papirus, pp. 71-105.

BARTHES, Roland. (1984). **A Câmara Clara**. 4ª- ed. , Nova Fronteira, Rio de Janeiro.

BARRETO, Maria Cristina Rocha. (1996), *Imagens da cidade. A idéia do progresso nas fotografias da cidade da Parahyba*. Dissertação, João Pessoa, MCS-UFPB.

BENJAMIN, Walter. (1985). *Pequena História da Fotografia*. In, **Magia e Técnica, arte e política. Ensaios sobre Literatura e História da cultura**. Col. Obras Escolhidas, vol. 1, Brasília, ed. Brasiliense.

BENJAMIN, Walter. (1985a). *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica*. In, **Magia e Técnica, arte e política. Ensaios sobre Literatura e História da cultura**. Col. Obras Escolhidas, vol. 1, Brasília, ed. Brasiliense.

BITTENCOURT, Luciana Aguiar. (1998). *Algumas considerações sobre o uso da imagem fotográfica na pesquisa antropológica*. In, **Desafios da Imagem**. (Bela Feldman-Bianco & Miriam Moreira Leite, Orgs.). Campinas, Papirus, pp. 197-212.

BOSI, Ecléa. (1979). *Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos*. São Paulo, T. A. Queiroz.

BOURDIEU, Pierre.(1989). *A miséria do mundo*. Petrópolis, Vozes.

CALDEIRA, Teresa Pires do R. (1997). *Enclaves fortificados: A nova segregação urbana*. **Novos Estudos**, CEBRAP, n.47, São Paulo, março.

CASAL, Yáñez. (1986). *Lês Processus Socialization Rurale au Mozambique*. Paris I Pantheon – Sourbone, Tese de Doutorado.

CAVALCANTE FILHO, Francisco de Assis Vale. (2005) *Convívio e Interação Social: os códigos de afeição e de estranhamento, os medos corriqueiros e a sociabilidade de uma rua*. João Pessoa, Monografia defendida no CCS/UFPB.

COLLIER JR., John. (1973). *O problema da observação e a natureza da fotografia*. In, **Antropologia Visual: A fotografia como método de pesquisa**. São Paulo, EPU, EDUSP.

COULON, Alain. (1995). *A Escola de Chicago*. Campinas, Papirus.

COUTINHO, Flávia Cristina. (2005). *Discussão sobre o bairro do Roger e a rua Padre Rolim*. Trabalho apresentado ao professor Mauro Koury como critério de avaliação da disciplina Sociologia Urbana. João Pessoa. Curso de Ciências Sociais – UFPB.

COELHO, Edson Bertoldo. (2006). *Construindo Soldados: Uma análise do processo de formação dos Soldados da Polícia Militar da Paraíba*. João Pessoa, Monografia defendida no CCS/UFPB.

COELHO FILHO, João Santos. (1985). *Iluminação pública através dos tempos*. In, AGUIAR, Wellington e OCTÁVIO, José. *Uma cidade de quatro séculos - evolução e roteiro*. João Pessoa: A União Editora.

CRAPANZANO, Vincent. (2005). *A Cena: Lançando Sombra sobre o real*. **Mana**, 11(2), pp. 357 a 383.

CRAPANZANO, Vincent. (2005a). *Horizontes Imaginativos e o aquém e além*. **Revista de Antropologia**, São Paulo, USP, v. 48, n. 1.

CUNHA, Alexandre Mendes et al. (2003). *O Terror Superposto: uma leitura lefebvriana do conceito de terrorismo e suas relações com o mundo contemporâneo*. Belo Horizonte, UFMG/Cedeplar, (texto para a discussão, n. 217).

DaMATTA, Roberto. (1978) *O ofício do etnólogo, ou como ter “Anthropological Blues”*. In, Edson de Oliveira Nunes, Org. **A Aventura sociológica**. Rio de Janeiro, Zahar, pp.23 a 35.

DaMATTA, Roberto. (1985). *A Casa e a Rua*. São Paulo, Ed. Brasiliense.

DaMATTA, Roberto. (1990). *Carnavais, Malandros e Heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. 5ª ed, Rio de Janeiro, Guanabara Koogan.

DEBORD, Guy. (2003). *A Sociedade do Espetáculo*. Ebooks.com/Coletivo Periferia.

DE CERTEAU, Michel de. (1998a). *A Invenção do Cotidiano. Vol. 1, Artes de Fazer*. 3ªed, Petrópolis, Vozes.

DE CERTEAU, Michel de. (1998) *A Invenção do Cotidiano. Vol. 2, Morar, cozinhar*. 2ªed, Petrópolis, Vozes.

DUMONT, Louis. (1985). *Do indivíduo-fora-do-mundo ao indivíduo-no-mundo*. O individualismo: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna. Capítulo I, Rio de Janeiro, Rocco.

- DURKHEIM, Emile. (1983). *Da divisão do Trabalho Social*. 2ª- ed, São Paulo, Abril.
- ECKERT, Cornelia. (2000). *A cultura do medo e as tensões do viver a cidade: narrativa e trajetória dos velhos moradores de Porto Alegre*. **Illuminuras**, 18.
- EDWARDS, Elizabeth. (1996). *Antropologia e Fotografia*. In, **Cadernos de Antropologia e Imagem**, 2. pp. 11-28.
- ELIAS, Norbert. (1994). *O Processo Civilizador, Vol. 1 – Uma história dos costumes*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar ed.
- ELIAS, Norbert. (1993). *O Processo Civilizador, Vol 2 – Formação do Estado e Civilização*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar ed.
- ELIAS, Norbert. (1998). *Sobre o Tempo*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar ed.
- ELIAS, Norbert e SCOTSON, John L. (2000). *Os Estabelecidos e os Outsiders*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed.
- FRANÇA, Henrique. (2006). *Jornal O Norte – Caderno Especial de 16 de Setembro*.
- FERRAZ, Sonia Maria Taddei. (2006). *Arquitetura da Violência: morar com medo nas cidades. Quem tem medo de que e de quem nas cidades brasileiras contemporâneas*. **Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, vol. 5, n.13, pp. 54 -84.
- FERRAÇO, Carlos Eduardo. (2006). *Pesquisa com o cotidiano*. Texto apresentado no seminário interno do PPGGE da UFES.
- FERREIRA, Maria Inês Caetano. (2002). *A Ronda da Pobreza: violência e morte na Solidariedade*. **Novos Estudos**, n 63, pp. 167-177.
- FONSECA, Cláudia. (2000). *Família, Fofoca e Honra: uma etnografia das relações de gênero e violência em contextos populares*. UFRGS.
- GEERTZ, Clifford. (2001). *Como pensamos hoje: a caminho de uma etnografia do pensamento moderno*. In, **O Saber Local**. 4ª. Edição, Petrópolis, VOZES, pp. 220 a 245.
- GEERTZ, Clifford. (1978). *Ethos, Visão de Mundo e a análise de Símbolos Sagrados*. In, **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro, Zahar editores.
- GIACOMAZZI, Maria Cristina Gonçalves. (1997). *O cotidiano da Vila Jardim: um estudo de trajetórias, narrativas biográficas e sociabilidades, sob o prisma do medo na cidade*. Tese de Doutorado, UFRGS, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Porto Alegre.
- GOFFMAN, Erving. (1975). *A Representação do Eu na Vida Cotidiana*. Petrópolis, Ed. Vozes.

GOFFMAN, Erving. (1980). *A Elaboração da Face. Uma análise dos elementos rituais na interação social*. In, Sérvulo Augusto Ferreira, Org. **Psicanálise e Ciências Sociais**. Rio de Janeiro, F. Alves.

GOFFMAN, Erving. (1988). *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara.

GURAN, Milton. (1998). *A “Fotografia Eficiente” e as Ciências Sociais*. In, **Ensaio Sobre o Fotográfico**. (Luis Eduardo Robinson Achutti, Org.) Porto Alegre, Unidade Editorial, pp. 87-99.

HARVEY, David. (2002). *Mundos Urbanos Possíveis*. **Novos Estudos**, Cebrap, n. 63, julho, pp. 3-8.

HELLER, Agnes. (1985). *O Cotidiano e a História*. 2ª- ed., Rio de Janeiro, Paz e Terra,

HONORATO, Rossana. (1999) *Se essa cidade fosse minha... A experiência Urbana na perspectiva dos produtores culturais de João Pessoa*. João Pessoa: ed. Universitária/UFPB.

JARDIM, Vicente Gomes. (1910). *A cidade da Paraíba na passagem do século*. *Revista do IHGP*, n. 2, pp. 89 a 93.

JUSTINO, Firmo. (1985). *Escolhi a zona da miséria*. In. AGUIAR, Wellington e OCTÁVIO, José. (1985). **Uma cidade de quatro séculos - evolução e roteiro**. João Pessoa: A União Editora.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. (1986). *Trabalho e Disciplina (Os Homens Pobres nas Cidades do Nordeste: 1889 – 1920)*. In, “Relações e trabalho e Relações de Poder: Mudanças e Permanências”. Fortaleza, Mestrado de Sociologia – UFC/ Núcleo de Estudos e Pesquisas Sociais. Vol. 1.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. (1988). *Diferenciação entre o bem e o mal: pobreza, violência e justiça*. In: MOTTA, A.B. et al. *Nordeste, o que há de novo?* Natal: Ed. Universitária, p. 147-149.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. (1998a). *Relações Imaginárias: a fotografia e o real*. In, **Ensaio Sobre o Fotográfico**. (Luis Eduardo Robinson Achutti, Org.) Porto Alegre, Unidade Editorial, pp. 72-78.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. (1998). *Fotografia e a Questão da Indiferença*. In, **Imagens & Ciências Sociais**. (Mauro Guilherme Pinheiro Koury, Org.) João Pessoa, Editora Universitária, pp. 67-86.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. (2000). *Medos Corriqueiros: a construção social da semelhança e da dessemelhança entre os habitantes urbanos das cidades brasileiras na contemporaneidade*. Projeto de Pesquisa. João Pessoa: GREM/DCS-UFPB.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. (2002). *Medos Corriqueiros: Em busca de uma aproximação metodológica*. **Conceitos**. João Pessoa, ADUFPB, v. 5, n. 8, p. 120-127, 2002.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. (2004). *Introdução à Sociologia da Emoção*. João Pessoa, Manufatura/GREM.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. (2003). *O Local enquanto elemento intrínseco da Pertença*. In, Cláudia Leitão, Org. **Gestão Cultural: Significados e Dilemas na Contemporaneidade**. Fortaleza: Banco do Nordeste, pp. 75 a 87.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. (2005). *Um passeio através do Parque Sólon de Lucena. Uma narrativa sobre a emoção pertencer e uso do espaço público*. **Os Urbanitas – Revista de Antropologia Urbana**. São Paulo, USP, ano 2, v. 2, n 1. Disponível via WWW no URL <http://www.osurbanitas.org/osurbanitas2/koury.html>. Internet, 2005. Capturado em Outubro.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. (org.) (2005a). *Medos Corriqueiros e Sociabilidade*. João Pessoa: Editora Universitária, Edições do GREM.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. (2005b). *Viver a Cidade: um estudo sobre pertença e medos*. RBSE, v. 4, n. 11, pp. 148-156, agosto. <http://www.rbse.rg3.net>

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. (2005c). *Pertença, Redes de Solidariedade e Medos Corriqueiros. O bairro de Varadouro da cidade de João Pessoa, PB pelos seus moradores*. **Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, 4 (10), pp. 43-59.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. (2005d) *Processo Comunicacional e Intersubjetividade em Gabriel Tarde*. **Política & Trabalho**, n.22, Abril.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. (2006). *A noção de Medo na visão dos moradores da cidade de João Pessoa – PB*. **Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, 6 (17), pp.58-86.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. (2007). *Imaginário Social e Sentimentos de Medo na cidade de João Pessoa, PB*. **Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, 6 (17), pp. 424-465.

KUMAMOTO, Gelse Yury. (2005). *Confissões Urbanas: Cultivo da alma da cidade*. Monografia apresentada ao curso de Psicologia do Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da UFPR, como requisito de conclusão de curso. Curitiba.

KOWARICK, Lúcio. (2002). *Viver em Risco – Sobre a vulnerabilidade no Brasil Urbano*. **Novos Estudos**, n. 63, pp. 9-30, julho.

LEDRUT, Raymond. (1971). *Sociologia Urbana*. Ed. Forense, Rio de Janeiro, 1971.

LEFEBVRE, Henri. (1991). *A vida cotidiana no mundo moderno*. São Paulo, Ática.

LEANDRO, Aldo Gomes. (2006). *O turismo em João Pessoa e a construção da imagem da cidade*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, UFPB, Setembro.

MAIA, Benedito. (1992) *Prefeitos de João Pessoa*. João Pessoa, Ed. EGN – 2ª edição.

MAIA, Doralice Sátyro. (2000). *Tempos lentos na cidade: Permanências e transformações dos costumes rurais em João Pessoa – PB*. Tese. São Paulo, Departamento Geografia – USP.

MAIA, Doralice Sátyro. (2006). *Uma cidade em (Re)construção: A cidade da Parahyba no século XIX*. **Scripta Nova –Revista Eletrônica de Geografia y Ciências Sociales**. Universidade de Barcelona, Vol. X, n. 218 (38), 1 de agosto.

MALAQUIAS, Josinaldo José Fernandes. (1999) *Informação e Cidadania na Penitenciária e Presídio do Roger*. 151f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Informação) – Centro de Ciências Sociais e Aplicadas, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 1999.

MALDONADO, Simone. (1996). *Georg Simmel: uma apresentação*. In, **Política & Trabalho**, n. 12, pp. 05 - 09, Setembro.

MALINOWSKI, Bronislaw. (1976). *Os argonautas do Pacífico Ocidental*. Abril Cultural, São Paulo.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. (2007) *De Perto e de Dentro: Notas para uma Etnografia Urbana*. **NAU: Núcleo de Antropologia Urbana da USP**. Disponível em <http://www.n-a-u.org.depertoedentro.html>. Extraído dia 23-03-2007.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. (1996). *Na metrópole: textos de antropologia urbana*. São Paulo, Fapesp.

MAYOL, Pierre. (1998). *Bairro*. In, **A Invenção do Cotidiano**. DE CERTEAU, Michel de. (Org.) Vol. 2, *Morar, cozinhar*. 2ªed, Petrópolis, Vozes.

MARX, Karl. (1980). *Condições históricas da reprodução social*. In, **Karl Marx: sociologia**. Octávio Ianni (org.). Coleção Grandes Cientistas Sociais. São Paulo, Ática.

MARX, Karl. (1983). *O Capital*. Vol. 1. Coleção Os Economistas, São Paulo, Abril Cultural.

MEDEIROS, Coriolano de. (1994). *O Tambiá de Minha Infância – Sampaio*. SEC-PB, Ed. A União.

MELLO, José Octavio de Arruda. (2006). *Os Italianos na Paraíba – da capital ao Interior*. João pessoa, ed. União.

MELLO, José Octavio de Arruda. (2000). *O Problema do Estado na Paraíba: da Formação à crise*. Campina Grande, Ed. Eduerp.

MELLO, José Octávio de Arruda (Coord.). (1987). *Capítulos da História da Paraíba*. Campina Grande, Ed. Grafset.

MENEZES, Marluci. (2000). *Do Espaço ao Lugar. Do lugar às Remodelações Sócio-Espaciais*. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 6, n. 15, p. 155 – 175, junho.

MOREIRA, M. F. A. R. ; ALBUQUERQUE, D. M. (1999). *Um Recorte da periferia urbana em João Pessoa, Paraíba: Lixão do Roger*. In: 8º Congresso Nordeste de Ecologia (Re) pensando o futuro. Ambiente XXI, 1999, Recife-PE. Impactos Ambientais -01-06-1999.

MOURA, Cristina Patriota. (2003). “Vivendo entre muros: o sonho da aldeia” in Velho, Gilberto e Kuschnir, Karina (2003) *Pesquisas Urbanas. Desafios do trabalho antropológico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. pp.43-54.

PARK, Robert Ezra. (1979). *A Cidade: Sugestões para a investigação do Comportamento Humano no Meio Urbano*. In, O Fenômeno Urbano. VELHO, Otávio G. (org.). Rio de Janeiro, Zahar editores, 4ª- ed.

PEIRANO, Mariza. (1992). *A Favor da Etnografia*. **Série Antropologia**, n. 130, Brasília.

POLLAK, Michael. (1989). *Memória, Esquecimento e Silêncio*. FLAKSMAN, Dora Rocha (Trad.) **Estudos Históricos**, v. 2, n. 3, pp. 3-15, Rio de Janeiro, 1989.

POLLAK, Michael. (1992). *Memória e Identidade Social*. Monique Aguras (Trad.) **Estudos Históricos**, vol. 5, n.10, pp. 200-212, Rio de Janeiro.

RODRIGUES, Janete Lins. (1985). In, AGUIAR, Wellington e OCTÁVIO, José (org). *Uma cidade de quatro séculos - evolução e roteiro*. João Pessoa: A União Editora.

RODRIGUES, Gonzaga. (1997). *Filipéia e Outras Saudades*. João Pessoa, Ed. União.

SANTOS, Sandra Regina Rodrigues dos. (2001). *A Morte e os Rituais Fúnebres no bairro do Roger*. João Pessoa, Monografia defendida no CCS/UFPB.

SANTOS, Milton.(1995). *Raison universelle, raison locale. Lês espaces de la rattionalité*. Espacies et sociétes. Paris, nº79, pp. 129 – 135, L'Harmattan.

SARTI, Cynthia Andersen. (1994). *Ambivalência entre iguais: uma discussão sobre a moral dos pobres*. Trabalho apresentado no XVIII Encontro Anual da ANPOCS. Caxambu.

SCHULZ, Christian (1992). Norberg. *Genius Loci*. Milano, Electa.

SILVA, Andréia Vieira da. (2004). *Sob a ótica do Medo: Um estudo de caso no bairro do Estados, João Pessoa-PB*. João Pessoa, Monografia defendida no CCS/UFPB.

SILVA, Rivamar Guedes da. (2003) *Tambiá – medo, cultura e sociabilidade. Um estudo sobre o bairro de Tambiá, João Pessoa- PB*. João Pessoa, Monografia defendida no CCS/UFPB.

SILVA, Patrick César. (2006). *Memória Social e Sentimento de Pertença: Um estudo sobre o Parque Solon de Lucena, João Pessoa, PB*. João Pessoa, Monografia defendida no CCS/UFPB.

SILVA, Alzení Gomes da. (2006). *O Turismo e as transformações sócio-espaciais na comunidade de Nossa Senhora da Penha em João Pessoa – PB*. João Pessoa, Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFPB, Setembro.

SILVA, Lígia M. Tavares da (1997). *Forma urbana e cotidiano na evolução de João Pessoa*. **Saeculum** n. 3, pp. 161 a 186.

SIMMEL, Gerog. (1964). *O Indivíduo e a Díade*. In, Fernando H. Cardoso e Octavio Ianni (orgs.), **Homem e Sociedade**. São Paulo, Companhia Editora Nacional.



SIMMEL, Gerog. (1979). *A Metrópole e a Vida Mental*. In, O Fenômeno Urbano. VELHO, Otávio G. (org.). Rio de Janeiro, Zahar editores, 4ª- ed.

SIMMEL, Georg. (1996). *A Ponte e a Porta*. MALDONADO, S. (trad.) In, **Política & Trabalho**, n. 12, pp. 10 – 14, Setembro.

SIMMEL, Georg. (1996). *A filosofia da paisagem*. MALDONADO, S. (trad.) In, **Política & Trabalho**, n. 12, pp. 15 - 24, Setembro.

SIMMEL, Georg. (1999). *O Segredo*. MALDONADO, S. (trad.) In, **Política & Trabalho**, n 15, pp. 221 -225, Setembro.

SIMMEL, Georg. (1998) “O Indivíduo e a Liberdade”. In, Jessé Souza e B. Oëlze, orgs. **Simmel e a Modernidade**. Brasília, Editora da UNB.

SIMMEL, Gerog. (1998). “O dinheiro na cultura Moderna”. In, Jessé Souza e B. Oëlze, orgs. **Simmel e a Modernidade**. Brasília, Editora da UNB.

SINGER, Paul. (1977). *Desenvolvimento Econômico e Evolução Urbana*. 2ª ed. Companhia Editorial Nacional, São Paulo.

SOUSA, Anne Gabriele Lima. (2004). *Tambauí: pertença e fragmentação. Sob uma ótica do medo*. João Pessoa, Monografia defendida no CCS/UFPB.

SOUZA, Alessa Cristina Pereira de. (2003). *Medo e Sociedade: Uma análise do bairro de Cruz das Armas, João Pessoa, PB*. João Pessoa, Monografia defendida no CCS/UFPB.

SOUZA, Leandro Cunha de. (2005). *João Pessoa à noite. Um estudo sobre vida noturna e sociabilidade, 1920 a 1980*. João Pessoa, Monografia defendida no CCS/UFPB.

SOUZA, Jessé. (2001). *A sociologia dual de Roberto DaMatta: descobrindo nossos mistérios ou sistematizando nossos auto-enganos?.* **RBCS**. V. 16, n.45, pp. 47 a 68, fevereiro de 2001.

SOUZA, Jessé. (2005) *(Sub)Cidadania e Naturalização da desigualdade: Um Estudo sobre o imaginário social na modernidade periférica*”. **Política & Trabalho**. N. 22, pp. 67-96, Abril.

TAYLOR, S. J. e BOGDAN, R. (1984). *Introducción a los métodos qualitativos de Investigación*. Barcelona, Ediciones Piados Ibérica.

TAVARES, Davi Kiermes. (2007). *Cotidiano, Morte e Sociabilidade numa localidade de periferia de Recife*. **Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, 6 (17), pp. 551-575, Agosto.

THOMPSON, Paul. (2002). *A Voz do Passado, História Oral*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 3ª ed.

VELHO, Gilberto. (1978). *Observando o Familiar*. In, Edson de Oliveira Nunes, Org. **A Aventura sociológica**. Rio de Janeiro, Zahar, pp.36 a 46.

VELHO, Gilberto. (1986). *Cultura enquanto heterogeneidade: Biografia e Experiência Social*. In, **Subjetividade e Sociedade, uma Experiência de geração**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, pp. 49 a 56.

VELHO, Gilberto. (1987). *Projeto, Emoção e Orientação em Sociedades Complexas*. In, **Individualismo e Cultura**. 2ª- ed, Rio de Janeiro, Zahar, pp. 13 a 37.

OTÁVIO, Velho. (1996) *Valores Sociais, modernidade e movimentos sociais, vistos da perspectiva dos processos de globalização*. In Actas do III Enc. Luso-Afro-Brasileiro de C. Sociais: Dinâmicas multiculturais novas faces, outros olhares, Lisboa, Vol I, pp. 57-64. 1996

VILAR, Márcio da Cunha. (2001). *Medo na Cidade. Uma experiência no Porto do Capim*. João Pessoa, Monografia defendida no CCS/UFPB.

WEBER, Max. (1974). *Sobre a Teoria das Ciências Sociais*. Lisboa, Presença.

WEBER, Max. (2003). *A Ética protestante e o Espírito do Capitalismo*. São Paulo, Martin Claret.

WHYTE, William Foote. (1990). *Treinando a Observação Participante*. In: GUIMARAES, Alba Zaluar. **Desvendando Máscaras Sociais**. Rio de Janeiro, Francisco Alves.

WIRTH, Louis. (1979). *O Urbanismo como Modo de Vida*. In, **O Fenômeno Urbano**. VELHO, Otávio G. (org.). Rio de Janeiro, Zahar editores, 4ª- ed.

ZAMBONI, Vanessa. (2006). *Percorrendo as marcas de distintas temporalidades no bairro do Bonfim: exercício de etnografia nas ruas de um bairro*. **Iluminuras**, n. 82, pp. 1-23.

# **ANEXOS**

## Catadores de lixo ganham núcleo de triagem no Róger

10h15 29/07/2005

Os catadores de lixo reciclável do antigo Lixão do Róger ganharam na manhã desta quinta-feira (28), um o Galpão de Triagem de Coleta Seletiva. O espaço receberá materiais dos grandes geradores de detritos, a exemplo de empresas, bancos e shoppings, e vai contribuir diretamente no aumento da renda dos integrantes da Associação dos Trabalhadores de Material Reciclável (Astramare). O Galpão de Triagem de Coleta Seletiva foi inaugurado pelo vice-prefeito de João Pessoa, Manoel Junior (PMDB), mais o cônsul do Japão no Recife, Takeshi Goto, além do superintendente da Autarquia Especial Municipal de Limpeza Urbana (Emlur), Alexandre Urquiza, representantes da Cáritas Brasileira e catadores. O equipamento foi construído com recursos de R\$ 243,5 mil, provenientes do governo do Japão e contou com o apoio da Prefeitura Municipal de João Pessoa (PMJP) e da Astramare. Integrantes do Consórcio Social da Juventude da Grande João Pessoa, ligados ao Centro Dom Hélder Câmara, realizaram o trabalho de pintura e ambientação do local. O cônsul do Japão no Recife, Takeshi Goto, veio conhecer o galpão de triagem e se disse satisfeito em saber que o empreendimento e os equipamentos como balança, elevadores e prensas vão possibilitar o aumento na renda dos catadores. "Desde os anos 80, o Japão vem investindo em ações de preservação do meio ambiente e de reciclagem do lixo. "Nos últimos anos, o governo japonês tem investido em ações de preservação em outros países e aqui em João Pessoa encontramos um ambiente favorável, tanto do ponto de vista social quanto ecológico", explicou. O superintendente da Emlur, Alexandre Urquiza, informou que o diferencial do galpão de triagem é que ao invés do catador ir de casa em casa para recolher serão ampliadas as parcerias com empresas para que o lixo gerado - como papel, plásticos ou garrafas - seja direcionado a esse núcleo. "Isso vai agregar valor ao material que será vendido diretamente para empresas com um valor mais elevado", acrescentou. Já Antônio Batista, que trabalha há dois anos como catador no Núcleo de Coleta Seletiva do Róger, aprovou a iniciativa e espera que melhore a situação financeira dos associados. "Atualmente existem muitos catadores informais na cidade disputando o lixo nas ruas. Por isso, a nossa renda aqui no Róger não ultrapassa R\$ 200,00 por mês".

FONTE: Portal de Notícias da PMJP.

## Urubus do antigo Lixão continuam "por perto"

*Domingo, 21 de Agosto de 2005 10h10*

No último dia 5 completou dois anos que o lixo de João Pessoa deixou de ser depositado no Roger. Em agosto de 2003, o espaço de 17 hectares, que antes acumulava os detritos da cidade, deu lugar para um Parque Ecológico. E os dejetos passaram a ser levados para o aterro sanitário de Mussurú.

Várias famílias catavam comida no Roger e eram obrigadas a dividir espaço com os urubus. Com o fim do lixão, as aves e os catadores também mudaram de destino.

Por ser animais que se alimentam exclusivamente de material em decomposição, os abutres eram atraídos ao Róger pela fartura de lixo e comida estragada. No entanto, o zoologista Tomás Pires, que também é diretor do Parque Arruda Câmara (Bica), acredita que mesmo com o fim do lixão, os urubus não se distanciaram muito do Róger.

Ele explicou que essas aves vivem em bandos e viajam sempre ao lado de toda a família. Mas na hora da alimentação, existe um segredo entre elas: "O machos deixam a fêmea e os filhotes no ninho e vão em busca de comida. Quando eles acham alguma carcaça, voltam e chamam a família para se alimentar".

O lixão do Roger, como ficou conhecido o depósito, existia há 45 anos e era endereço de muitas pessoas. No local, foram levantados vários barracos de madeira e papel, que serviam de moradias tanto para adultos como para crianças. Ao redor desses casebres, ficavam as montanhas de lixo e os bandos de urubus.

Sempre que um caminhão chegava para descarregar, uma verdadeira competição se formava entre os catadores, que saíam em busca dos alimentos. Além de disputar entre si, as famílias também dividiam comida com os urubus, que faziam plantão no local.

FONTE: Jornal O NORTE Online.

## Tentativa de resgate causa tumulto e tiroteio no Róger

17/03/2007 às 13:05



### Cláudia Carvalho

A madrugada e a manhã deste sábado foram de tensão no presídio do Róger, em João Pessoa. O Serviço de Inteligência do 1º Batalhão da Polícia Militar recebeu a informação a respeito de uma tentativa de resgate dos detentos conhecidos como "Anderson Pitbull" e "Tapa no Ovo" e montou campanha para esperar os marginais que iriam retirar o presidiário do local. Eles pretendiam entrar no Róger pelo muro ao lado da guarita 6, mas foram barrados pela ação policial.



Isaquiel Felino da Silva

Dois veículos - um Fiat Uno vermelho e um Escort azul - foram bloqueados pela PM quando chegavam ao Presídio do Róger por volta das 3 horas de hoje.

A coordenação do Sistema Penitenciário, Cosipe, informou que doze pessoas, das quais uma mulher loira, conhecida como Jane, estavam a bordo dos dois automóveis. Fortemente armados com pistolas, metralhadoras de mão e fuzis, eles reagiram atirando na Polícia.

Moradores das proximidades do presídio informaram que a troca de tiros durou mais de uma hora e aterrorizou a vizinhança da comunidade Asa Branca.

Quase todos os marginais que iriam resgatar Anderson Pitbull conseguiram fugir. O grupo que estava no Uno vermelho teve mais dificuldade porque entrou em uma rua sem saída, a Dirce Gomes da Silveira, e teve que deixar o local a pé. Um dos bandidos foi localizado hoje de manhã no bairro de Padre Zé, depois de ser visto por moradores, correndo pelo manguezal com uma arma na mão. Trata-se de Isaquiel Felino da Silva.

Ele contou que Jane seria a líder do bando de resgate e que a ação teria sido contratada por R\$ 10 mil: "Ela era que ia dar o dinheiro".

Dentro do presídio os detentos, irritados pela fuga abortada, iniciaram uma troca de tiros com os guardas. Dois apenados, cujos nomes não foram informados pela Secretaria de Administração Penitenciária, acabaram feridos, um deles com um disparo no pescoço.

A energia elétrica do Presídio do Róger foi cortada e uma operação de segurança está sendo realizada para identificar onde estão as armas. Três pistolas foram encontradas no Pavilhão 2 e segundo o Secretário de Administração Penitenciária, Pedro Adelson, Anderson Pitbull assumiu a liderança do motim.

## Depósito é arrombado no Róger

- **FERNANDO IVO**

Um depósito de móveis situado no bairro do Róger, em João Pessoa, foi arrombado por assaltantes e moradores das imediações. Desta vez, os ladrões não utilizaram nem carro, nem moto e, sim, uma carroça de tração animal. O assalto aconteceu por volta das 18 horas, da quinta-feira, na rua Gouveia Nóbrega. Segundo o empresário Jânio da Silva Nascimento, dono dos móveis, o prejuízo inicial está orçado em mais de R\$ 8 mil. Policiais militares estiveram no lugar, mas nenhum dos acusados foi localizado.

Os assaltantes arrombaram duas grades que davam acesso ao depósito, de onde tiraram vários móveis novos e desmontados. A ação durou mais de 20 minutos e atraiu a atenção de moradores do bairro, que se aproveitaram da situação para levar mesas, cadeiras e armários de cozinha. O depósito não possui vigilante e fica em uma rua de pouco fluxo de carros e pedestres.

Ao perceber a movimentação no lugar, o vigilante que trabalha em uma escola próxima viu a movimentação e ligou para o proprietário que avisou o Centro Integrado de Operações Policiais (Ciop). Os assaltantes perceberam a presença do vigia e saíram às pressas do lugar. Um deles já estava passando pelas ruas do bairro, oferecendo os produtos a um preço inferior ao do mercado.

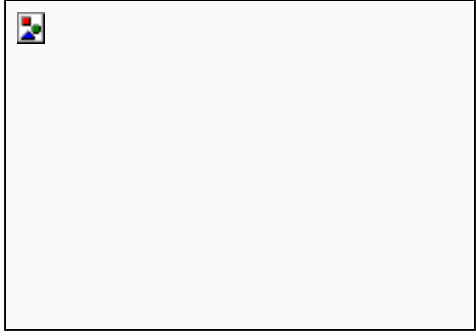
Os policiais militares ao chegarem no lugar não encontraram mais ninguém. Rondas foram feitas no bairro e um dos homens acusados de comprar os objetos foi preso e levado para a 2ª Delegacia Distrital. O morador José Sebastião Medeiros comprou um conjunto de cadeiras, ao preço de R\$ 50. Ele foi autuado por receptação de bens roubados e, após pagar fiança, foi liberado. Jânio da Silva afirmou que ainda não há como calcular o prejuízo total, pois terá que fazer um levantamento dos bens roubados. A polícia investiga o caso e acredita que os produtos já tenham sido repassados entre os próprios moradores do Róger.

## Catador de lixo é assassinado a facadas no Róger

18/08/2006 às 09:35



O catador de lixo Severino Dias Bezerra, de 52 anos, se entregou à polícia após assassinar a golpes de faca seu companheiro João Francisco de Araújo, 45 anos. O crime aconteceu no bairro do Roger, por volta das 19 horas desta quinta-feira. Uma discussão teria motivado o assassinato.



Quando retornavam para casa, após passarem o dia bebendo, os dois iniciaram uma discussão e a vítima teria agredido fisicamente o acusado. De acordo com Severino Dias Bezerra, por estar desfavorecido fisicamente para revidar a agressão, ele sacou uma faca e golpeou João Francisco de Araújo no peito.

O acusado se apresentou na Central de Polícia instantes após o crime e foi levado para a 2ª Delegacia Distrital, onde foi autuado em flagrante por homicídio.

FONTE: PORTAL PARAIBA.COM